

REVISTA DE

Psicanálise Integral

Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco e Faculdade Nossa Senhora de Todos os Povos -EAD
em convênio com a Sociedade Internacional de Trilogia Analítica

VOLUME 33 • NÚMERO 39 • DEZEMBRO 2022 • PUBLICAÇÃO SEMESTRAL • ISSN 0102-4205

REVISTA DE PSICANÁLISE INTEGRAL • VOLUME 33 • NÚMERO 39 • DEZEMBRO 2022



O ser humano foi criado para a felicidade e a glória - e não para a situação em que se colocou agora. Por isso, padece de uma escolha errada, que o tornou infeliz, porque saiu de sua verdadeira posição.

A GLORIFICAÇÃO - Norberto R. Keppe



Proton Editora

NE (Nota Editorial):

Para se adequar ao Padrão Internacional de Publicações Científicas, a presente edição da Revista de Psicanálise Integral substituiu o termo ano (de publicação) para a palavra volume, mais utilizada em tais publicações.

NE: Para fazer referências aos artigos de edições anteriores da Revista de Psicanálise Integral sugiro que o número referente ao ano seja utilizado como volume, da seguinte forma, por exemplo: ano 28, número 32 para: Vol. 28, No. 32, ou 28(32).

NE: Os números das revistas continuarão em sua ordem cronológica, para manter o padrão sequencial adotado desde a primeira edição.

NE: Os títulos e resumos se apresentarão em dois idiomas: 1º) português e 2º) inglês, respectivamente, para seguir o Padrão Internacional de Publicações Científicas.

NE: As mudanças a partir desta edição não se limitaram a estes aspectos formais, mas também houve uma adequação de conteúdo, nos vários textos publicados, aos Padrões Científicos Internacionais.

Expediente

Capa: Carlos Mocaggatta

Ilustração da capa: obra de John H. Stephens Jr.

Revisão: Maurício Domingues, Maria Regina Teixeira Weckwerth

Diagramação: Mara Lúcia Szankowski

Tratamento de imagens: J.P.Cardoso

© Todos os direitos de publicação reservados à Sociedade Internacional de Trilogia Analítica. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, estocada em sistema de memória, ou transmitida por nenhuma forma ou meios, sejam eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou de gravação, sem a citação de sua fonte.
www.keppepacheco.edu.br | www.trilogiaanalitica.org
www.editoraproton.com.br
contato@keppepacheco.edu.br | contato@trilogiaanalitica.org
proton@editoraproton.com.br

ÍNDICE

Editorial.....	3
A Glorificação	5
<i>Norberto R. Keppe</i>	
A Receita da Felicidade	19
<i>Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco</i>	
A Filosofia Existencialista na poesia de César Vallejo	24
<i>Rocio del Pilar Lozano Torres</i>	
O Processo de Ensino e Aprendizagem à Luz da Trilogia Analítica	43
<i>Denilson Teixeira, Simone Furtado, Eunice Guimarães de Souza, Iara Dantas</i>	
Sair ou Ampliar a Zona de Conforto, uma nova Perspecti- va à Luz da Trilogia Analítica	73
<i>Isabel Macarenco, Márcia R. F. Sgrinelli</i>	
Como Identificar e Lidar com a Intriga Feminina no Am- biente de Trabalho	87
<i>Jéssica Áurea Dias</i>	

O Diálogo Interreligioso de Ramon Llull	100
<i>Maria Regina T. Weckwerth</i>	
O Vulto de Cristo entre História, Política e Teologia	121
<i>Aurélio Lima Correia</i>	
Morre na Itália, o Prof. Antonio Mercúrio, criador da Universidade Sophia de Roma	149
Sobre as Faculdades Trilógicas	152
Sobre a Proton Editora	158

EDITORIAL

Os últimos dias deste ano de 2022 vêm chegando ao fim e a Sociedade Internacional de Trilogia Analítica vem nos brindar com mais esta edição da Revista de Psicanálise apresentando interessantes e importantes artigos que nos levem a elevar nossos pensamentos, refletindo e iluminando nossas atitudes em busca da felicidade e glória para os quais fomos criados, conforme nos descreve e esclarece Dr. Norberto R. Keppe em seu artigo a Glorificação, seguido do trabalho escrito por Dra. Claudia Bernhardt de S. Pacheco, A Receita da Felicidade, no qual nos expõe todas as barreiras construídas por nós no sentido de fazer “desandar o bolo”, digamos assim. Ambos os artigos complementam-se, num convite ao exercício da gratidão por tudo o que recebemos e temos à nossa disposição para usufruir de toda a beleza, bondade e verdade doada por nosso Criador.

Na sequência seguem ainda vários outros artigos refletindo aspectos de natureza variada que acompanham e circundam nossas vidas, quer na poesia, na educação, no convívio diário no ambiente de trabalho e socialização, enriquecendo nossa espiritualidade, nosso aprendizado de bem viver, tornando-nos multiplicadores desse bem para a humanidade.

Boas Festas!

A GLORIFICAÇÃO GLORIFICATION

Norberto R. Keppe¹

RESUMO

O ser humano foi criado para a felicidade e a glória - e não para a situação em que se colocou agora. Por isso, padece de uma escolha errada, que o tornou infeliz, porque saiu de sua verdadeira posição. Ele não nasceu para o opróbrio, mas para a luz e para a glória: quando falamos da pobreza e miséria, que campeiam o mundo, estamos nos referindo ao resultado de nossa inveja e alienação. O que o ser humano tem de real, de bom e de maravilhoso, jamais se extinguirá. Este é o nosso verdadeiro destino; basta aceitá-lo.

Palavras-chave: Teologia, Filosofia, Ciência, Espiritualidade, Transcendência, Psicopatologia, Verdade, Beleza, Bondade.

ABSTRACT

The human being was created for happiness and glory - not for the situation he is now in. Therefore, he suffers from

1. Psicanalista, Filósofo, Pedagogo, Cientista Social, Pesquisador independente de Energética (Nova Física), Escritor, Fundador e Presidente da SITA - Sociedade Internacional de Trilogia Analítica (Psicanálise Integral), integrou as áreas da ciência, filosofia e espiritualidade, criando um novo campo chamado de Trilogia Analítica (psicossociopatologia). Criador da Tecnologia de motores ressonantes - Keppe Motor. Doutor Honoris Causa.

a wrong choice, which has made him unhappy, because he has left his true position. He was not born for opprobrium, but for light and glory: when we speak of the poverty and misery, which pervade the world, we are referring to the result of our envy and alienation. What is real, good and wonderful about the human being will never be extinguished. This is our true destiny; we just have to accept it.

Keywords: Theology, Philosophy, Science, Spirituality, Transcendence, Psychopathology, Truth, Beauty, Goodness.

Assim como, pela vontade, abandonamos a verdade, pela própria vontade poderemos voltar a ela. Um dia privamos-nos da realidade e passamos a viver na angústia e aflição; alguns têm menos culpa e são mais honestos (em sua procura da verdade), outros são menos sinceros, aumentando sua distanciação da realidade, caindo nas psicoses mais graves.

Aconteça o que acontecer, o ser humano constitui uma semelhança muito grande com o seu Criador, que inclui identidade com a sua beleza, bondade e veracidade. Assim sendo, por mais que faça, jamais deixará de ser magnificante em sua origem. Por este motivo, a fé é o que há de mais importante, pois ser fiel para com a verdade (que é o nosso impulso básico) é o que de mais grandioso existe. A verdade não está apenas em um templo, universidade ou instituição; ela está em toda parte, principalmente, no próprio interior (psicológico). Deste modo, o meio para vivê-la, plenamente, é pela aceitação da vida psíquica, que carrega tão incrível realidade.

O cristianismo diz que o ser humano foi criado para dar glória a Deus e, como foi feito segundo sua imagem e semelhança, deduz-se que ele existe para chegar à glorificação, juntamente com Deus. Se fosse para possuir uma glória par-

ricular, ela seria insignificante, mas, para participar da glória de Deus, de tal modo somos elevados, que não pode haver palavra que explique tal dimensão.

O ser humano foi criado para a felicidade e a glória - e não para a situação em que se colocou agora. Por este motivo, padece de uma escolha errada, que o tornou infeliz, porque saiu de sua verdadeira posição. O homem (mulher) não nasceu para o opróbrio, mas para a luz e para a glória: quando falamos da pobreza e miséria, que campeiam o mundo, estamos nos referindo ao resultado de nossa inveja e alienação; as favelas brasileiras e os campos de concentração europeus são o resultado de nossa atitude de oposição ao que somos verdadeiramente, criaturas herdeiras do que é divino.

Por mais alto que pensemos, por mais beleza e grandiosidade que imaginemos, é quase nada, diante de tudo o que é realmente magnífico, belo e radioso. Poderemos ter algumas intuições a respeito do Criador, que são imagens esmaecidas - mas olhá-lo de frente depende do grau de conscientização que aceitarmos. Não há dúvida de que fazemos parte de uma maravilhosa realidade: basta olhar ao redor, ou a si mesmo, ouvir os sons, sentir os perfumes, digerir o alimento, perceber na pele a água e o sol; basta não negar o que temos diante de nós.

Tudo o que existe constitui uma glória para Deus e para nós; Ele, em um transbordamento de amor, quis agraciar outros seres, com a mesma felicidade que vivia; então, criou os anjos e o universo com os seres humanos _ que são bilhões de trilhões, nos planetas de todas as galáxias, jogados no espaço, que giram sedentos de amor ao redor do seu Criador.

Este nosso planeta poderá ter rapidamente um extraordinário desenvolvimento, se deixarmos de virar as costas à verdade. Não apenas no campo dos conhecimentos, como no científico e, principalmente, no religioso, teremos, repenti-

namente, um enorme desabrochar. O que acontece, atualmente, é o que os povos costumam dizer: “O que destruimos na vigília, Deus reconstrói à noite, enquanto dormimos”.

Assim como, pela vontade, o ser humano afastou-se de Deus, também pela própria vontade, poderá reaproximar-se novamente dele e, de tal maneira, que conseguirá até anular algumas consequências desastrosas de tal afastamento. Vou dar alguns exemplos: a capacidade de levitação observada em muitas pessoas e em Teresa de Ávila; a precognição, comum em todos os indivíduos místicos, como em José do Egito; a telepatia, fenômeno mais usual; o dom das curas, que a maioria dos apóstolos de Cristo praticou; a telecinesia, o transporte para outras regiões, que Antônio, de Portugal, realizava.

A glorificação existe, pois muitas criaturas já participam dela, isto é, todas as que a aceitam. Parece incrível o que estou dizendo: como muitas pessoas podem rejeitar uma posição de glória? No entanto, é um fato mais comum do que imaginamos. É só aceitar que se pertença a um outro Ser e que nós somos participantes, e não criadores - que a glorificação está ao alcance das próprias mãos; é só apanhá-la.

Deus é a riqueza, Deus é o amor, é o bem integral; Deus é a luz, tudo o que existe; Deus é a compaixão e a aceitação de todo e qualquer erro que o ser humano faça. Deus é a alegria, a felicidade total.

Durante quase toda a minha vida, ao ler os Evangelhos, ao participar de cerimônias religiosas, sempre tive a impressão de que Deus queria o nosso sacrifício e sofrimento para que, um dia, participássemos com Ele da glória eterna. Porém, há dois anos, deparei com um conceito dos tempos do apogeu do cristianismo, que dizia ser o “mal apenas a privação do bem”, parece que emitido pela primeira vez por

Orígenes, mas, já prenunciado por Taciano, no século II, ao falar que “nenhum erro foi criado por Deus, mas nós mesmos é que produzimos nossos males”.

Tenho impressão de que Cristo sentia, falava e agia de uma maneira; seus seguidores, apóstolos, doutores e nós agimos, dizemos e sentimos de modo bem diferente. É fácil de explicar tal diferença: Cristo era Deus e Homem, mas não o homem que somos, obnubilados e confusos; Ele foi, mesmo como ser humano, perfeito. Como diz a própria psicologia: “cada um entende (recebe) uma mensagem como é”; foi fácil modificar a máxima figura de toda a história da humanidade.

É claro que o povo quer seguir o Deus verdadeiro; então, afasta-se dos que pregam um Deus errado. O povo não quer alteração da doutrina; ele quer entender, sentir e trabalhar com o Deus real, porque tem a verdade dentro de si, e a conhece bem.

Cristo disse que a sua lei era que o “ser humano amasse ao próximo como a si mesmo”; “que amasse até os próprios inimigos”; “quando alguém quisesse sua capa, desse a túnica também”; “quando o obrigasse a andar cem metros, andasse duzentos”; “quando batesse de um lado, oferecesse o outro lado do rosto também”. Eu pergunto agora: quem é o outro? É cada um de nós, isto é, o que fazemos para o próximo é exatamente o que realizamos conosco mesmos. Deste modo, Cristo estava dizendo: faça isto para si próprio, ajude-se, ame a si mesmo, respeite-se, pois toda a humanidade é você também.

Outra pergunta me ocorre: Cristo falava por parábolas, isto é, indiretamente; por que motivo? Eu sei que, conforme disse, era para que muitos, ao ouvi-lo, não entendessem. No entanto, basta o mínimo de atenção, para captar toda a sua mensagem - uma pequena parada no processo de fuga que fazemos.

Se o que Cristo nos indicou, geralmente não coincide com o que pensamos, ou desejamos, um dos dois está errado - com toda certeza nós. E, se há uma atitude, ou maneira de pensar oposta, acredito que chegou o momento para saber o que se passa.

A verdade, o bem e o belo são eternos, senão não poderiam ser assim; desta maneira, o que o homem tem de real, de bom e de maravilhoso, jamais se extinguirá. Este é o nosso verdadeiro destino; basta aceitá-lo.

1 - A ASPIRAÇÃO MÁXIMA DO SER HUMANO É A SANTIFICAÇÃO.

Queira ou não, o ser humano tende invariavelmente para a santificação, porque somos sãos (santos), no fundamento, e não apenas sãos, como belos e bons. Deste modo, não existe uma pessoa que não queira o que é, pela origem e criação - é a mesma atração, que faz as plantas brotarem para o alto, e os pássaros se lançarem ao céu, pelo voo.

Uma pessoa pode ser feliz com a alienação? É possível sentir-se bem com a rejeição à realidade?

Quando se fala de um indivíduo alienado, a primeira impressão que se tem é de quem está fora do mundo, porque não teve as oportunidades que os outros tiveram, para viver melhor. No entanto, verificando bem, notaremos que as pessoas mais renitentes, paradas e apáticas, são também as mais invejosas que existem - elas estão assim, devido a um grande esforço que fazem para estancar a vida, para impedir o desenvolvimento e a realização.

Tenho dito milhares de vezes que não existe diferença entre alienação e inveja, não apenas no sentido etimológico, como no real; praticamente, ser alienado é ser invejoso - algo

profundamente ativo, só que, no seu sentido contrário, isto é, de impedir, estorvar a existência.

Podemos dizer que a doença, principalmente a psicopatologia, é pura representação, algo como uma máscara, que se coloque sobre o rosto, ou uma encenação, que se realize em um palco, para receber aplausos, ou apupos, quando mal representada; um monumento, livros de história sobre seus feitos, ou a abominação dos pósteros.

O maior engano, entre todos, é o da inversão, que fazemos, entre a virtude e o chamado pecado. Diante da verdade, poderemos ter uma atitude de inversão ou outro de conversão. E, como a própria palavra diz, inverter é o ato de transtornar, de colocar a realidade de pernas para o ar - e a conversão é a atitude de estar com a versão, isto é, de aceitar a coisa exatamente como é. No entanto, esse termo nos dá a ideia de passar a viver ao contrário - e não o certo, como realmente é.

Só é possível uma ascensão, através da aceitação do que a consciência nos mostra, que é a grande revelação sobre o relacionamento, entre o ser humano e o divino. Tudo o que existe, tudo o que fazemos, pensamos ou desejamos tem origem nesse eterno fenômeno.

Estamos mergulhados de corpo e alma no Criador; às vezes, eu me pergunto: por que Ele não disse claramente tal fato? Será devido ao desejo de ter toda a nossa aquiescência, para aceitá-lo? De outro lado, Ele nos considera, não só como filhos, mas irmãos e amigos. Assim sendo, não podemos ser diferentes dele próprio que, sendo formado por três Pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo), não podem viver separados. Exatamente o mesmo acontece conosco; não poderemos viver desligados de Deus, simplesmente porque não somos donos da vida e, em nós, ela só pode existir enquanto o Ser

Divino a está criando. Por esse motivo, também podemos afirmar que nossa existência depende de uma criação contínua, segundo por segundo. Também não podemos alegar que não sabemos de tal fato, pois cada vez que estamos em perigo invocamos o Criador.

Desde o primeiro segundo, em que recebemos a vida, começamos a participar da glorificação; primeiro daquele que nos criou; depois da própria existência, que passamos a ter, à semelhança dele.

2 - NÓS PODEMOS ESCOLHER: SOMENTE VER OU PARTICIPAR DA GLORIFICAÇÃO.

De qualquer modo que vivamos, estamos participando da glorificação; nosso corpo e psique, o pensamento, sentimento e ação constituem um ato contínuo de glória ao Criador. Não podemos viver um só momento sem a sua ação; a Terra e a Lua, as estrelas e todos os astros do espaço são uma só e contínua demonstração de toda a magnificência de Deus.

Tudo o que foi criado tem, em sua essência, o mesmo sentido de seu Criador, isto é, de luz, beleza e bondade, como o reflexo do que é muito belo e muito mais ainda do que isso; tudo o que existe é um hino de amor à bondade daquele que é o Supremo Bem; tudo, absolutamente tudo que existe, é um arrebatamento, uma sofreguidão de afeto, um transbordamento de amor da Verdade Absoluta.

Podemos escolher: somente ver tudo isso, ou participar dele, porque somos possuidores de uma vontade que tem liberdade para aceitar ou para negar, omitir e deturpar toda a glória, que há no Céu e na Terra e, principalmente, em nosso interior, se nos aceitamos como um elo entre um e outro. Até em seus erros, o ser humano está revelando a glória de

Deus porque, vendo-os, notamos o enorme contraste com a perfeição divina.

Entre tudo o que existe, o ser humano é o que há de mais perfeito, quanto à sua origem e estrutura, porque fomos criados à imagem e semelhança da perfeição absoluta (Deus). De modo que tudo o que possuímos, basicamente, constitui uma luz do Criador, sobre a Terra, que deve iluminar todo o restante. Esse fato deveria ser o mais comum; porém, a criatura humana nem sempre se aceita como um farol de Deus, enegrecendo sua luminosidade. Este é o motivo de seu sofrimento - recusar a glória para que foi destinado.

Nas famílias, é muito comum haver um filho, ou outro, que recuse as riquezas dos pais, virando as costas ao que poderia lhe dar alegria. Ora, se fazemos isso com o que é mais precioso, como poderemos nos sentir bem?

Eu creio que minha função primordial é justamente esta: esclarecer a inversão que fizemos (cujas causas temos também mostrado), com grande prejuízo para nós mesmos. Será possível que tal atitude seja irreversível? Penso que à medida que for conscientizada a inversão que realizamos, automaticamente, voltaremos para Deus, dono de toda a felicidade.

Toda a literatura, o teatro, cinema e televisão exploram o tema “possessão diabólica”, colocando tal evento em um determinado ritual. Não se pensa que todo indivíduo, que abomine a verdade, automaticamente colocou-se em uma atitude demoníaca - não precisando, evidentemente, estar possuído por uma entidade espiritual; existe uma enorme semelhança entre as pessoas mais doentes, psiquicamente, como os esquizofrênicos, os paranoicos, os depressivos, maníacos, histéricos e epiléticos, com o que imaginamos dessas criaturas diabólicas. Afinal de contas, todos os seres criados

têm uma grande semelhança, que se manifesta, tanto na conduta virtuosa, como na doentia.

Não existe pessoa alguma que não deseje ser perfeita; parece mesmo que esta é a maior aspiração de todo ente criado. Assim sendo, de qualquer maneira, todo ser rende glória ao que é grandioso, mesmo que não participe disto.

O sofrimento é algo artificial; a alegria, autêntica. Temos de distinguir o que existe por si daquilo que fazemos para impedi-lo; este último é o motivo de nossa neurose, isto é, a luta contra a beleza, bondade e verdade, tentando criar um novo universo, um antimundo, em oposição a toda essa coisa incrível que está aí.

3 - A REALIDADE É O QUE EXISTE DE MAIS MAGNIFICENTE PORQUE É A CONJUNÇÃO DA VERDADE, BELEZA E BONDADÉ.

A verdade não é a miséria que campeia este mundo; a verdade não é a neurose, psicose, ou qualquer doença física; a verdade não é a fome, a pobreza, não é o mal-estar, a tristeza, o descalabro - pois tudo isso é justamente a sua privação - mas a verdade é toda a riqueza, sanidade, abundância e magnificência; ela é o bem-estar, a total alegria e satisfação; a verdade é tudo o que existe: a terra, as águas, os mares, os animais e plantas, o ser humano, com sua inteligência, sentimento e capacidade, e toda a sua realização; justamente esta última é que nos torna mais idênticos ao Criador - pois poderíamos desenvolver nosso planeta, e chegar rapidamente a um verdadeiro paraíso, mas o temos destruído sistematicamente com a nossa inveja.

Será que o trabalho se transformou em um castigo para o ser humano, ou foi este último que o transtornou? Parece-me que o esforço, a realização, ao lado da contemplação, é o

que existe de mais valioso para nós, pois este é o motivo principal para o qual fomos criados: ver e trabalhar com a verdadeira realidade humana para, um dia, merecermos contemplar diretamente a divina.

O que se nota nas pessoas mais aflitas é a sua preocupação com coisinhas da vida: apegamo-nos a um fato secundário, a uma empregada que não venha trabalhar, uma dificuldade em estacionar o carro, para não cuidar do essencial. O que o homem poderá realizar, se resolver aceitar a verdade, é algo quase inaudito; é fácil de se ver que o tempo perdido, consumido com as fantasias, se fosse empregado para trabalhar com a realidade, redundaria em um fabuloso proveito.

A finalidade do ser humano é aceitar a realidade para a qual foi criado, que está profundamente impregnada em sua natureza, impelindo-o à sua realização, ou seja, à implantação da verdade, beleza e bondade em todo o universo - pois o que somos, em si, já é toda a perfeição, não havendo necessidade de um processo de evolução, mas sim de aceitação, para não destruir mais o que já destruimos de nossa humanidade. Dentre tudo o que existe, no universo, o ser humano é o seu apogeu, mesmo que não se tenha aproveitado como poderia.

De tal maneira, muitos rejeitam a própria realidade que se sentem estrangeiros consigo próprios. A escolha de uma alienação muito acentuada não é exatamente isso? Nas esquizofrenias graves, os doentes se sentem totalmente divididos, como se tivessem uma outra entidade, participando da mesma existência. Eu atribuo a esse processo o fato de o indivíduo querer desenvolver uma vida paralela, em relação à verdadeira, acabando por criar o hábito de considerar sua fantasia como se fosse real.

Uma multidão de cinco mil pessoas acompanhava Cristo; era tarde, e o lugar em que estava era deserto; as pessoas

tinham fome, e só havia cinco pães e dois peixes. Cristo mandou que todos se recostassem na relva e distribuíssem aquele alimento, multiplicando-o, à medida que ia sendo dado - ao final da refeição, havia doze cestos, só com os seus restos.

Quando ouvimos este fato, admiramo-nos do seu poder; no entanto, a cada segundo que passa, bilhões de sementes germinam, os astros rolam pelo céu, nossos corações batem, devido à sua ação imediata, em tudo isso. E por que não ficamos estupefatos, a cada instante, com tão incrível milagre?

Escolhemos uma visão da existência do tamanho do nosso olhar - o que é muito pouco, quase nada mesmo. Para saber da vida, temos de vê-la com os olhos de Deus e, aí sim, cairemos inebriados de admiração, mudos de espanto.

O ser humano, afastado da verdade, é inteiramente medíocre, limitado; mas, unido a ela, é magnificante, podendo se alçar ao infinito e permanecer eternamente lá. Não fomos criados para a insignificância, mas para toda a grandeza que existe; não podemos mais fechar os olhos para esse delírio de amor e beleza que percorre tudo - e, às vezes, colocamos em alguns objetos secundários, que carregam só parte dessa maravilha.

A verdade, o amor e a bondade são tão onipotentes que pessoa alguma, vontade alguma, poderá diminuí-los, por um centímetro que seja - porém, cada indivíduo pode aumentar o seu fulgor, se resolver repousar nos seus braços, agindo, a partir deles. Sem dúvida alguma, poderá produzir maravilhas maiores do que conseguimos pensar.

4 - A IMAGEM DA VERDADE, BONDADE E BELEZA ESTÁ EM

**TODA PARTE, PRINCIPALMENTE
NO INTERIOR DO SER HUMANO.**

Deus é onipotente e onipresente, isto é, tem todo o poder e está em toda parte. Este fato é reconhecido por todas as religiões e a própria filosofia admite que tudo o que existe só pode haver pelo Criador - desde que só Ele é um ser necessário, e o restante, contingente.

Olhando-se, agora, para a criação, notamos que o ser humano constitui o seu apogeu, pois tudo o que foi criado foi feito para ele, sendo conformado segundo a imagem e semelhança de Deus. De maneira que não há outro ser de maior importância, beleza e bondade do que o homem, quando se aceita assim, como é, em sua origem.

Uma pergunta, que sempre me ocorreu (e desde criança), foi: onde encontrar melhor Deus?

Procurei o Criador com toda veemência dentro das igrejas, chegando a ingressar em um seminário, certo dia tendo sido afastado, por me acharem “muito evoluído”, expressão usada pelo reitor.

Busquei também o Criador nos sistemas de filosofia, entusiasmando-me com o helenismo e, principalmente, com os filósofos medievais, dentre os quais, Agostinho, Anselmo e Tomás de Aquino.

O terceiro passo foi o de pesquisar a verdade dentro das ciências, não só as físicas, como as psicológicas. Aliás, entrei com todo o entusiasmo no campo da psicoterapia e, neste setor, foi que, finalmente, comecei a perceber melhor o que buscava: Deus - pois o encontrei basicamente no interior do ser humano, a mais preciosa criação de todo o universo. Deste modo, todo o esforço para encontrá-lo, no mundo exterior, transformou-se em um simples processo de aceitação da própria realidade, que reside no íntimo de cada homem.

Não podemos ver fora, senão o que esteja dentro de nosso interior - porque o exterior é sempre um espelho do que somos e o reflexo de quem o criou, quando se fala do universo e toda a natureza - que são básicos e anteriores à própria vida humana.

Evidentemente, deveria haver uma só linha de conduta, em todas as coisas que existem, porque o homem é produto também da criação, estando colocado em uma posição bem definida: para cuidar e promover o desenvolvimento pessoal e social. No entanto, não é assim, sendo sua atitude de contrariar a natureza o motivo de seu sofrimento. A percepção do exterior só é possível porque temos um interior muito maior, que abrange não só o próprio mundo interno, como todo o externo.

O melhor contato com a verdade é através do próprio interior, porque o ser humano tem a primazia da maior perfeição; por este motivo, ele pode melhorar o resto da criação quando se empenha nisso. Vamos dizer que o homem é melhor do que tudo o que há, devendo resguardá-lo com todo cuidado. Tudo o que existe, no mundo exterior, tem a sua grande beleza e validade; no entanto, o que há, no próprio interior, é muitíssimo superior a tudo.

Tenho de esclarecer que a verdade, o bem e o belo se encontram no interior do ser humano, mas como um reflexo da divindade, pois, queiramos ou não, homens, mulheres, anjos e demônios, refletimos nosso Criador - e, diante dele, em qualquer situação que estejamos, podemos tomar só uma atitude: de adoração.

A RECEITA DA FELICIDADE RECIPE FOR HAPPINESS

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco*

RESUMO

Devido a nossa enorme inveja do Criador, prejudicamos muito nossa visão de Deus. De outro lado, procuramos sempre compará-lo a algo humano — como nós somos, e não como Ele é. Assim, muitas de Suas Manifestações nos passam despercebidas. Por exemplo, Deus se manifesta através da Criação. E se observarmos bem o que é criado, o que é real, poderemos conhecer muitas das facetas de Deus e experimentar a felicidade.

Palavras-chave: Felicidade, Espiritualidade, Ciência, Experimentação, Criação.

ABSTRACT

Due to our enormous envy of the Creator, we greatly damage our view of God. On the other hand, we always try to compare Him to something human—as we are, not as He is. Therefore, many of His Manifestations go unnoticed. For example, God manifests himself through Creation. And if we

* Psicóloga e Psicanalista formada por Norberto Keppe na SPI-Sociedade de Psicanálise Integral, Brasil. Doutora Honoris Causa, Fundadora e Diretora das Faculdades Trilógicas Keppe&Pacheco e Nossa Senhora de todos os Povos- FATRI-EAD. Especialista em Psicossociopatologia pelo Instituto de Ciência e Tecnologia Keppe e Pacheco e INPG, SP. Escritora de 15 obras sobre Psicanálise e Medicina Psicossomática. Fundadora da Associação Internacional STOP à Destruição do Mundo.

take a good look at what is created, what is real, we can know many facets of God and experience happiness.

Keywords: Happiness, Spirituality, Science, Experimentation, Creation.

Quando falo a vocês, falo como uma cientista — jamais como religiosa. Muitos religiosos já afastaram muita gente de Deus — pois deturparam a sua imagem para um ser sádico, frio, primitivo, que quer que soframos para que ele se realize. Sabem que deus é esse? Não preciso dizer que é o demônio.

E eu própria tenho horror à mentalidade de muitos religiosos fanáticos que causaram tanto dissabor e ressentimento em relação a Deus.

Falo como uma psicanalista que pesquisa há anos uma maneira de a mulher ser mais feliz. Nunca acreditei que as mulheres tivessem sido realmente criadas como “inferiores” em relação aos homens — e que precisassem deles para serem guiadas na vida e até para chegar a Deus. Se em grande parte isso aconteceu, foi devido à nossa atitude de inveja muito grande, que acabou por nos incapacitar e decair de nossa posição original, que era certamente superior à condição dos homens e mulheres atuais.

Eu nunca me conformei com a ideia de que eu deveria ser infeliz e pronto. Ou então, “um pouco” feliz, medianamente feliz. Sempre fui ambiciosa no que se refere à felicidade. Quis e quero ser o mais feliz possível. E desde pequena, sempre notei estreita correlação entre felicidade e bondade, altruísmo, amor e, principalmente, amor a Deus.

Porém, muito ainda me era desconhecido — as descobertas do dr. Norberto Keppe só começaram a premiar mi-

nha vida a partir de 1972, e daí por diante, foi num crescendo até hoje.

Até aquela data experimentara tudo o que me parecera apto a trazer felicidade. Posso dizer até que tive tudo o que uma mulher pudesse desejar para ser feliz: certa inteligência e beleza, dinheiro, status, marido, filhos, admiradores, sexo, viagens, tudo. No entanto, só o que estava relacionado a Deus me trazia satisfação, fosse o que fosse.

E isso foi gradualmente ficando cada vez mais claro para mim. Quanto mais próxima de Deus era uma experiência, maior era a intensidade da felicidade que sentia — até o ponto de sentir, muitas vezes, a felicidade que só pensei existir no céu — quando aproximei mais o meu coração d’Ele.

E sinto essa mesma felicidade quando penso que muitas outras mulheres poderão sentir o mesmo que eu, e que eu poderei ajudá-las a isso, com a minha experiência.

Assim, fui experimentando, observando cada vez que me sentia feliz e tinha mais paz, ao quê aquela felicidade estava relacionada. E vice-versa — cada vez que me sentia mal e infeliz, pensava ao quê o mal-estar estaria relacionado.

O mesmo fazia com minhas clientes e, espantosamente, por ensaio e erro, fui aprendendo, na prática, a ser feliz! E esse caminho científico-experimental me levou a concluir que a mulher nasceu para completar a criação de Deus, assim como o homem, e só nessa realização podemos ser felizes.

Na minha opinião, a mulher nasceu para ser feliz, amando a Deus e vivendo em sintonia com Sua vontade.

Como poderemos gostar de Deus se não O vemos, se não sabemos bem como Ele é, se nossos olhos não podem vislumbrar Sua beleza?

Penso que devido a nossa enorme inveja a Ele, prejudicamos muito nossa visão de Deus. De outro lado, procuramos sempre compará-lo a algo humano — como nós somos, e não como Ele é. Portanto, muitas de Suas Manifestações nos passam despercebidas. Por exemplo, Deus se manifesta através da Criação. E se observarmos bem o que é criado, o que é real, poderemos conhecer muitas das facetas de Deus.

Quando olhamos para um quadro, muito podemos saber do seu pintor; quando lemos um livro, muito podemos ver da alma do seu escritor; muito podemos saber também do pai e da mãe, se olharmos para os traços do rosto de seu filho.

Procurem observar o que existe — o que existe ainda de original e que não foi estragado e deturpado pela inveja dos seres humanos e dos demônios.

Vocês verão facetas de Deus incríveis, reveladas sutilmente:

- Sua Grandeza e Poder, quando pensamos nos bilhões de galáxias que Ele criou e governa.
- Sua Sabedoria e Inteligência, quando vemos as leis da física, química, biologia etc.
- Sua Multiplicidade de interesses e Criatividade, quando vemos o oceano repleto das mais incríveis e diversas espécies de seres vivos.
- Sua Luz e Grandeza, quando vemos a luz do sol brilhando de horizonte a horizonte.

E assim, infinitamente, procurem vocês próprios começar a observar, e verão o quanto vão saber d'Ele.

E sabem o que mais? Este Ser, que é tão incrível, está sempre atento a nós, sempre nos ouve. Ele jamais nos esquece, jamais nos trai, jamais nos quer mal, sente raiva ou ciúmes, ou inveja. Ele sabe do nosso íntimo e nos compreende em cada aflição, cada intenção, cada anseio, sem a menor possibilidade de desentendimento.

Ele é o Parceiro Perfeito! Imaginem leitoras, que tempo estamos perdendo! E nascemos justamente para isso, para viver esse grande Amor, sem fim e sem que ninguém nos separe — a não ser nós mesmas, que O rejeitamos e buscamos o que não existe, fora d'Ele.

A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA NA POESIA DE CESAR VALLEJO

THE EXISTENTIALIST PHILOSOPHY IN CESAR VALLEJO'S POETRY

Rocío del Pilar Lozano Torres ¹

RESUMO

Este Artigo tem como finalidade resgatar a figura do escritor peruano “Cesar Vallejo” e mostrar como a poesia é uma arte que caminha junto com o desenvolvimento do homem, tanto somático, psíquico e noético. Por tanto este conjunto faz do homem um ser social, culto e conhecedor do mundo. Logo, perceberemos como a poesia é uma ferramenta importantíssima na educação das crianças e adolescentes, dado que esta é capaz de persuadir e direcionar a vida do homem em formação.

Palavras - Chave: Vallejo; Arautos; filosofia; existencialismo; poesia.

ABSTRACT

This Article aims to rescue the figure of the Peruvian writer “Cesar Vallejo” and show how poetry is an art that walks along with the development of man, both somatic, psychic and noetic. Therefore, this set makes man a social being, cultured and knowledgeable of the world. Soon, we

¹ Licenciada em Letras - Espanhol pela Universidade Estácio de Sá.

will realize how poetry is a very important tool in the education of children and adolescents, given that it is capable of persuading and directing the life of the man in formation

Keywords: Vallejo; Arautos; philosophy; existentialism; poetry.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, fizemos uma pesquisa sobre a influência da filosofia na literatura.

Utilizamos para isto a poesia do autor peruano Cesar Vallejo em especial a obra os Arautos Negros. O tema central deste artigo é: A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA NA POESIA DE CESAR VALLEJO, sendo o título: A POESIA DE CESAR VALLEJO E A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA NA SUA OBRA.

Tendo como objetivo descobrir se a filosofia existencialista esta presente na obra os Arautos Negros, objetivo o qual foi desvendado, pois toda a literatura de Cesar Vallejo está impregnada desta corrente filosófica, além disso, descobrimos também como esta filosofia influenciou a vida do autor na percepção do mundo.

Porém também se percebe que a literatura esta ligada plenamente com a filosofia, a literatura é a outra face da filosofia, ambas caminham juntas e portanto devem ser estudadas com a mesma proporção.

Neste artigo começaremos descrevendo a vida do autor, como é o arquétipo da sua personalidade, lugar de nascimento, o tipo de família, seus estudos, suas ilusões e desilusões, tudo isto com a finalidade de penetrar no mais intimo de Cesar Vallejo, porque esta será a única forma que nos permitirá entender sua poesia.

A obra *os Arautos Negros*, foi escrita em um período onde o modernismo nascia e junto com ele todos os problemas existenciais afluíam, Vallejo valeu-se da poesia como meio de libertação. Na obra encontramos problemas existenciais tais como: a morte e sua finalidade, o poder de Deus na vida do homem, a tristeza de existir e o desconsolo do abandono, problemas que hoje em dia encontramos no mundo que vivemos, e que nossos alunos estão vivendo.

Por isso que neste artigo propomos uma educação diferenciada onde a literatura possa ser a protagonista, onde o aluno encontre o centro da sua existência e descubra a grandeza de toda a literatura manifestada nos diferentes gêneros literários.

A POESIA DE CESAR VALLEJO E A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA NA SUA OBRA

Cesar Abraham Vallejo Mendoza nasceu na cidade Andina de Santiago de Chuco, no dia 6 de março de 1892, de nacionalidade peruana, mestiço, era o menor de onze irmãos, educado para o sacerdócio, qualidade que explicaria a presença de argumentos bíblicos e litúrgicos na sua poesia como também justificaria a dicotomia entre vida e morte. Estudou todo o ensino fundamental e médio na cidade de Huamachuco, no colégio São Nicolau. No ano de 1915 se graduou em Letras e posteriormente iniciou os estudos de Filosofia na Universidade de Trujillo e de Direito na Universidade Maior de São Marcos², o qual abandonou a causa de suas angústias existenciais.

Finalmente se instalou como mestre em uma fazenda na cidade de Trujillo – Perú. Será aqui onde ele se fará conheci-

² Primeira Universidade das Américas, fundada no dia 12 de maio de 1551, em Lima Perú.

do como umas das grandes figuras da lírica hispanoamericana do século XX. Sua poesia tem a mesma relevância que a poesia de Pablo Neruda³, sendo persuadido em seus inícios pelo Modernismo⁴, sim embargo manteve sua originalidade e personalidade, em seus versos manifesta uma imensa sensibilidade à dor própria e a dos outros, transluzindo isto em todos seus escritos.

Em 1918 publica sua primeira coleção de poemas intitulada: “Os Arautos Negros”, aqui se percebe o afastamento da influência do Modernismo, ainda sendo admirador especial da poesia de Rubem Dario⁵. Nesta obra deixa definidos as características pelas quais se diferenciará: a solidão, o sofrimento, a dor, a desgraça, a frustração, o ilógico, a culpa, o pecado e o grito de revolta contra a sociedade injusta.

Em Cesar Vallejo encontramos três elementos relevantes que sintetizam não só sua pessoa, porém, seu mundo interior e sua poesia, estes elementos são: seu mundo espiritual (visão espiritual), sua percepção do mundo e sua vivência na sociedade (visão filosófica) e seu interesse na vida do homem (visão Antropológica). A visão espiritual em sua poesia é muito marcante, sempre encontramos caracteres que falam de Deus de forma direta ou indireta. A visão filosófica a temos em sua angústia de querer entender o que acontece no mundo e na sociedade. Finalmente na visão antropológica se pergunta sobre o papel do homem, qual é seu princípio, “Deus?”, como se deve orientar tendo como imagem o que? Estas são as características que possui a poesia internamente de Vallejo.

³ Disponível em: <https://fundacionneruda.org/biografia/>> Acesso em: 30 Ago. 2019.

⁴ O Modernismo é uma escola literária que surgiu no início do século XX.

⁵ Rubem Dario foi a estrela guia nos inícios de Cesar Vallejo.

Temos como contemporâneos de este grande autor os ilustres autores: como o português Fernando Pessoa⁶ e o chileno Pablo Neruda⁷ ainda sendo menos conhecido Cesar Vallejo teve as mesmas características destes autores sua lírica saudosista é testemunha. Sua trajetória na literatura hispânica segue a influência do modernismo caracterizando sua poesia por uma permanente inquietude renovada e uma firmeza inabalável. Ideologicamente teve certa cercania ao Marxismo porem com uma postura pessoal, tentava manter intacta sua postura religiosa e estética, rejeitou sempre o dogmatismo e redução da literatura, pois acreditava que estas correntes tiravam a inspiração. No entanto enxergava no ideal marxista uma senda de justiça e libertação para o homem e não como solução para os problemas metafísicos.

No prelúdio da sua morte escreveu duas obras teatrais “A Pedra Cansada, e Colacho Irmão ou Presidentes de América”. Vallejo morreu o dia 15 de Abril de 1938, em Paris - França, sozinho, pobre e abandonado. Desde sua partida a fama da sua poesia não deixou de crescer, chegando a influências nas gerações futuras tanto no Peru como em todo o mundo da literatura hispânica.

Esta influência se destaca nas temáticas sociais, na literatura, na composição humanista e no rigor artístico da lin-

⁶ Fernando Pessoa (1888-1935) Um dos mais importantes poetas da língua portuguesa e figura central do Modernismo português. Poeta lírico e nacionalista cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu “eu profundo”, suas inquietações, sua solidão e seu tédio. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernando_pessoa/> Acesso em: 5 set. 2019.

⁷ Pablo Neruda (1904-1973) foi um poeta chileno, considerado um dos mais importantes escritores em língua castelhana. Recebeu o Premio Nobel de Literatura em 1971. Disponível em: https://www.ebiografia.com/pablo_neruda/> Acesso em: 5 set. 2019.

guagem. É justo dizer que Vallejo foi um dos grandes literatos do século XX.

O POEMA DOS ARAUTOS NEGROS (LOS HERALDOS NEGROS)

Analisando os poemas dos Arautos Negros de Cesar Vallejo, desvendamos múltiplos sentimentos sobre a vida. Todos estes sentimentos estão intimamente ligados uns aos outros, portanto formam uma unidade essencial, mostrando no poemario uma profunda coerência temática.

Além da unidade profunda temos a presença de uma consciência noética⁷ com características próprias do poeta peruano que manifesta um compromisso real com o mundo que pode ser transformado.

O sentimento de agonia de estar vivo inunda o poemario, ela é trágica e pessimista. Criticamente notamos que os escritos estão impregnados de muita filosofia, em especial da corrente existencialista, Vallejo aqui transita as rotas da vida como ágil pintor com pena de ouro. Como vemos existe uma relação direta entre a busca da felicidade⁸ e o desejo/temor de querer morrer ou estar morto, como também o desejo de instigar a Deus ante sua presença passiva e silenciosa.

⁸ Para os gregos a consciência noética representa o conhecimento intuitivo; para Platão noesis era o conhecimento mais elevado, o seja a capacidade da alma em captar as ideias do mundo inteligível, para Aristóteles a noética estava ligada a inteligência.

⁹ A ideia de felicidade tem grande importância para a origem da filosofia. Ela faz parte das primeiras reflexões filosóficas sobre ética, que foram elaboradas na Grécia antiga. Os gregos a denominam “eudaimonia”, que é a soma das virtudes que formam uma “Arete” que fazem ao homem feliz. JAEGER, W. Paideia: los ideales de la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

Vallejo nos dá na sua poesia uma visão redonda de seu compromisso com a realidade, portanto Vallejo não é só um poeta, é um homem e representa a solidão de toda a humanidade. Além da visão ontológica profunda o autor dos Arautos Negros é também confusão, ausência, solidão e felicidade perdida, sentimentos completamente humanos.

ENFOQUE LITERÁRIO-FILOSÓFICO DA OBRA Os ARAUTOS NEGROS

a. A Morte como Princípio de Inspiração

Aqui surge a pergunta: Como a morte pode ser a musa inspiradora? Para Vallejo a morte é a principal sinfonia da orquestra, ela dirige as melodias dos poemas, anima e motiva.

Vallejo uma alma espiritualizada, encontra na morte uma realidade necessária, onde a angústia toma vida e permite expressar o profundo do ser:

*Há golpes na vida, tão fortes... Eu não sei!
Golpes como o ódio de Deus; como se ante elas,
A ressaca de todo o sofrido
Empossaram-se na alma... Eu não sei*¹⁰(Os Arautos Negros, §1).

Analisando o mundo psíquico percebemos que Vallejo vive uma profunda crise espiritual e esta realidade se reflete diretamente na obra poética. Sensibilidade de um ser introvertido, Vallejo deixa cair, sutilmente, suas angústias e tensões em seus versos.

¹⁰ Todos os textos de Cesar Vallejo foram traduzidos por mim.

Esses golpes sangrentos são as crepitações De algum pão que na porta do forno se queima. (Os Arautos Negros, §3).

Colocam-se à nossa atenção os argumentos que encontramos no poemário, veremos que emergem à luz enredos filosófico-existenciais em forma de perguntas, perguntas que o homem se faz sob sua origem, sua existência (destino), sob sua essência, sob sua função na vida. E é só quando se enfrenta com o mundo hostil e cruel, que o abate fortemente, e o impede sonhar, é que se inicia na reflexão da dúvida existencial¹¹, cheio de solidão, como ele mesmo nos o descreve:

São poucos, porém são... Abrem sulcos escuros No rosto mais fero e no lombo mais forte. Serão talvez os potros de bárbaros átilas; Ou os arautos negros que nos manda a Morte. (Os Arautos Negros, §2).

Vallejo personifica a angústia criativa, sendo seus poemas a consequência de uma vida vivida com paixão, com a alma doada à existência. Por tanto os poemas de Vallejo descrevem a visão própria da vida, sem descuidar a dor e o sofrimento do pobre ser humano.

Fiel a sua tradição e origem familiar, Vallejo desenvolve um sentido de solidariedade com a dor do homem em geral, e este sentimento será aquele que o impedira progredir no mundo do êxito materialista, ao contrário ferira sua alma profundamente experimentará o súbito conflito entre seus ideais profissionais e a tragédia quotidiana do homem comum.

Este conflito é motivado pela visão filosófica atual, tempo na qual o pensamento e ideias marxistas chegavam aos confins da terra, espalhando-se como a grama no campo, Vallejo não con-

¹¹ Dúvida existencial, termo usado na filosofia existencialista, tem como representantes o filósofo Descartes, em seu livro titulado *Meditações* ele formula a teoria da Dúvida Existencial.

segue dar resposta ao mundo e suas preocupações terminam submergindo-o na fatalidade inevitável, nascendo assim a fusão entre a filosofia existencial e a espiritualidade trágica, percebe o destino fatal previsto do homem porto onde é impossível ancorar. Como vemos no poema:

Lúgubre ilha me alumbrará continental,

Enquanto o capitólio se apoie em meu íntimo Desmoronamento e a assembléia em lanças Enclausure meu desfile. (Poema Epístola aos Transeuntes, §3).

Vallejo é um homem do tempo, ele respira os ares do século XX, onde descobre com profundo dó que a existência precede á essência¹²e que o destino necessário da vida é a morte.

Silêncio. Aqui se fez noite,

Já trás do cemitério o sol foi embora; Aqui se está chorando a mil pupilas:

Não voltas; já morreu o coração.

Silêncio. Aqui todo está vestido de dor rigoroso E arde apenas um mal cheiro a querosene, Esta paixão: (Poema Gesso, §1. Livro “Os Arautos Negros”).

Este descobrimento provoca em Vallejo uma consciência fatídica que o faz debruçar sua alma em seus versos, é como se sua alma perdesse a suas vestes, e os olhos não podem deixar de ver a tragédia do mundo, o homem não é capaz de amar a seu próprio irmão a causa da cobiça e ambição, em um mundo onde o pobre é matéria fácil e sem custo. Esta consciência trágica-

¹² Jean-Paul Sartre (1905-1980)... – Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/existencialismo-o-homem-esta-condenado-a-ser-livre.htm>> Acesso em: 30 set. 2019.

ca leva a Vallejo a ter sempre presente em sua mente à fatídica morte.

Esta tarde chove, como nunca; e não Tenho vontade de viver, coração.

Esta tarde é doce. Por que não deveria ser?

Veste graça e infortúnio; veste de mulher.

(Poema, Feces §1. Livro “Os Arautos Negros”).

No poema percebemos os sentimentos trágicos do poeta, aqui Vallejo mostra a consciência de seu destino, um destino trágico, na qual a vontade de morrer se transluz.

Neste verso o autor deslumbra sozinho seu futuro na solidão do desejo de sentir, amar e viver.

b. A desgraça e o abandono

O poeta em seus versos se vê abandonado por todos até pelo Criador, desterrado das glórias do Paraíso. Interpreta a um homem inútil, pecador, cheio de culpas, prefigurando assim a realidade social na qual vive o mundo sem fortuna e sem felicidade.

Vallejo nos versos revela solidariedade com os sofrimentos do homem, neste sentimento ontológico mostra-se o mundo cósmico impresso na sua alma. Sofre sua existência, pois seu lugar poderia pertencer a outro. Sua comida, sua vestimenta os considera pertencentes a Outro¹³ Aqui percebemos a consciência filosófica da sua existência o “Nada”. O nada é uma das ques-

¹³ O termo Outro possui um fundamento filosófico-teológico, no âmbito da filosofia em especial, na filosofia Cartesiana o outro é um produto de meu pensamento, assim como todas as outras coisas das quais posso ter certeza racional. No âmbito da teologia o “Outro”, está ligado às virtudes cardinais na qual o primordial é o amor ao próximo.

tões primordiais da filosofia existencialista que tem sua origem na angústia vital do ser humano e desemboca no vazio existencial; esta é a realidade de nosso autor, e o vislumbramos no poema:

Todos meus ossos pertencem a outro; Tal vez os roube!
Eu vim a pegar o que a outro pertencia; Penso que se não
teria nascido, Outro pobre estaria tomando este café!

Eu sou um mau ladrão... Aonde irei! (Poema, O Pão Nosso§4. Livro “Os Arautos Negros”).

O vazio existencial de Vallejo não só fica em seus pensamentos senão que o vive profundamente, não encontra justificativa para estar vivo, não tem graça nenhuma, considerase fatalidade que prejudica a toda a humanidade. Por isso sente-se no compromisso de lutar pelo bem dos outros é aqui onde abraça os ideais marxistas da justiça social¹⁴para reparar sua culpa.

*E nesta hora fria, em que a terra
Exala a pó humano e é tão triste
-desejaria bater todas as portas
E suplicar a não sei a quem, perdão, E fazer trocinhos de
pão fresco
Aqui, no forno do meu coração...!* (Poema, O Pão Nosso§5.
Livro “Os Arautos Negros”).

¹⁴ A justiça social consiste no compromisso do Estado e instituições não governamentais em buscar mecanismos para compensar as desigualdades sociais geradas pelo mercado e pelas diferenças sociais. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/conceito-justica-social.htm>> Acesso em: 30 set. 2019

Com este sentir socialista Vallejo migra do ser sofredor para o ser heróico, carrega em si todas as penúrias do mundo procura uma saída a crises existencial volta-se Teomânico¹⁵ como se todo e todos estariam impregnados nele e ele fosse responsável de todo o que acontece.

c. A filosofia existencial em Vallejo

No processo de nosso estudo percebemos como o ambiente literário do escritor Cesar Vallejo, esta fortemente influenciada pela corrente filosófica do existencialismo, sendo portanto esta filosofia aquela que comporta o corpus poético do Autor Peruano, sem ela sua literatura não teria base.

Vemos que Vallejo encarna os pensamentos desta corrente filosófica, ele sente e vive plenamente, como diz Sartre: “*A condenação de ser livre*”¹⁶. Em seus poemas descreve a aparente falta de sentido da vida, busca sair do tédio existencial, porém a angústia da sua escolha o consome. Enfrentando-se assim a sua liberdade com a finalidade de encontrar sua natureza, então se o homem vive numa angústia existencial o ter que escolher a todo instante é angustiante, pois cada escolha irá refletir diretamente no que ele é. Sendo a angústia o reflexo da liberdade humana, dessa ampla possibilidade de escolher e ser responsável por cada escolha.

¹⁴ Teomania: Desejo escondido no coração de todos os seres humanos de quer ser poderoso como um deus. BERNHARDT, C. *Abc da Trilogia Analítica*. São Paulo. Proton Editora Ltda, 2010, p.80.

¹⁶ Jean-Paul Sartre (1905-1980)... – disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/existencialismo-o-homem-esta-condenado-a-ser-livre.htm> Acesso em: 30 set. 2019.

*Deus meu, estou chorando o ser que vivo
Pese-me ter tomado teu pão; Porém este pobre bairro
pensativo
Não é casca fermentada da tua costela:
Você não tem Marias que se vão!*

*Deus Meu, si terias sido homem
Hoje saberias ser Deus;
Porém você, que sempre esteve bem,
Não sentes nada da tua criação.
E o homem se que sofre: O Deus é ele! (Poema, Os Dados
Eternos§1-2. Livro “Os Arautos Negros”).*

Neste argumento sustenta a ideia de enfrentar-se a Deus, se ele fez o mundo e fez o homem por que não o acompanha, por que não está com ele, vivendo e sofrendo as mesmas coisas do ser que criou, esta crise de fé será encontrada plenamente no poema “Os Dados Eternos”, onde percebemos que a fé não está desligada do mundo psíquico do homem pelo contrário formam uma unidade complexa e plena, pois o homem é a imagem visível do Cristo Encarnado.

Vallejo sempre procurou sair desta crise, e o meio que encontrou foi a poesia. É preciso aclarar que o Autor peruano foi simpatizante do marxismo, porém no último processo da sua vida se inclinou fortemente pelo comunismo, pensamentos socialistas que também influenciaram sua vida e suas poesias.

d. A Ética na Poesia de Cesar Vallejo

Existe ética na poesia de Cesar Vallejo? Lendo atenciosamente o livro dos Arautos Negros, revelamos em Vallejo uma preocupação e interesse pelo homem e pelo mundo que o ro-

deia. Esta preocupação circunda em toda sua poesia, quer revelar para o mundo o sofrimento do homem, enaltece sua subjetividade, tenta libertá-lo. Este objetivo deparasse com um interesse ético, as diferentes maneiras de expressão que encontramos nos textos, poetizam a angustiada busca de valores, tais como: justiça, paz, amor (fraternidade), solidariedade, liberdade e igualdade. A ponto de dizer que o poeta peruano possui uma consciência humanista imensa, pois todos estes valores para ele são metafísicos¹⁷. Interpelam o mundo psíquico, noético e somático do homem. Diz-nos, que a liberdade pertence a todos, porém que cada um de nós deve conquistá-la e que nestas conquistas têm alguns que são mais afortunados que outros. Vallejo ansioso pela liberdade encontra na poesia o seu passaporte para o mundo noético. Como vemos no poema A Ceia Miserável:

*Até quando estaremos esperando o que
Não se nos deve... E em qual esquina estiraremos Nossos
pobres joelhos para sempre!
Até quando a Cruz que nos anima não terá seus remos.
Até quando a dúvida será nosso emblema
Por ter padecido... (Poema, A ceia Miserável §1. Livro “Os
Arautos Negros”).*

No poema vemos que a linguagem coloquial que o Autor utiliza é o espelho da problemática atual, donde o homem domina ao homem por meio de ideologias, o faz escravo, tira dele o mais valioso que possui, assim mesmo.

¹⁷ A metafísica é à base da Filosofia e também o ramo responsável pelo estudo da existência do ser. Por meio da metafísica se procura uma interpretação do mundo, sobre a natureza, a constituição e estruturas básicas da realidade. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/metafisica/>> Acesso em: 08 oct. 2019.

Eu nasci um dia que Deus esteve enfermo. Todos sabem que vivo; e não sabem Do dezembro desse janeiro. Pois eu nasci um dia Que Deus esteve enfermo.

*Tem um vazio
Em meu ar metafísico
Que ninguém pode palpar
O claustro do silêncio
Que falou a flor de fogo.*

Eu nasci um dia que Deus esteve enfermo.

(Poema, Espergesia §1-4. Livro “Os Arautos Negros”).

Vallejo mostra-se como um ser solitário, angustiado, aflito, incomodado com a realidade que vive, porém ao mesmo tempo encontra-se introvertido como se esperasse ser libertado. Este sentimento se percebe no poema os Dados Eternos:

*Deus meu, e esta noite surda, escura,
Já não poderás brincar, por que a Terra
É um dado roído e já redondo
A força de rotar à aventura,*

Que não pode parar, mas que num buraco O buraco da imensa sepultura. (Poema, Os Dados Eternos §4. Livro “Os Arautos Negros”).

Estes valores éticos sugerem na poesia de Vallejo metáfora¹⁸ que chamam a uma mudança de pensamento¹⁹, e que permite construir no homem uma consciência humanística duradoura. Expõe-nos uma visão do mundo humano, onde os homens podem ser irmãos, fazendo eco o clamor justo e sadio.

¹⁸ Processo básico de comunicação verbal, estando implicada no ato mesmo de procurarmos traduzir em palavras os nossos pensamentos e sensações. Moisés, M. Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Editora Cultrix, 2013. p.290.

¹⁹ Mudança profunda de pensamento; na literatura é uma figura retórica com a qual uma declaração anterior é modificada; na religiosidade significa conversão, arrependimento; na liturgia ortodoxa grega, uma profunda reverência. Disponível em: <https://unaparolaalgiorno.it/significato/metanoia>> Acesso em 08 oct. 2019.

*Tal um festim pagão. E amar-la até a morte,
No entanto as veias semeiam vermelhas perolas do mal;
E assim volta-se ao pó, conquistador sem sorte, Deixando mil
olhos de sangue no punhal.*

Esta forma de escrever de Vallejo não deixa que o homem troque seus valores humanos por valores alienantes que produz angustia e morte.

EXCURSUS: APLICAÇÃO DO USO DAS OBRAS LITERÁRIAS NO ENSINO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Em nossa pesquisa sobre a influência da Filosofia Existencialista na obra *Os Arautos Negros* do autor peruano Cesar Vallejo verificou-se como a filosofia esta interligada com a literatura e a sociedade, como nos poemas que lemos e até aprendemos de coro existem problemas filosóficos profundos, problemas que refletem na vivência do homem.

Assim como Cesar Vallejo utilizou a poesia como ferramenta de libertação da angústia existencial, também nós professores podemos valer-nos da literatura para acompanhar as crianças e adolescentes que vivem crises muitas vezes também existenciais.

Nesse sentido percebe-se o ensino da literatura como facilitadora e libertadora que pode ainda hoje ajudar muito na formação educativa.

Na atualidade, a leitura e a escrita não são muito cultivadas no ambiente escolar (talvez a tecnologia tenha muito a ver nisso), e também não são apreciadas pelos jovens. Ao trabalhar com a leitura de poemas é preciso ser persistente, mostrar aos alunos todas as suas qualidades, falar sobre o quanto é importante para a vida.

Por isso que propomos um ensino diferente, uma aula lecionada com o uso da literatura. O professor teria que apresentar um projeto na qual se estimule a leitura e a produção de diferentes poemas. Pois o poeta é um ser aberto às influências da vida, por ser um ser sensível capaz de captar os sentimentos mais puros do homem. Se a escola usa-se a poesia, os alunos seriam conscientes da realidade onde vivem.

Com a utilização da literatura como alicerce para a prática pedagógica no âmbito da escola, incentivar às crianças e adolescentes a ter uma boa prática social, pois sua inspiração é a literatura um ambiente na qual o tempo não passa, ela conserva sua essência como um meio psicagógico, na qual o aluno possa se conhecer e conhecer o mundo que o rodeia. Além do falado a poesia será, neste sentido, um ponto de partida, um instrumento usado como incentivador para a leitura dos diversos gêneros literários

Portanto, acredita-se que o ensino a partir de poesias promove aprendizagem e a autolibertação além de que pode contribuir com a permanência do aluno na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho, consideramos que ele apresenta uma tentativa de compreensão da filosofia através literatura, a partir do tema A filosofia existencialista na poesia de Cesar Vallejo. Consideramos que o objetivo proposto para a realização desta pesquisa foi alcançada e contemplada, mas as possibilidades de entendimento não foram esgotadas.

Aqui mostramos como a filosofia possui influência também na literatura, na maneira de se expressar, na utilização das figuras literárias e na escrita. Por tanto um escritor não é só um ser que escreve senão também é um homem que sente que

vive um homem que acompanha o transcurso da história e que esta história pode influenciar na sua vida.

Ao ler o poemario de Vallejo percebemos que ele vive em uma angústia permanente, este sentimento é comum entre os escritores que foram influenciados pela filosofia existencialista, tais como Fernando Pessoa e Rubem Dario. Personificando assim as palavras do filosofo Sartre “A condenação de ser livre” porque não existe liberdade na angústia. O poeta não encontra nem na morte nem em Deus, o sentimento profundo que possa dar paz a seu espírito. Sem embargo, em muitos de seus poemas parece vislumbrar a esperança em seu mundo cósmico, que no artigo o chamamos noético.

Observamos que a luta pelo humano circundam todos os poemas, ao igual que na filosofia, tenta dar alternativas de resolução a todos os problemas que cercam a natureza do homem, sem chegar a um bom resultado muitas vezes, no entanto esta tentativa fica exposta em seus poemas em especial o encontramos nos Arautos Negros.

Os Arautos Negros anunciam a dicotomia entre vida e morte, entre felicidade e desgraça, em vários poemas Vallejo manifesta para os homens sua solidariedade, sentimento humano puro e profundo. E este é realmente o que a filosofia desde suas origens quis dar ao homem, conhecendo cada um sua Arete consiga ser um humano verdadeiro, pois para Vallejo esta será a única maneira que o Homem consiga sua redenção. Vallejo não consegue desligar sua atitude vital da sua poesia, uma e outra se compenetraram de forma extraordinária, implacável, sendo sua poesia sua vida e a vida sua poesia.

Incluso os poemas de selo modernistas manifestam o sentido exótico e insólito que caracteriza o poeta. Utilizando a poesia como instrumento de fuga.

Nos Arautos Negros encontramos vários poemas que foram pensados ao estilo modernista, tais como Noite Boa e Ascuas²⁰, por isso que analisando os poemas de Vallejo percebemos que o poeta é um vanguardista e um dos representantes do surrealismo em América Latina, isto segundo Oviedo²¹ (1988).

O uso reiterado dos símbolos religiosos o introduz na mitologia cristã levando aqui também a conjugar entre o sagrado e o profano. Porém é necessário ressaltar que sua principal contribuição a nosso ver esta na fusão entre a filosofia e a literatura.

5. REFERÊNCIAS

VALLEJO, C. **Los Heraldos Negros**. Lima: Editora Perú Nuevo, 1959.

BERNHARDT, C. *Abc da Trilogia Analítica*. São Paulo. Proton Editora Ltda, 2010, p.80.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Livraria Cultura, 2017.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Livraria Cultura, 2007.

KARL, M. **La Miseria de la Filosofía**. Madrid: Editora Sarpe, 1984.

PESSOA, F. **O Livro do Desassossego**, Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/voo00008.pdf>> Acesso em 25 ago. 2019.

Sites:

Disponível em: <http://poesia.uc.edu.ve/etica-y-estetica-en-cesar-vallejo/>> Acesso em 08 oct. 2019.

²⁰ Pedaco de carvão, lenha ou outro material combustível que arde sem fazer chama.

²¹ José Miguel Oviedo Chamorro (Lima, 1934) escritor e crítico literário peruano.

**O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM À
LUZ DA TRILOGIA ANALÍTICA:
DESAFIOS E BENEFÍCIOS**

**THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN THE
LIGHT OS THE ANALYTICAL TRILOGY:
CHALLENGES AND BENEFITS**

Denilson Teireira¹, Simone Furtado²,
Eunice Guimarães de Souza³, Iara Dantas⁴

RESUMO

Apesar de importantes avanços no processo de ensino ao longo do tempo, caminhamos de um sistema de ensino-aprendizagem repressor para um sistema permissivo. Obviamente, como um reflexo dos processos mais amplos da sociedade. Nesse contexto, percebe-se a ausência de tomada de responsabilidade e conscientização por parte dos alunos, professores, gestores, pesquisadores. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo principal inventariar caminhos para a estruturação de aulas que possam romper com esta estrutura, a partir de princípios da Ciência Trilogia Analítica. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com “professores trilógicos”, para caracterizar suas experiências. Os resultados indicam importantes exemplos a serem aplicados na formação dos professores e na prática em sala de aula.

¹ Mestre e Doutor em Ciências da Engenharia Ambiental (USP). Graduado em Biologia (UFSCar) e Licenciado em Pedagogia (Fatri).

Palavras-chave: Trilogia Analítica; ensino-aprendizagem; Inversão psicossocial

ABSTRACT

Despite important advances in the teaching process over time, we have moved from a repressive teaching-learning system to a permissive one. Obviously, as a reflection of the broader processes of society. In this context, there is a lack of responsibility and awareness on the part of students, teachers, managers, researchers. Thus, the present research has as main objective to inventory ways for the structuring of classes that can break with this structure, based on principles of Analytical Trilogy Science. For this purpose, semi-structured interviews were carried out with “trilogical teachers” to characterize their experiences. The results indicate important examples to be applied in the training of teachers and in classroom practice.

Keywords: Analytical Trilogy; teaching-learning; psychosocial inversion.

INTRODUÇÃO

“Não se deve censurar a criança, mas mostrar os seus erros de forma afetiva; A revolução necessária é a mudança interior através da percepção dos nossos erros” (KEPPE, 1986 p.117).

Escolas que educam por meio de conhecimentos descontextualizados, fragmentados e desconexos, colaboram para aumentar as enormes carências humanas, as desigualdades e injustiças sociais, pois não implicam o processo educativo com a articulação entre esforços em prol da problematização e da compreensão da realidade; desenvolvimento intelectual e

cognitivo; desenvolvimento da personalidade, emoção, afeto, solidariedade e espiritualidade (TEIXEIRA et al. 2016). Diferentes abordagens teóricas têm tratado deste tema, a Pedagogia Trilógica é uma delas e tem como princípio reconhecer o bom, o belo e o verdadeiro no aluno. E a partir deste entendimento, organizar as atividades de ensino-aprendizagem, baseadas em propostas que envolvam o sentimento, o pensamento e a ação. Um segundo princípio, também fundamental, é o entendimento do contexto em que a criança, assim como o adulto, se insere.

Ou seja, o reconhecimento da inversão psicossocial da sociedade: a supervalorização do desejo individual, a falta de espaços para manifestação dos momentos de sanidade e o desconhecimento do que significa realmente ser livre. Dentro deste contexto, educar é conscientizar, contribuir para a percepção do que o aluno é, e como ser realmente livre. Em termos práticos, não significa transferir conhecimento, mas provocar a ressonância do conhecimento dos valores universais presentes em todos nós (PACHECO, 2020 - comunicação pessoal).

Assim, caminhamos de um sistema de ensino-aprendizagem repressor para um sistema permissivo. Nesse contexto percebe-se a ausência de tomada de responsabilidade e conscientização por parte dos agentes envolvidos, alunos, professores, gestores, pesquisadores. Este movimento, obviamente, reflete os processos mais amplos da sociedade. Alunos e professores vivem os mesmos desafios.

Assim, como destacado no início, o cerne da proposta da Pedagogia Trilógica é a conscientização do processo de inversão psicossocial para os dois maiores elos da educação: educando e educador.

Desse modo, a presente pesquisa caracterizou, a partir da visão de professores, o processo de ensino e aprendizagem à luz da Trilogia Analítica. Para tanto, foram realizadas entrevistas

semiestruturadas com experientes professores trilógicos, para inventariar tanto suas experiências como desafios. Os resultados indicam importantes exemplos e caminhos a serem seguidos na transformação pessoal e de nossos alunos.

MÉTODO

A proposta de caracterização do processo de ensino e aprendizagem à luz da Trilogia Analítica está delineada a partir da revisão sistematizada das bases conceituais da Trilogia Analítica e da experiência dos professores. Assim, uma pesquisa indutivo-exploratória foi realizada com o objetivo de buscar na literatura especializada e na análise documental as abordagens, conceitos, métodos e estruturas, ou aplicações que tratam da relação dos temas Educação e Trilogia Analítica.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos: primeiro realizamos uma entrevista com a cientista Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco, sobre o tema: Educação à luz da Trilogia Analítica (Anexo 1). Quatro pontos foram abordados. O primeiro foi sobre a importância da educação para a sociedade. Um segundo ponto tratou da formação do professor. No terceiro momento discutimos os desafios em sala de aula com foco nos alunos, e o último ponto abordou a importância de acesso à educação, a função social da educação gratuita.

Cláudia Pacheco é psicanalista, psicóloga, escritora, Diretora da Faculdade Trilógica Keppe& Pacheco, fundadora e Presidente do Instituto Keppe& Pacheco de Ciência e Tecnologia; e Vice-presidente da Sita – Sociedade Internacional de Trilogia Analítica, assistente, há mais de 50 anos, do psicanalista, filósofo e cientista social, Norberto da Rocha Keppe.

Em uma segunda etapa foi aplicado um questionário semiestruturado via e-mail (Anexo 1), com vistas a investigar as experiências e desafios dos grupos de professores das Facul-

dades Trilógicas Keppe e Pacheco, Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos e do Centro de Línguas das Faculdades Trilógicas Millenium. Dos 32 questionários enviados 17 responderam à pesquisa.

Os professores entrevistados conhecem e estudam a Trilogia Analítica há mais de sete anos, sendo que a maioria tem este contato há mais de 16 anos (Figura 1). Todos os professores analisados na pesquisa estão em atividade.

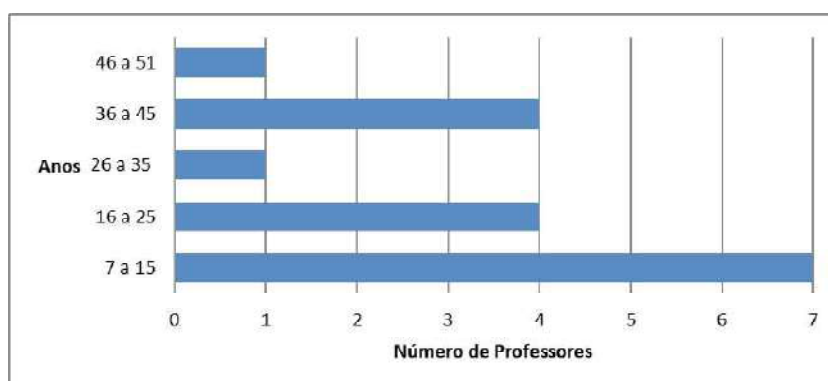


Figura 1. Tempo de experiência dos professores com a Trilogia Analítica.

Diferentes áreas de conhecimento estão representadas na pesquisa (Figura 2), sendo que um mesmo professor pode atuar em mais de uma frente ou tema.



Figura 2. Áreas de atuação d

Os professores estudados trabalham com todas as faixas etárias de alunos, da mesma forma que com os temas, um mesmo professor pode atuar com diferentes faixas etárias. O intervalo de variação da idade dos alunos foi de 4 a 80 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção tem por objetivo apresentar princípios, reflexões e práticas com o intuito de indicar e inspirar “novos caminhos” para os processos de ensino-aprendizagem. Os resultados e discussões estão baseados na abordagem da Trilogia Analítica.

EDUCAÇÃO À LUZ DA TRILOGIA ANALÍTICA

A entrevista com a Dra. Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco pode ser assistida na íntegra no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=1kg9ua8fvMg>.

A seguir, são apresentados alguns trechos desta entrevista. Com destaque para o significado da Educação, a questão dos desafios do professor em sala de aula e a importância do acesso gratuito à educação de qualidade. Os temas apresentados por Pacheco norteiam claramente as respostas dos professores, indicando a consistência da base teórica com a prática. A valorização da ação. Como consta da entrevista, Pacheco afirma: “Dr. Keppe fala, que a ação é que traz consciência, e não consciência que traz ação. Ele fala que a ação antecede a consciência ou são concomitantes, vamos dizer assim...”

DESTAQUES DA ENTREVISTA

Dra. Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco responde à questão sobre ‘A Importância da Educação Trilógica para a Sociedade’, iniciando com duas perguntas.

“Por que o ser humano que deveria ter e tem uma essência boa, bela e verdadeira, não pode ser deixado à vontade, crescer sem educação? Por que o ser humano precisa ser educado pelos professores e pelos pais?”

E continua...

“Nós sabemos de alguns casos raros de crianças que nasceram nas selvas, que foram criadas, praticamente, por grupos de gorilas e que elas tiveram, depois, muita dificuldade de se adaptar à sociedade. Aí, há alguns pensadores que pensam: bom, mas uma criança que não se adapta à sociedade é porque a sociedade é muito doente, errada, rígida, muito artificial, e a criança que foi criada lá na floresta, seria a criança autêntica, como os índios, por exemplo. Outros, já vêm de outra forma e acham que o ser humano é como uma tábula rasa e, a ele, precisa ser ensinado tudo. Essa é uma ideia Construtivista, onde tem que construir o ser humano, e não que o ser humano já tem o DNA dele e tudo de mais importante para ele sobreviver e viver em sociedade. Porque o ser humano, absolutamente, é um ser social, ele precisa da interação social pela própria energética, a ressonância energética. Para haver ressonância, precisa ter pelo menos duas pessoas, dois seres. Nós nos alimentamos dessa energia e retransmitimos essa energia que, Keppe chama, na Nova Física, de

Energia Essencial e Tesla, de Energia Escalar. O termo de Tesla é muito importante porque ele fala das escalas energéticas, onde os seres mais vibrantes da energia, são: Deus, os anjos, os seres humanos e, depois, os animais. Na Escala Vibracional, cada ser tem o seu DNA energético. Esse DNA, em si, é perfeito, praticamente, em todos os seres humanos. Porém, nos seres humanos, existe um problema que se chama Inversão, que Keppe descobriu há muito tempo. Freud falava de um instinto de morte, mas existe um tipo de uma tendência para a destrutividade. Essa tendência não é da natureza, ela se localiza na vontade da pessoa, então uma criança, ela nasce quase perfeita. Ela tem energia, ela tem vitalidade, ela tem alegria, ela tem sentimentos de afeto, inteligência, percepção, ela tem tudo o que ela precisa. Entretanto, a vontade do ser humano está obnubilada, está prejudicada, como se tivesse uma quebra, uma chavezinha que não funciona bem. A única dificuldade é essa, e que ela acarreta tantas outras dificuldades, inclusive dificuldades na percepção, na atuação, contaminando os sentimentos, os pensamentos e as atividades. Então educar, dentro do nosso ponto de vista trológico, seria ajudar o ser humano a se conscientizar da inversão que ele tem, porque se ele for deixado solto na vontade, ele caminha para auto extinção, tanto como indivíduo, como sociedade. Portanto, educar seria conscientizar essa inversão, para a criança aprender a ter disciplina, que nós chamamos de virtude, aprender a disciplinar a vontade invertida e, assim, atingir a felicidade plena dentro do possível, ser o mais feliz, o mais realizado, o mais construtivo, produzindo frutos para si mesmo e para o mundo”.

Consoante com Pacheco e Keppe, no programa TV Stop 322, fala que aquilo que é verdadeiro, belo e perfeito está no passado, na Criação. Deus criou tudo perfeito, nós é que nos afastamos da Criação e nos deformamos, deformando por extensão a nossa existência. A criança de início é muito semelhante à Energia Divina, da qual ela foi criada, pois temos em nossa estrutura básica essencial, algo perfeito, eterno e completo. Quando nós rejeitamos ou recebemos uma orientação errada, distorcemos e quebramos essa perfeição inerente e entramos na doença.

“À criança se deve ensinar as Leis Éticas da Natureza como Afeto, Gratidão, Respeito, Bondade, Verdade, que são a nossa estrutura interna, se a pessoa rejeita essas Leis, ela deforma o cérebro, o coração e as células”. (Programa TV STOP 322)

Corroborando as opiniões emitidas por Pacheco e Keppe, Avelino e Campos escreveram:

“A Educação Trilógica leva o aluno a buscar a ressonância mais elevada do seu interior essencial. Quando o professor consegue elevar a vibração da turma, a aprendizagem se processa automaticamente” (AVELINO E CAMPOS, 2011, p.96).

A entrevista segue (segundo e terceiro pontos da entrevista):

Como deve ser a Formação de um Professor Trilógico e os Desafios em Sala de Aula?

Em resposta à essas questões, Claudia Pacheco salienta que:

“O professor de Ensino Fundamental e Médio, principalmente, são heróis, mesmo os de faculda-

de, que lidam com jovens, têm muita dificuldade. Isso tudo acontece porque os pais, atualmente, já não têm mais tanta condição psíquica e socioeconômica por causa do estilo de vida da sociedade moderna. Para educar os filhos, os valores mudaram muito ultimamente. Grande parte da culpa é da psicologia e da psicanálise que interferiram muito na educação e interferiram negativamente. Então os pais já não conseguem mais educar os filhos e passam essa tarefa para os professores que acabam ficando com esse fardo e, ao mesmo tempo, não dão licença aos professores que façam isso. Então, atualmente, a gente vê um massacre em sala de aula muitas vezes dos alunos contra os professores e eles não podem se defender. Então houve uma inversão total de papéis, que é alimentado pelos pais. Eu acompanho atendendo muitos professores em análise. Eu acompanhei o sofrimento, mesmo desnecessário. Então eu acho que a pergunta que vocês me fizeram: ‘como lidar com a patologia emocional em sala de aula’, no momento, realmente precisa ser herói e a gente quer muito ajudar os professores, fornecendo instrumentos para eles poderem ir lidando com isso sem entrar, tanto num polo de permissividade e de alienação, de que tudo pode se fazer, liberdade para tudo, e nem para uma intransigência, de uma censura que acaba agravando a problemática emocional, pois tudo que é reprimido ganha força. Então esse ambiente de conscientização em sala de aula, é que chamamos de terapia em sala de aula. Na Faculdade de Pedagogia Trilógica, a gente gostaria muito de incentivar os professores a aprenderem a lidar com as emoções sem medo. Olha, uma coisa é a consciência de uma

patologia, permitir que sua consciência fique livre, outra coisa é reprimir a conduta. Veja bem, isso é muito diferente, por exemplo, uma pessoa, um aluno, um professor enfim, qualquer um, é importante que ele não censure a consciência, por exemplo, que ele é agressivo. Se ele é agressivo, ataca os amigos, não pode censurar essa consciência, ficar reprimindo, censurando, dando lições de moral, mandando calar a boca, enfim, seja lá como for, mas precisa conscientizar que a pessoa é daquele jeito, para ela reprimir a conduta da agressão. Então uma coisa é a consciência, outra coisa é a conduta e nós trabalhamos o máximo para tentar conscientizar a criança, o professor, seja quem for, para poder reprimir a conduta doente, tudo feito com muito afeto, sem afeto não se educa”.

E, Pacheco conclui:

“A interiorização é um instrumento fundamental, sem a interiorização não se consegue a conscientização”.

ÚLTIMO PONTO DA ENTREVISTA:

- A Importância do acesso à Educação e, como uma Educação gratuita cumpre com essa função.

Em resposta a Dra Cláudia Pacheco coloca em evidência o ideal trológico:

“Isso precisa ser pensado, porque a sociedade não vai muito longe como está, não vai aguentar muito não, e isso precisa entrar em toda a sociedade, todos os cursos de pedagogia, cursos de es-

pecialização para aqueles que já são formados. O mundo está doente. A nossa ciência pode contribuir com uma parcela boa de terapia. Então, para que isso aconteça de uma forma mais rápida, nós estamos oferecendo essa gratuidade dos cursos(...). E o curso de Pedagogia então, ele passa a ser tão importante e precisa ajudar as pessoas tão rápido, que nós estamos abrindo uma gratuidade e convidando vocês que são alunos, que são egressos dos nossos cursos de pós-graduação e que continuam agindo engajados nessa escola de pensamento, essa escola de ciência e que tem ideal, porque a pessoa precisa renascer os seus ideais. É muito difícil uma pessoa não ter ideal. Eu acho que algumas pessoas quando chegam na fase anal sádica, da perda do desenvolvimento da personalidade, se fixam lá e querem muito poder, logo elas não se desenvolvem para a fase mais afetiva, então elas ficam nesse um por cento que fala da sociedade que quer muito poder, quer o dinheiro e não a cultura, o afeto, as artes, a beleza, a bondade, o desenvolvimento científico, enfim, a vida. A pessoa que fica fixada no poder do dinheiro, ela fica como que engessada, fica até intelectualmente aleijada, porque ela só pensa como vai ganhar dinheiro e mais dinheiro e acumular o dinheiro. Ela nem usufrui do dinheiro que tem, ela quer acumular”.

E prossegue:

“Sabe o que o Dr. Keppe fala, que a ação é que traz consciência, e não consciência que traz ação. Ele fala que a ação antecede a consciência ou são concomitantes, vamos dizer assim. Mas ele sem-

pre diz que, quando a pessoa está com um problema na consciência, com a consciência obnubilada, se ela é colocada na ação junto com outros, na energética da ação, ela acaba desenvolvendo sua consciência, sua inteligência. Então para conservar o mundo, nós não vamos fazer assim: 'ah, vou ensinar, vai conscientizar, para depois fazer'. A gente tem que botar para fazer, e aí a consciência vem. Nós vamos precisar muito de vocês para formar esse curso nessa linha e ter uma equipe pedagógica mais aberta, mais eficiente do que três, quatro, cinco pessoas bolando as aulas. Keppe fala sobre o que é ser um bom professor trilógico, professor e cidadão. Ele tem que ter bondade, ele tem que ser realista, deixar de ficar só no delírio, na imaginação, tem que ser realista, o realista é prático, o realista vê e não espera mais do que pode, tem que ser bondoso, realista e ativo. São as três características de um bom trilogista, seja professor, seja analista, seja empresário: bondoso realista e ativo. Então isso vai ter que entrar no curso, a bondade, o realismo e a atividade. Esse grupo de professores que nós temos é uma amostra da sociedade em geral, aqui tem esquizofrênicos, depressivos, compulsivos, obsessivos, epilépticos, megalômanos... tudo o que ser humano tem”.

“Não podemos colocar todo mundo no divã. Eu até acho que não vai ser necessário, se os professores trilógicos começarem a atuar mais. A criança pega rápido, e ela vai que é uma beleza, e vai mudando o ambiente, então ela não precisa tanto como outros. Puxa vida, que dó né, como o ser humano tem sofrido, sofrimento bastante sério. Imagine, agora é uma coisa aqui entre parênteses, eu

pensava como que a Trilogia Analítica vai poder ir para o mundo, beneficiar o maior número possível de pessoas? Eu pensava, pensava... como será que vai ser? Não vamos poder atender todo mundo em análise. E aí, depois, vem a questão da Nova Física e que vai mudar a energética, não vai mais precisar de eletricidade; com o tempo vai ser energia magnética e só isso já melhora muito o funcionamento das ondas cerebrais, celulares e tudo isso. Mas pensava, pensava... aí, a gente começou a fazer a nossa Faculdade.

E como a gente vai ajudar as criancinhas? É na vida deles. Eu acho que o lugar mais importante além da casa, da família, é a escola, eles passam mais tempo, às vezes, na escola do que com os pais. Precisamos ajudar as criancinhas, inclusive com assuntos relacionados à espiritualidade”.

Cabe ressaltar que, para Keppe, um bom professor trilógico tem que ser bondoso, realista e ativo.

“O educador tem que entrar na essência da criança, para orienta-la. A essência seria entrar no conhecimento e na emoção, se a criança não entra na consciência de um fato, ela não aprende. A criança aceita a orientação correta, o conceito espiritual certo, e esse permanece, se não for correto, ele não permanece”. (Programa TV STOP 322: A Conscientização dos Erros Leva à Saúde).

Quando se levanta a questão de como seria uma aula trilógica, observamos que em suas variadas obras, Norberto Keppe aborda a Educação, refletindo sobre os seus vários pro-

blemas e apontando caminhos a seguir. Partindo do pressuposto de que a consciência do mal é um grande bem e que educar é conscientizar o indivíduo de sua inversão, Keppe abre possibilidades para uma educação realmente libertadora.

“Escrevi o livro “A Libertação” para mostrar que nossa liberdade é somente para realizar o bem, a verdade e o que é belo; e que temos de conscientizar o erro, a maldade, e a destruição que fazemos contra a beleza. Portanto, a criança tem de prestar atenção aos seus enganos e aos problemas do mundo em geral, para evitá-los. Até podemos dizer que educar é a arte de conscientizar os erros” (KEPPE,1986 p.94).

Keppe percebeu, ao longo dos anos, que a luta contra a consciência vem prevalecendo no sistema educacional, quando se dá liberdade demasiada à criança, não colocando os limites necessários. Como afirmou:

“Tal ideia vem produzindo grave desmando em todo campo educacional, pois o grande cuidado atual, é o de evitar a neurotização da criança, não ‘reprimindo-a’. Ora, tal atitude abriu as portas para todos os fenômenos de projeção e de identificação projetiva, atrasando sobremaneira o processo de desenvolvimento humano” (KEPPE, 2017. p.147).

E prossegue:

“Temos que conscientizar o erro, a maldade e a destruição que fazemos contra a beleza. Temos hoje um sistema educacional invertido, que deseduca” (KEPPE, 1986, p.94).

As observações feitas pelo criador da Trilogia Analítica compreendem que a atividade educativa deve estar intimamente associada à sua dimensão terapêutica, e por essa via ele entende que o papel do professor está indissolivelmente ligado ao papel do terapeuta. Segundo a educadora trilogica Luciara Avelino:

“Na educação keppeana o foco é o interior da pessoa, porque Keppe afirma que ‘Educar é levar o indivíduo a se conhecer’. Conhecer suas virtudes, o bem, a beleza e a verdade que já estão dentro dele. Não precisamos buscar esses valores fora, pois são inatos ao ser humano. Assim, uma educação no sentido correto leva a pessoa a conhecer sua essência, sua verdadeira conexão e divindade – resgatando as origens metafísicas” (AVELINO E CAMPOS, 2011 p.99).

UMA AULA À LUZ DA TRILOGIA ANALÍTICA: A VISÃO DOS PROFESSORES

Dentro da estratégia de ensino e aprendizagem, destacamos quatro pontos para a caracterização de uma aula à luz da Trilogia Analítica: abordagem, objetivo, conteúdo e a estrutura da aula. A abordagem é entendida como o tema transversal que norteia as aulas. Os objetivos indicam as capacidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos. O conteúdo traduz o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionado aos objetivos. E a estrutura da aula indica as etapas e procedimentos aplicados às práticas em sala de aula.

A educação geral não permite que o ser humano conscientize seus problemas o que é um obstáculo enorme ao seu desenvolvimento (KEPPE, 1990).

As aulas à luz da Trilogia Analítica têm como principal abordagem justamente a conscientização, isto é, descortinar a inversão pessoal (psíquica) e social em que vivemos, a partir do contato e encantamento com o Bom, o Belo e o Verdadeiro.

Keppe em seu livro Momentos de Interiorização afirma que:

“A tarefa da educação deve ser no sentido de conscientizar o aluno sobre as atitudes que adota contra toda maravilha existente, tanto na vida, como em nosso interior” (KEPPE, 2004)

Esta afirmação e os comentários anteriores podem ser verificados nas respostas dos professores indicadas no Quadro 1.

Professor	Quanto à abordagem das aulas
(1)	“Aspectos da patologia em todas as áreas da vida e do conhecimento mostrando a inversão psíquica e os impactos para saúde espiritual, psíquica e física...”
(2)	“Uma aula à luz da Trilogia Analítica deve se levar em consideração a inversão psíquica e social em que vivemos, e estabelecendo contato com os universais que estão no interior de cada aluno...”
(3)	“Aula que considera o sentimento, pensamento e ação boa...” “...partindo dos aspectos principais do ser humano e da sociedade (espírito-pisco-sócio-patologia), pois essa abordagem é a única que permite compreender corretamente qualquer fenômeno...”
(11)	“...leva o aluno a se encantar com o Bem, a Beleza e a Verdade...” “Oportunidade de contato com os aspectos essenciais da Vida e os desvios que fazemos de sua verdadeira finalidade...”
(13)	“A conscientização de nossos bloqueios que surgem ao se estudar um idioma e a relação que eles têm com todas as outras áreas de nossas vidas: profissional, familiar, saúde, etc.”
(14)	“Voltada à consciência ligada à ação no bem.”
(15)	“Aula = conscientização”

Quadro 1. Respostas dos entrevistados quanto à abordagem de uma aula à Luz da Trilogia Analítica. Fonte: próprios autores

A “aula trilógica” é terapêutica por si. O objetivo principal, assim como a forma de abordagem no processo de ensino-aprendizagem está relacionado à conscientização. O aluno será capaz de ter uma visão profunda da realidade, o que significa conscientização da patologia individual, social e transcendental e dessa forma se responsabilizar pela restauração do mundo (Quadro 2).

Vale ressaltar que,

“...a educação é um dos setores manipulados pelo poder dominante que visa acima de tudo o econômico e que leva a destruição generalizada do nosso planeta” (KEPPE, 1994, 191p.).

Professor	Quanto ao objetivo das aulas
(1)	“Dar instrumentos para lidar com a consciência dos erros...”
(3)	“dar ao aluno uma visão profunda da realidade...”
(4)	“...Introduzir os conceitos da Trilogia com assuntos atuais que envolvem os alunos no dia a dia e que eles mesmos não conseguem entender.”
(5)	“Aula que carregue significado, que trabalhe com a patologia para melhorar a pessoa para viver o melhor que ela tem.”
(6)	“... que auxilia, de forma terapêutica, na conscientização da patologia individual, social e transcendental, resgatando muitas vezes, a sanidade nos diversos âmbitos da vida.”
(8)	“...se tornem responsáveis em ajudar a restaurar o mundo tão doente para a sanidade.”
(9)	“...é auxiliar o aluno a perceber na prática as maneiras de o ser humano bloquear seus dons, suas capacidades e seus relacionamentos (principalmente com Deus e, conseqüentemente, com os demais) tornando sua vida cada vez mais difícil...”
(10)	“...ajudando-os a perceber que não é uma questão de aprender, mas principalmente, de aceitar os conhecimentos universais que todos temos. Também é uma aula que terapiza a todos.”
(11)	“...ajuda o aluno a reconhecer as intenções inconscientizadas, não colocando a origem dos problemas em fatores externos...” “...desperta e estimular o gosto pela Arte, pela Estética...”

Quadro 2. Respostas dos entrevistados quanto aos objetivos de uma aula à Luz da Trilogia Analítica. Fonte: próprios autores

Como em todos os processos de ensino-aprendizagem, o professor precisa, sem dúvida, de domínio intelectual e prático do conteúdo a ser ministrado. Entretanto, cabe destacar que na “Aula Trilógica” o afeto é o principal canal de transmissão do conteúdo. A partir do afeto é possível levar o aluno a refletir sobre o que pensa, o que sente e o que realiza. Entre as diferentes ferramentas de conscientização e interiorização trilógicas, cabe destacar a importância do conteúdo relacionado aos elementos da arte, natureza e da vida transcendente (Quadro 3).

Professor	Quanto ao conteúdo das aulas
(1)	“O conteúdo da aula deve ser de domínio intelectual e prático do professor...”
(2)	“A hermenêutica trilógica entra através do afeto em que o professor transmite o conteúdo e não tanto com a racionalidade ou conhecimento intelectual...”
(6)	“Trazem uma visão transdisciplinar...”
(8)	“Ensinar a perceber a patologia individual e social para que os alunos cheguem no verdadeiro conhecimento e vivam o que Bom, Belo e Verdadeiro em suas vidas...”
(7)	“É uma aula que busca ser, além de informativa, terapêutica.”
(10)	“Trata-se de uma aula em que o professor aplica as ferramentas de conscientização e interiorização trilógicas com seus alunos...”
(11)	“Trabalha a consciência individual e social, orienta para fazer o Bem, abrir mão do individual pelo coletivo...”
(12)	“Uma aula à luz da Trilogia Analítica engloba em qualquer assunto, todos os aspectos da formação da criança. Leva a criança a refletir sobre ela (o que pensa, sente e age) e também em relação ao todo que a cerca...” “...A arte, natureza e elementos da vida transcendente são levantados com os alunos durante as aulas...”

Quadro 3. Respostas dos entrevistados quanto ao conteúdo de uma aula à Luz da Trilogia Analítica.

Dois pontos chamam atenção quando analisamos a estrutura de uma aula à luz da Trilogia Analítica. Primeiro a importância de o professor ser um exemplo de vivência no processo de interiorização. Só é possível elaborar uma aula à luz da Trilogia, após um período de profunda análise individual e de grupo (Quadro 4). Um segundo ponto consiste em facilitar a reflexão do aluno sobre assuntos atuais e sua própria existência, a partir do que foi apresentado anteriormente.

Professor	Quanto à estrutura das aulas
(1)	"O professor elabora estratégias práticas em que o aluno deverá, através da ação, reconhecer os conceitos metafísicos contidos na realidade boa, bela e verdadeira..."
(2)	"...só é possível elaborar uma aula à luz da Trilogia, após um período de profunda análise (individual e de grupo), motivo pelo qual, o professor poderá conduzir o aluno à interiorização e a conscientização, e o nível de profundidade desses elementos também dependerá do alcance e da seriedade interna do professor..." "...Só é possível haver uma boa aula trilogica, se o professor for exemplo e vivenciar em sua vida o processo de interiorização..."
(4)	"Analisando questões da atualidade usando a Trilogia Analítica como filtro para entendermos como as coisas realmente acontecem..."
(9)	"O principal é que esta atitude de se colocar acima do bem que já temos (a soberba com todas as consequências na vida espiritual, psíquica e social e na saúde) nos afasta do Paraíso em qual já estamos e que nos foi proporcionado pelo Criador. Então, numa aula à luz da Trilogia Analítica é necessário auxiliar o aluno nesse sentido através de uma interação que se dá com leituras terapêuticas e conversas em volta disso, vídeos dos programas sempre visando um ponto do dia a dia que tem que ser conscientizado..."
(11)	"Dá chance para os alunos refletirem sobre assuntos de sua própria existência, perceber as inversões pessoais e sociais, influenciando na sua Formação Integral..."

Quadro 4. Respostas dos entrevistados quanto à estrutura de uma aula à Luz da Trilogia Analítica.

Principais desafios da aplicação da Trilogia Analítica em sala de aula

Todos os educadores vivem grandes desafios em relação ao ensino, seja em sala de aula ou fora dela. A partir da caracterização anterior da “aula trilógica”, apresentamos a seguir alguns desafios descritos na pesquisa. Resistência, censura e projeção aparecem com destaque entre as respostas dos entrevistados. Resistência em ver os próprios erros, sofrem a censura em relação a tomada de consciência e a projeção nos outros e na sociedade de suas dificuldades (Quadro 5). Cabe destacar, que o desafio fundamental na proposta Trilógica para educação, é a percepção do professor de suas próprias patologias (resistência, censura e projeção). As questões do professor (patologia) entram em sintonia com as do aluno.

Professor	Quanto à estrutura das aulas
(1)	“O professor elabora estratégias práticas em que o aluno deverá, através da ação, reconhecer os conceitos metafísicos contidos na realidade boa, bela e verdadeira...”
(2)	“...só é possível elaborar uma aula à luz da Trilogia, após um período de profunda análise (individual e de grupo), motivo pelo qual, o professor poderá conduzir o aluno à interiorização e a conscientização, e o nível de profundidade desses elementos também dependerá do alcance e da seriedade interna do professor...” “...Só é possível haver uma boa aula trilógica, se o professor for exemplo e vivenciar em sua vida o processo de interiorização...”
(4)	“Analisando questões da atualidade usando a Trilogia Analítica como filtro para entendermos como as coisas realmente acontecem...”
(9)	“O principal é que esta atitude de se colocar acima do bem que já temos (a soberba com todas as consequências na vida espiritual, psíquica e social e na saúde) nos afasta do Paraíso em qual já estamos e que nos foi proporcionado pelo Criador. Então, numa aula à luz da Trilogia Analítica é necessário auxiliar o aluno nesse sentido através de uma interação que se dá com leituras terapêuticas e conversas em volta disso, vídeos dos programas sempre visando um ponto do dia a dia que tem que ser conscientizado...”
(11)	“Dá chance para os alunos refletirem sobre assuntos de sua própria existência, perceber as inversões pessoais e sociais, influenciando na sua Formação Integral...”

(9)	"Trabalhar com a Inversão dos alunos . Todo o conhecimento que eles trazem são calcados em conceitos invertidos, vendo o bem como mal e o mal como um bem."
(10)	"Nas aulas de línguas os desafios são muitos, mas talvez um dos mais importantes é o de fazer com que o aluno consiga lidar com os bloqueios, as frustrações, as irritações e as projeções que aparecem quando ele vai ter que falar num idioma estrangeiro. De fato, é somente quando o aluno se põe em ação, isto é, quando ele tenta falar que aparecem todos os erros, mas também os acertos. Daí é necessário que a pessoa aprenda a lidar com estes aspectos que, evidentemente, se refletem também em sua vida profissional, bem como na família..."
(11)	"De envolver todos os alunos a participarem das aulas, vencendo seus bloqueios, censuras e resistências ."
(12)	"Com a inversão dos alunos no aprendizado..."
(13)	"Em cada etapa do curso, os desafios são parecidos, mas variam de grau: lidar com alunos que idealizam a Trilogia e os Professores , "adoram" e elogiam tudo, mas podem desistir diante da menor consciência que tenham nas aulas..." "Ajudar os "desconfiados" que, usam pouco a intuição e, intelectualizando demais, encontram mais dificuldade para assimilar os conceitos e resistência para aprofundar na conscientização, em geral, esses fazem o curso e se desenvolvem muito..." "... um desafio é deixar as questões aparecerem, lidar sem censurar e fazer a dialética correta . Nas aulas trilógicas, os problemas dos alunos (e professores) aparecem mais porque há mais espontaneidade, menos censura e mais afeto, o verdadeiro."
(14)	"Um dos grandes desafios é a criança perceber as intenções por trás das suas ações ."
(15)	" Entender o que sente e aceitar o outro " "...Por exemplo: criança agitada, triste, irritada, desconfiada e outros"
(16)	" Sair do materialismo e egocentrismo (eu tenho, eu quero), a criança se sente como o centro..."

Quadro 5. Respostas dos entrevistados quanto aos desafios encontrados em uma aula à Luz da Trilogia Analítica.

No Quadro 6, destacamos vários exemplos práticos dos desafios descritos anteriormente. Vergonha, recusa de participar em processos seletivos, problemas de saúde física e emocional, preguiça, excesso de faltas. Crianças agitadas, tristes, irritadas, desconfiadas, agressivas.

Portanto, romper com o modelo e a organização escolar instituída, promover mudanças e criar novos caminhos para o ensino e a aprendizagem nos remete a múltiplos desafios de ordem teórica e prática (MORAES, 2012). Estes desafios são comuns a todo espaço de ensino-aprendizagem, como

exemplo, veremos a seguir possíveis caminhos a partir da abordagem Trilógica em sala de aula.

Professor	Exemplos de desafios em sala de aula
(1)	"Por exemplo, tenho resistência em falar a língua, quando falo errado tenho vergonha pois o outro vai me julgar."
(4)	"...admitir que a mesma corrupção que está dentro das grandes organizações, públicas e privadas, vigora em nossos lares."
(10)	"... um exemplo é de um aluno que tem cargos de executivo em empresas financeiras, mas devido à sua censura se recusava de participar de processos seletivos com entrevistas em inglês tendo perdido muitas oportunidades. Certa vez, durante um processo seletivo na hora da entrevista em inglês <u>levantou</u> e foi embora. Quando começou os cursos na Millennium, ele percebeu que o problema dele não era o nível de inglês (que ele achava muito básico), mas o quanto ele se idealizava achando que devia sempre se mostrar à altura da situação (isto é, perfeito) e não tolerando ver suas dificuldades objetivas na língua inglesa. O nível de censura era tão grande que com 38 anos já tem um grave problema de insuficiência renal. Com 2 meses de aulas e conscientizando sua censura, ele participou de 4 processos seletivos superando em duas empresas a entrevista em inglês e obtendo a vaga..."
(12)	"...por exemplo, eles acham desvantagem em se dedicarem nos estudos, participação, e vantagens na preguiça, excesso de brincadeiras, em faltar, etc."
(14)	"...por exemplo: está no lanche, quer ir para parque... está no parque, quer ir para a sala... está na sala, quer ir para brinquedoteca...nunca está bem onde está. E difícil a criança perceber esse fato e, durante o diálogo, é difícil admitir que nunca está contente..." "...por exemplo: criança agitada, triste, irritada, desconfiada e outros" "Por exemplo: A criança pensa que por ter determinado brinquedo ou celular é melhor que os outros ou tem poder sobre o outro. Sempre conta algo que os pais compraram ou vão comprar. Acha que os amigos têm que fazer o que elas querem..." "Agressividade e ataque ao bem: Por exemplo: Bater no colega, nos pais, destruir materiais e brinquedos."
(15)	"A ansiedade que o aluno tem em querer falar o idioma rapidamente, sem se dedicar, sem estudar, ouvir os áudios, fazer as lições, por exemplo. E fazê-los perceber que essa ansiedade e idealização é que dificulta o aprendizado."
(16)	" <u>Falta de participação em aula e leitura</u> prévia das obras de Keppe ou mesmo outros autores..."
(17)	" <u>Falta de cultura, desinteresse pelo conhecimento, preguiça para estudar (leitura)</u> e sobretudo, lidar com a rejeição que os alunos tem com a verdade que já está dentro deles."

Quadro 6. Exemplos apresentados pelos entrevistados quanto aos desafios encontrados em uma aula à Luz da Trilogia Analítica.

Principais benefícios da aplicação da Trilogia Analítica em sala de aula

Os benefícios da aplicação da Trilogia Analítica em sala de aula estão apresentados no Quadro 7. É interessante notar que esses benefícios ocorrerem tanto nos alunos, como nos professores. O ponto focal é a ampliação da consciência em relação às patologias individuais e sociais. A repercussão deste processo se mostra nas atitudes: pessoas mais afetuosas, mais éticas, mais comprometidas com o processo de ensino, que lidam melhor com seus problemas, melhoram seus relacionamentos em geral, inclusive com relatos de cura de somatizações. Os alunos admitem e falam de seus problemas de forma natural. O que significa um ganho fundamental, uma vez que:

“Educar é a arte de conscientizar os erros. Temos que conscientizar o erro, a maldade e a destruição que fazemos contra a beleza. Temos hoje um sistema educacional invertido, que deseduca”. (KEPPE, 1986)

É possível descrever alguns exemplos concretos relatados pelos professores, como resultado do movimento de conscientização dos alunos (Quadro 8). Desde melhoras físicas, como uma abertura para o processo de aprendizagem, com resultados evidentes de melhora tanto na vida profissional como pessoal.

“O valor de um povo depende do seu nível cultural, conhecimento, habilidade no trabalho, e de boas escolas e universidades” (KEPPE, 1986).

Professores	Quanto aos benefícios em sala de aula
(2)	"Talvez o principal benefício notado por mim, é a percepção mais ampla dos sentimentos e pensamentos dos alunos e a <u>ajuda</u> dos meus, principalmente no que se refere à patologia humana. A aplicação do método Koppstein, me fez perceber melhor a mente patológica e em consequência, perceber a patologia dos alunos, o que não leva a ter um relacionamento muito mais harmônico e um aproveitamento escolar muito maior e produtivo."
(4)	"Ações mais éticas, por exemplo ser mais atentos, seguir a agenda."
(4)	"Quando se aplica a teoria prática que determinado tema traz, rapidamente a matéria se assimila, há uma elevação no nível cognitivo da sala e as ideias mais edificantes podem sair."
(3)	"Os alunos ficam mais conscientes e mais capazes de lidar com seus problemas/dificuldades e resolver problemas além de se aprofundarem nos estudos."
(3)	"Pessoas mais conscientes de si e do mundo. Melhoram seus relacionamentos em geral. Mais significado na relação interpessoal."
(7)	"Autocoescientização, contato com a realidade e desenvolvimento pessoal, profissional e espiritual?"
(9)	"Os alunos não se acanham com o decorrer das aulas, e os alunos começam a ser muito produtivos. Eles contribuem para o entendimento da Ciência Trilogica também..." "...Além do caso acima, quando o aluno se conscientiza que se trata de, os benefícios vêm dele, embora possam sentir várias influências do meio em que a pessoa atua (família e trabalho) ele consegue ter um grande desenvolvimento e melhoras na vida profissional, espiritual e saúde?"
(10)	"Principalmente, ver os alunos se desenvolvendo ao descobrirem as qualidades e talentos que já têm dentro de si, após diminuir sua censura e resistências. Também quando alguns mencionam que, devido aos assuntos <u>trabalhados</u> abordados em aula, melhoraram inclusive sua saúde, orientando a si mesmos..."
(11)	"Com a conscientização, os benefícios são notáveis: cura de suas atitudes, melhoras nos relacionamentos, promoções/avanço profissional..."
(12)	"Através da Conexão-Trilogia, os alunos aprendem mais e melhoram as atitudes. O aluno responde ao ser Integral e Fazer - Sentir - Agir, através do ciclo do Afeto, à Inteligência e à Ação. O despertar de sentimentos de GRATIDÃO, permitindo a cordata de Ingridido. Preparo para o Trabalho, elemento mais importante da vida humana. Aumenta e mantém a Humildade para contrariar a vontade insubrida e seguir a Ética."
(13)	"As crianças se desenvolvem bem e se sentem mais felizes; desfrutam mais das oportunidades de aprendizado e interação na sala de aula. Assimam melhoram as dificuldades individuais e coletivas (da turma). Começam a fazer as atividades com mais capricho e autêntico; melhoram dos amigos e das parcerias no geral; desenvolvem gosto pela música e pintura dentro da escola; falam a verdade sem censura; admitem e falam de seus problemas de forma natural; São mais saudáveis e bem mais vitalidade."
(14)	"Melhora de sintomas físicos e doenças em geral; diminuição da ansiedade e preocupação..."
(15)	"Alunos com o tempo se seguem mais e respeitam mais o processo de aprendizagem..."
(16)	"Com o método da conscientização, verificamos que os alunos adquirem um conhecimento mais profundo de si mesmos e do mundo, tanto sentido tanto em mais identidades com o bem que já possuem, desenvolvendo-se na vida, inclusive profissionalmente..."

Quadro 7. Respostas dos entrevistados quanto aos benefícios encontrados em uma aula à Luz da Trilogia Analítica.

Professores	Exemplos de benefícios em sala de aula
(1)	"...O aluno tinha fortes dores de cabeça na aula, percebeu que tinha resistência a ver que sentia isso quando queria falar mas não encontrava palavras. Quando aceitou ver que tinha preguiça suas dores de cabeça cessaram. "
(7)	"...As famílias e colegas dos alunos percebem, com o tempo, as mudanças nas atitudes e formas de encarar as problemáticas; muitos reagem relacionamentos, melhoram na saúde física também; são promovidos nos seus empregos e aprimoram as suas áreas de atuação. "
(8)	"...Mas ainda todos conseguem uma comunicação fluente, passaram em concursos e vestibulares, com exceção de alguns que abandonaram o aprendizado. Mas os principais tomam a redução do estresse e melhoria da saúde como sucesso. "
(9)	"...Trazem relatos de melhoras em sua vida, em relacionamentos, saúde, progresso material e, adquirem uma conduta mais tolerante com a vida dos outros, possibilitando ajudar a outros a se conscientizarem dos erros e evitar problemas mais graves na sua existência. "...É o caso do aluno R, que teve uma gastrite quando o chefe dele mandou ele para participar a uma com um cliente dos EUA. Ele sentiu tanto por pensar que não tinha condição para fazer a reunião sozinho. Justamente naquela semana tivemos uma aula sobre a importância do trabalho e da ação como um meio de a pessoa manter o equilíbrio e a sanidade graças a conscientização dos erros e das atitudes de oposição típicas. Nesta aula ele percebeu sua preguiça e resistência à ação, como também sua dificuldade em fazer o que é necessário no trabalho para um melhor desempenho. Depois da aula ele sentiu uma melhora notável na gastrite e teve na mesma manhã a reunião (a primeira em inglês da sua vida) que contou bem. Depois disso ele conseguiu participar de reuniões em inglês sem sentir nada."
(10)	"...Um exemplo de desenvolvimento em aula de redação: quando o aluno vence sua resistência e má vontade em escrever e ele desperta novamente o gosto pela escrita que tinha quando mais jovem. "
(11)	"...Exemplo: um aluno de 35 anos, tomava remédio há 7 anos para controlar a pressão alta. Após 3 meses de aula, a pressão regulariza "integramente" e o médico suspendeu a medicação! "
(14)	"...Alunos que se dizem desatentos Inglês, passaram a gostar devido a metodologia Trilogia Terapêutica - aprenderam a lidar melhor com as dificuldades. "
(15)	"...Exemplos são alunos que começaram a se envolver em atividades sociais, participam dos grupos de autoconhecimento e se desenvolvem muito como seres humanos. "
(16)	"...Como exemplo, temos alunos que obtiveram crescimento profissional, seja conquistando cargos superiores, ou conquistando mais clientes. Um exemplo em particular, vincula-se com educadores que aplicando a técnica terapêutica em sala de aula, conseguem ajudar alunos em suas resistências ao aprendizado. "

Fonte: entrevistas realizadas

Quadro 8. Exemplos apresentados pelos entrevistados quanto aos benefícios encontrados em uma aula à Luz da Trilogia Analítica.

Boas escolas e universidades são sinônimos de professores e alunos conscientizados de suas patologias e envolvidos em atividades sociais, o que significa estar em ressonância com a função primordial da educação.

“A função da educação é orientar a ser humano para o uso verdadeiro da sua liberdade. O indivíduo não é livre para agredir, destruir-se e aos outros, viver na preguiça e na alienação, mas é livre para tudo que deseja fazer que traga benefícios para si e a humanidade”. (PACHECO, 2011).

Para Morin (2007, p. 65), na visão tradicional da ciência e da educação, onde tudo é determinismo, não há sujeito, não há consciência, não há autonomia e essa é uma questão a ser enfrentada no contexto escolar. Acreditamos que a Trilogia Analítica oferece as bases conceituais e diretrizes metodológicas para o enfrentamento destes desafios.

CONCLUSÕES

A partir da experiência dos entrevistados é possível concluir que:

• O ensino à luz da Trilogia Analítica tem como força motriz o processo de conscientização da psico-sócio-patologia dos alunos e dos professores.

• A conscientização da patologia individual, social e transcendental gera responsabilização pela restauração do mundo.

ü A partir do afeto é possível levar o aluno a refletir sobre o que pensa, o que sente e o que realiza.

ü Elementos da arte, natureza e da vida transcendente são importantes ferramentas de conscientização e interiorização na Trilogia Analítica e devem ser utilizados em sala de aula.

ü O professor é o exemplo de vivência no processo de interiorização e conscientização, portanto necessita de tempo de investimento em análise individual e de grupo para alcançar tal maturidade.

ü Resistência, censura e projeção são desafios constantes em sala de aula, vale destacar que é fundamental no processo de ensino na Trilogia Analítica que o professor reconheça que as questões do professor (patologias) entram em sintonia com as do aluno.

ü Os benefícios relatados das aulas à luz da Trilogia Analítica advêm do conhecimento mais profundo de si mesmos e do mundo, com repercussão na vida pessoal e profissional de alunos e professores.

ü É necessário muito afeto para trabalhar com as imperfeições dos outros, mas é fundamental reconhecer as próprias. Esse é um grande benefício de ser professor.

REFERÊNCIAS

KEPPE, N. R., *A Decadência do Povo Americano e dos Estados Unidos*, São Paulo, Proton Editora, 1986.

KEPPE, N. R. *AutoSentimento*, São Paulo, Proton Editora, 1977.

- KEPPE, N. R. *Trabalho e Capital*, São Paulo, Proton Editora, 1990.
- KEPPE, N. R. *Momentos de Interiorização* Proton Editora, São Paulo, 2004.
- LUCIARA, A.; CAMPOS, S. *A Terapia em Sala de Aula*. 2ªed. São Paulo, Proton Editora, 2011.
- MORAES, M. C. *O Paradigma Educacional Emergente*. 16. ed. Campinas:Papirus, 2012.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3.^a ed. Porto Alegre, Sulina, 2007.
- TEIXEIRA, C. R. C.; SUANNO, M. V. R.; TEIXEIRA, D. *Novos caminhos para educação escolar autonomia e participação em uma comunidade colaborativa de aprendentes*. In: Maria Dolores Fortes Alves; Rita de Cácia Santos Souza; Marly do Socorro Peixoto Vidinha. (Org.). *Práticas de aprendizagem integradoras e inovadoras: a tessitura dos saberes para inteireza do ser em tempos de crise? Volume 1*. 1ed.Goiânia: Editora Phillos, 2018, v. 1, p. 1-645.

Endereços eletrônicos

Programa TV STOP 322: A Conscientização dos Erros Leva à Saúde, <<https://youtu.be/6zKorbJ2bw4>>

Pedagogia Trilógica Gratuita: Uma revolução no Ensino Superior: <<https://www.youtube.com/watch?v=1kg9ua8fvMg>>

ANEXO 1

Questionário aplica aos professores

Apresentação

Prezado (a) participante, a seguir, são apresentadas algumas questões a respeito de suas atividades como Professor Trilógico.

Agradecemos imensamente sua participação.

- 1- Há quanto tempo você conhece e estuda a Trilogia Analítica?
- 2- Como professor, qual a sua área de atuação?
- 3- Qual a faixa etária dos seus alunos?
- 4- Qual o seu entendimento de uma aula à luz da Trilogia Analítica?
- 5- Com quais desafios você precisa lidar em sala de aula? Dê um exemplo.
- 6- Quais os principais resultados ou benefícios você observa na aplicação da Trilogia Analítica em sala de aula? Dê um exemplo.

**SAIR OU AMPLIAR A ZONA DE CONFORTO,
UMA NOVA PERSPECTIVA À LUZ
DA TRILOGIA ANALÍTICA**

**EXIT OR EXPAND THE COMFORT ZONE,
A NEW PERSPECTIVE IN THE VIEW OF
THE ANALYTICAL TRILOGY**

Isabel Macarenco ¹

Márcia R.ç F. Sgrinhelli ²

“O ser humano não é o que vê,
mas é o que não vê”.
Norberto Keppe

RESUMO

O propósito deste artigo científico é ampliar o conceito convencional da ferramenta denominada *coaching* e repensar o processo à luz da Trilogia Analítica, desenvolvida por Keppe e justificar a abordagem de **Orientação Dirigida**, como se fosse um passo a passo para Análise, Consciência, Vontade e Ação. A Trilogia Analítica considera que, com a conscientização e interiorização dos problemas enfrentados,

¹ Master Coach, Doutora em Comunicação pela ECA/USP, Mestre em Educação, e Especialista em Gestão de Conflitos pela FATRI.

² Mestre em ensino de ciências; pós-graduada em gestão da psicossociopatologia e cirurgiã-dentista formada pela USP.

o indivíduo conseguirá lidar melhor com os conflitos gerados nos relacionamentos, sejam pessoais ou profissionais e, conseqüentemente, um reposicionamento nos ambientes pessoais, de trabalho e carreira. Neste artigo é abordada a transformação do trabalho de *Coach*, praticado por muitos anos e, exemplificado por um estudo de caso.

Palavras-Chave: Coaching; Trilogia Analítica; Conflitos; Consciência; Zona de conforto; Orientação Dirigida.

ABSTRACT

The purpose of this scientific paper is to expand the conventional concept of the tool called coaching and to rethink the process in the view of the Analytical Trilogy developed by Keppe and to justify the Guided Guidance approach as a step-by-step for Analysis, Consciousness, Willingness and Action. Analytical Trilogy considers that with the awareness and internalization of the problems faced, the individual will be able to better deal with the conflicts generated in relationships, whether personal or professional and, consequently, a repositioning in personal, work and career environments. This article addresses the transformation of Coach's work, practiced for many years and exemplified by a case study.

Key-Words: Coaching; Analytical Trilogy; Conflicts; Consciousness; Comfortable Zone; Directed Guidance.

INTRODUÇÃO

As pessoas procuram o *life coaching*, uma modalidade de Coaching, para aumentar o autoconhecimento, com o reconhecimento de pontos fortes e fracos de seu perfil. Este seria o ponto de partida para a transformação que elas tanto

almejam, pois sofrem com alguma insatisfação no rumo da vida profissional ou pessoal. Geralmente, apontam como principais conflitos mudanças externas, mas raramente pensam em como o processo todo se inicia em si próprio e nas próprias atitudes (interiorização).

Uma ferramenta usada durante o processo de Coaching e denominada **Preferência Cerebral**, terá destaque porque com a sua aplicação consegue-se desenhar em um gráfico a zona de conforto do *coachee*.

1.1 PROBLEMA:

Durante anos como Coach pensei que poderia ensinar às pessoas uma nova maneira de pensar, sentir e agir, que lhes possibilitasse **sair de sua zona de conforto**. A resistência em sair desta zona sempre foi enorme e, sempre perguntando, mas como? Mas por que as pessoas resistem em mudar o seu interior?

1.2 AMPLIAÇÃO DAS PERSPECTIVAS:

As perspectivas ampliam-se com o método científico e analítico de Keppe, com o qual são analisados detalhadamente todos os aspectos e fatos a serem corrigidos, bem como, os erros de cada campo, promovendo o desenvolvimento de uma ciência mais completa a serviço da consciência do indivíduo. Assim o *coaching*, desde então, se transformou em **Orientação Dirigida**, um trabalho pontual para estimular as capacidades de pensar, sentir e agir de forma integrada.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 COACHING

O principal foco do *Coach* é fazer o *Coachee* assumir o controle de sua própria vida, tomando posse de suas competências. O processo nem sempre traz à tona os erros, o que requer mais conscientização e menos idealização de si, Bartholomew (2017) sinaliza a importância de um “*conscious coaching*” para que não seja enfatizada apenas a importância de resultados e alta performance do *coachee*, mas também fazer com que ele se mova dentro de seu campo psicológico e emocional (1). Para Gallwey (2016), autor de “O jogo interior do tênis” (primeira publicação em 1974), todo jogo é composto de duas partes: exterior e interior (2). O exterior é atenção no oponente e nos eventos inesperados e, o interior acontece dentro da mente do jogador, sendo seus principais obstáculos a insegurança e a ansiedade e, isto requer autoconhecimento.

2.2 FERRAMENTA DA PREFERÊNCIA CEREBRAL E A ZONA DE CONFORTO

Conforme Herrmann (1996, p.15) (3) e sua teoria de um cérebro integral, as pessoas têm a capacidade cerebral de pensar e agir com seu lado esquerdo racional ou com o direito emocional e define quatro tipos de dominância cerebral: as que pensam mais com o lado racional (Organizadoras), as que pensam com o lado emocional (Idealizadoras); as que agem mais com o lado esquerdo (Ativadoras) e as que agem mais com o lado direito (Comunicadoras), conforme figura a seguir:



Figura 1 – Preferência Cerebral Lado Esquerdo e Direito. Fonte: Adaptado pela autora

Aplica-se um questionário validado pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e na Preferência Cerebral identificam-se os pontos fortes do sujeito e a sua **Zona de Conforto**. (11)

2.3 TRILOGIA ANALÍTICA

Conforme Keppe (1983) a consciência constitui uma janela aberta entre o homem e a transcendência. O grande encontro que o ser humano tem de realizar é com sua patologia.

A consciência é um fator dialético: ao mesmo tempo que se vê os erros, abre a percepção ao vasto universo da verdade, beleza e bondade. (9)

Destacam-se para efeito do estudo de caso, os seguintes conceitos da Trilogia Analítica:

Interiorização:

A Trilogia Analítica possibilita que o indivíduo realize a conscientização e interiorização,(6) ao mesmo tempo em que fortalece a estrutura interna para que ele vença seus medos, ansiedade, transtornos, falta de motivação, sentimento de culpa, influência dos fatores externos, a procrastinação, perfeccionismo e pensamentos auto limitantes.

Projeção:

Projetar é um mecanismo de fuga à consciência dos próprios problemas (inconscientização), colocando nos outros as suas próprias características. (12)

Identificação Invertida: Os mecanismos de identificação consistem em fazer que o homem, ao invés de projetar-se no outro, absorva o outro, incorporando-o ao seu próprio eu. Um conceito recente de Keppe explica a identificação invertida, o indivíduo absorve o lado bom do outro e vê em si estas qualidades enquanto vê nos outros o seu lado

ruim. Essa identificação invertida é derivada da inveja e da arrogância, como explica Keppe (2019):

Se uma pessoa é muito invejosa ou principalmente arrogante, quando ela vê um indivíduo de mais valor do que ela, ao invés de seguir esses valores e de aprender com eles, ela passa a atacar esse indivíduo. Ela começa a achar que esse indivíduo não merece essa posição, porque não tem esse valor, essas qualidades (...) Então, se a própria pessoa é invejosa, ela começa a achar que o outro é invejoso, que esse indivíduo de valor é quem faz mal a ela e não ela própria. Assim, ela coloca nesse indivíduo a falta de valor dela, e coloca em si mesma o valor desse indivíduo. (KEPPE, Programa de Rádio STOP nº 600, 2019).(10)

2.4 ORIENTAÇÃO DIRIGIDA E A ZONA DE CONFORTO

A **Orientação Dirigida** tem como objetivo estimular no *Coachee* uma perspectiva ampliada de análise da situação enfrentada com foco na interiorização, conscientização de si e menor resistência para aceitar seus erros. Usando a vontade desinvertida, pode corrigir a rota que tem feito e ter uma ação mais sã.

Keppe (2008), afirma que o Ser Humano é o que não quer ver.(5) Com a **Orientação Dirigida**, ele (o ser humano) conscientiza o que não quer ver, sai da ficção e vê o que é essencial. Neste novo processo a pessoa visualiza que sem a conexão do pensar, sentir e agir, seu cérebro explora apenas o que é mais confortável para ela. Estar fora da Zona de Conforto implica expandir as capacidades de **Pensar** com **Organização** para **Fazer Certo** e com um **Ideal**, pés no chão e visão de resultado almejado no futuro, usando a criatividade para **Fazer Diferente; Sentir** que tudo vale a

pena quando está sendo útil por onde passa; aprende e desenvolve novas habilidades para “servir”, porque está conectado com sua melhor essência; agrega valor ao que faz com sabedoria e competência; e, **Age** solicitando ajuda e parcerias para ideias e projetos (visão de resultado almejado), fazendo acordos com **Comunicação** transparente e livre de conflitos para **Fazer Juntos**, aumentando a responsabilidade de todos na **Execução** dos planos, com adesão para **Fazer Rápido** com eficiência e eficácia. O ser humano não percebe é que sofre impactos por tentar permanecer na Preferência Cerebral e não querer ver alguma patologia inconscientizada. **Organizador invertido** (acusa outro do erro) e sofre de **Megalomania/Teomania**; **Idealizador invertido** (sem ação) sofre com **Idealização**; **Comunicador invertido** (evita conflitos) sofre com a Inveja que tem; **Ativador invertido** (difícil trato) sofre com a Projeção que faz.

3. MÉTODO

3.1 A DIALÉTICA

O método dialético Keppeano, que fundamenta todo o trabalho científico trilógico, tem como base a dialética socrática [ou cristã], que visa ir ao encontro da verdade que já está no interior do indivíduo e que Sócrates chamou de diálogo.(7)

Segundo Pacheco (2005, p.35), na Psicanálise Integral (ou TA), a dialética (ou o diálogo) é a base de todo o processo de cura. E esse diálogo, para chegar-se a bons resultados, tem de seguir o procedimento correto, ou seja, tem de unir os sentimentos certos às ideias certas. (13)

3.2 ESTUDO DE CASO

Apresenta-se o caso C-1, sexo feminino, que trabalhava para uma Instituição Financeira, alocada em um Departamento, cujo produto foi “vendido” à outra Instituição. O quadro de pessoal foi reduzido, com várias demissões, mas, C-1 e mais um colega, com mais tempo de casa, foram escolhidos pelo chefe, que também migraria, para permanecerem no quadro. C-1 descreve que, na nova instituição todos os três continuam perdidos com a mudança, mesmo já passados três meses. Queixa-se de pouca receptividade dos mais velhos para com este grupo novo, que está difícil a integração; e ainda que os três estão fazendo nada de trabalho porque ninguém passa qualquer atividade. Comenta que há um problema geral nesta Instituição, muita gente empregada e todos fazendo muito pouco. Revela que não quer mudar de empresa porque a mesma é ótima perante o mercado.

O interesse de C-1 pelo processo de *coaching* é porque se sente perdida, sem saber o que fazer e que o maior problema sentido por ela é com relação ao chefe. Afirma que, enquanto está em sua mesa, observando e mais em silêncio, o chefe rodeia “feito barata”, simpático com todos, participando de reuniões, mas, para ela só está tentando se salvar porque não tem visão de como se encaixará na estrutura. Seu maior incômodo está no fato de ele, o chefe, querer saber o que ela está fazendo e com quem conversou.

Durante o processo previsto para sete encontros, apresentei o conceito de inveja segundo a Trilogia Analítica e que ela parecia perdida porque deve ser uma pessoa muito invejosa, quer destruir o chefe que a trouxe para esta nova empresa (alguém que lhe fez um bem).

C-1 pergunta: - *Isto não é ingratidão?*

Coach: - Acrescenta que é importante conscientizar que ingratidão e inveja caminham juntas e que ela, não sendo

grata, também não vê tudo de bom que tem para trazer para nova empresa, que continua com perspectivas de trabalho e podem aprender com as pessoas que já conhecem a empresa. Afinal, não migrou por ser incompetente ou não útil. Com muita inveja, age dando contra a sua integração e também dizendo “não” ao que mais quer - “manter-se” na empresa, a qual considera excelente.

“Norberto Keppe entende que o principal problema da inveja é justamente não querer ver o que a vida apresenta de melhor. O invejoso, neste sentido, seria aquele que se opõe a tudo o que a vida lhe traz, principalmente em seus melhores aspectos”. (André KEPPE, 2004, p.32).(4)

Para ajudá-la a conscientizar a sua atitude, a *Coach* pergunta ao que ela associa a conduta deste chefe.

C-1 responde: - *Incompetência, falta de especialidade, muita acomodação na empresa anterior e agora sem saber em que vai contribuir.*

Explorando a questão da projeção a *Coach* pergunta como ela entende esta incompetência e acomodação dentro dela. Olhando para o chefe não estava olhando para si no sentido de rever a própria conduta e ter uma estratégia para agir no novo cenário (motivo da procura pelo *coaching*).

C-1 diz:- *Então, parece que estou com medo de estar fazendo tudo errado e rodando, enquanto espero o término do expediente para ver o que acontecerá no outro dia, mas achando que quem faz isto é meu chefe.*

A *coach* comenta que, enquanto olha para o chefe, ela coloca uma barreira na frente dos seus olhos para não enxergar sua atitude invertida. Pois ela não se sente responsável por seus atos e escolhas e age procurando explicação no externo. E mais, se fizer um esforço para esta interiorização, verificará que faz uma Identificação invertida com o chefe – absorve o lado bom dele, se vê como alguém que lida melhor com a situação e identifica nele todo o mal que está nela.

4. ANÁLISE DO CASO DA COACHEE NA VISÃO DA TRILOGIA ANALÍTICA

Com perfil do tipo **Organizadora** na Preferência Cerebral, C-1 tem como maior competência **Fazer Certo**, o que é muito bom. Quando o **Organizador** pensa no que é certo, procurando ajudar as pessoas com uma visão do que é ideal, fazendo com elas uma análise de impacto das escolhas no futuro, isto é muito esclarecedor. Entretanto quando o **Organizador** entende que as pessoas devem fazer o certo, porque ele próprio está certo (na inversão), isto é sempre constrangedor e gera, conflitos com os outros, pois na comunicação, se o **Organizador** insiste em fazer tudo invertido, apontará quem cometeu o erro (ele erra ao posicionar-se como julgador) e acaba não contribuindo para as pessoas melhorarem o resultado final porque elas não aprendem a fazer o certo. A pessoa envolvida acaba se sentindo julgada e age de forma reativa, sem ampliar sua visão do que é correto fazer. E o **Organizador** desgastado se cala (de novo a comunicação conflituosa). C-1 apresenta dificuldades em se adaptar às mudanças e procura alguém para culpar – afirma que as pessoas da empresa estão resistentes aos migrantes ou que o chefe anda rodando sem saber para onde ir. Ela se vê como uma pessoa com pensamento estratégico, mas, apresenta

tendência de não querer fazer diferente, começando pela comunicação (quieta na sua mesa) e sobre trabalhar junto com outras pessoas, já conhecedoras do negócio. Erra porque não quer colocar o conflito na mesa, com quem de direito, enquanto espera uma solução de sua situação para, quem sabe, o próximo dia. De uma forma invertida perde tempo encontrando o erro no outro e não em si, se afastando do problema real que terá de enfrentar.

A Conclusão do Caso, com esta análise e conscientização, é que C-1 tentou justificar que faz isto inconscientemente e que não tem esta intenção. Com ela foi possível explorar na **Orientação Dirigida** a questão de olhar mais para si e para as próprias atitudes e não recalcar a consciência. Segundo Keppe (8), a consciência permite que as pessoas pratiquem uma abertura para o mundo – tanto interior quanto exterior e, desta forma inteligente elas podem estar mais abertas à comunicação, a novas maneiras de experimentar, novas maneiras de ser, novas ideias e conceitos para gerir a vida e a própria *performance*. C-1 terminou o processo com clareza de seus pontos fortes e como pode contribuir na empresa, consciente de que pode fazer um trabalho de valor porque tem qualidade. Quanto a Inversão, de pensar que não faz qualquer trabalho porque não é aceita pelos demais, resolveu agir com um plano para se integrar à problemática da área e entender como pode contribuir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Zona de Conforto, a pessoa pode estar evitando perceber que tem medo de ver os problemas que existem na sociedade, nos outros e em si mesmo, escolhendo ficar “confortável”, mas sempre evitando conflitos, escolhendo viver alienado, com uma história que não é a sua (verdadeira).

A expansão ocorre quando a pessoa se vê como parte de um problema e não resiste lidar com o mesmo, mesmo quando percebe que ela própria é o problema. Com a conscientização dos erros a pessoa não “senta em cima dos problemas”, mas com humildade, e, não dando contra ao conhecimento, aciona outras áreas do cérebro, como a criatividade, para pensar em alternativas de solução para os problemas e age.

Sem a união dos campos da Ciência (base para agir), Filosofia (base para pensar) e Espiritualidade (base para sentir), com um único ponto de vista para seguir, o homem inconscientizado (da parte espiritual e filosófica) se afasta do seu melhor, da sua essência na criação e com esta atitude rejeita a vida, a realidade e a beleza, que formam a estrutura fundamental do Ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BARTHOLOMEW, Brett. **Conscious Coaching**. Omaha (USA-NE): Brad Stulberg and Mario Fraioli, 2017.
- 2- GALLWEY, W. Timothy. **O jogo Interior do tênis**. São Paulo: SportBook. 2016.
- 3- HERRMANN, Ned. **The Whole Brain Business Book**. NY: McGraw- Hill, 1996.

- 4-KEPPE, M. André da Rocha. **Vida e Obra de Norberto Keppe**. Revista de Psicanálise Integral . Ano XXVI. N° 29. Maio / 2004. P.29-34.
- 5-KEPPE, Norberto Rocha. **O Reino Divino**. São Paulo: Proton Editora, 2008.
- 6-KEPPE, Norberto Rocha. **A Libertação da Vontade: A Libertação do Livre Arbítrio**. 2 ed. São Paulo: Proton, 2001.
- 7-KEPPE, Norberto Rocha. **Metafísica Trilógica**. Cura através das forças energéticas. Vol III. São Paulo: Proton, 1995.
- 8-KEPPE, Norberto Rocha. **A Glorificação**. São Paulo: Proton, 1987.
- 9- KEPPE, Norberto Rocha. **O Reino do Homem**, Vol 2. São Paulo: Proton, 1983.
- 10-KEPPE, Norberto Rocha. Programa de Rádio Stop a destruição do mundo. N° 600. 2019.
- 11-MACARENCO, Isabel; DAMIÃO, Maria de Lurdes Zamora. **Competência: a essência da liderança pessoal**. São Paulo, Saraiva, 2ª Ed., 2011.
- 12-PACHECO, Cláudia B. S. **ABC da Trilogia Analítica**. 7 ed. São Paulo: Proton Editora, 2011.
- 13-PACHECO, Cláudia B. S. **O Método Dialético De Norberto Keppe**. Revista de Psicanálise Integral. nº31. ANO XXVII – AGOSTO/ 2005. p.35-37.

COMO IDENTIFICAR E LIDAR COM A INTRIGA FEMININA NO AMBIENTE DE TRABALHO

COMO IDENTIFICAR E LIDAR COM A INTRIGA FEMININA NO AMBIENTE DE TRABALHO

Jéssica Aurea Dias ¹

“O potencial afetivo humano é enorme, e se ele não pode ser utilizado corretamente, através de ações úteis dentro da ciência, arte e cultura verdadeiras, acaba por se concentrar de maneira patológica, em um pequeno número de relacionamentos”.
(Pacheco, 2003, p. 90)

RESUMO

Atualmente há muitas discussões a respeito de injustiças cometidas contra a mulher na sociedade - principalmente no mercado de trabalho - e que esta deveria ganhar o equivalente ao homem ou até mais, porém, não se percebe o porquê disto estar ocorrendo, nem tampouco porque até hoje há tão poucas mulheres em cargos de poder. Um dos fatores pelo qual isso ocorre é devido à questão da intriga feminina.

Considerando estes aspectos foi feito um estudo acerca de como se manifesta a intriga feminina no ambiente de tra-

¹

balho e como se poderia lidar com esta patologia através da sua conscientização.

Palavras-chave: Intriga feminina. Mercado de trabalho. Patologia. Conscientização.

ABSTRACT

Nowadays there are a lot of discussion about injustices against women in society and in job market, that women should earn equivalent of men's salary or even more, but people don't realize why this happen, neither why there are few women in positions of power until today. One of the factors is the issue of women's intrigue.

Thus, a study will be done on how women's intrigue manifests in the work environment and how we can deal with this pathology through the conscientization process.

Key-Words: Female intrigue. Job Market. Pathology. Conscientization.

1. INTRODUÇÃO

Quem nunca sofreu, por exemplo, algum prejuízo no ambiente de trabalho referente a algum falso comentário que denegriu sua imagem ou lhe foi “puxado o tapete”? Algumas pessoas poderão facilmente se lembrar de algo que lhe ocorreu e é preciso admitir que essa não é uma questão fácil de lidar. Primeiro, porque temos dificuldade em identificar que isto tenha ocorrido devido a alguma intriga (muitas vezes nem percebemos que este seja o motivo), e quando nos damos conta, a história já foi longe demais. E ainda, para nosso espanto, quem mais inicia as intrigas, fofocas? Observamos que são as mulheres, muitas vezes cochichando, e claro, não

passam boa impressão quando são surpreendidas por alguém que assiste a este tipo de conversa.

Se podemos dizer que existe um defeito tipicamente feminino, esse defeito é a intriga. A mulher abre a boca para conversar com o marido, com os filhos, ou com os amigos, e 90% do que diz consiste em comentários maldosos a respeito dos outros. (Pacheco, 2003, p. 85)

Você pode estar se perguntando: “*mas, como assim, intriga feminina? Os homens também fazem intrigas, as mulheres não são culpadas por tudo*”. O que se percebe é que os homens normalmente não têm este comportamento e quando conversam, tratam de diversos assuntos, questões sociais, trabalho, e não falam mal uns dos outros.

A questão é que a patologia feminina não está sendo conscientizada em nossa sociedade, e a mulher está sendo vista como a mais sã, como santas, e nada pode ser falado a respeito. É necessário quebrar este pacto, pois isto tem prejudicado sobremaneira as mulheres e a sociedade, porque o desconhecimento da problemática impede que a mesma seja solucionada. Afinal, como vamos tratar de algo que nem achamos que exista?

Para tanto, existe a Trilogia Analítica (ou Psicanálise Integral), ciência desenvolvida por Norberto Keppe, que traz a necessidade da conscientização a fim de sanar a problemática individual e social. Segundo Keppe, a problemática reside na psicopatologia que tem base na inveja que, diferente do significado que normalmente é dado, tem sua origem na palavra em latim *invidere* que significa não ver. Mas não ver o que? O que é bom, belo e verdadeiro, não querer ver o que é - pois tudo o que é, por si, é bom. (Pacheco, 2004, p. 85)

Considerando tal aspecto investigou-se como a intriga feminina é exercida pelas mulheres e como isto se reflete no ambiente de trabalho através de pesquisa qualitativa, fundamentada em estudos de caso, e identificação de perfis típicos de pessoas intrigantes. Através das ferramentas de interiorização e conscientização fornecidas pela Trilogia Analítica procurou-se analisar o como identificar e lidar com a intriga feminina no ambiente de trabalho.

1. O PROBLEMA

É muito importante que o ambiente de trabalho seja agradável e que propicie cooperação entre todos. Porém, uma das questões que ocorrem é a famosa intriga, fofoca e maledicência.

Segundo pesquisa realizada entre os usuários do LinkedIn, rede social de negócios e contatos profissionais, 83% dos entrevistados no Brasil acham que a fofoca excessiva é o fator mais irritante dentro da empresa, contra a média mundial de 62% (TRIBUNA PR, em “Rede de intrigas é prejudicial no trabalho”).

Como a mulher tem mais habilidade em falar e expressar seus sentimentos, também está sujeita a se utilizar deste dom negativamente e, assim, mais facilmente fazer intrigas. Normalmente para/se contém para pensar antes de falar, para verificar, por exemplo, se a impressão sobre tal fato ou pessoa está correta, e não muito rara, comete enganos prejudicando a imagem da pessoa.

Separar casais, amigos, amigas, colegas em má situação perante chefes e professores - é a intenção advinda da inveja inconscientizada das mulheres. (Pacheco, 2003, p. 86)

Na atitude de inveja não queremos o que o outro tem, mas sim, atacar, destruir o próximo, mesmo que seja uma atitude inconscientizada. Quais as consequências da intriga no ambiente de trabalho? São inúmeras: clima ruim e desagradável; geração de conflitos; desunião de equipes; paranoia entre colegas, chefes e, também para com a empresa; queda na produtividade; a empresa em si não consegue funcionar de maneira adequada, seria como uma máquina enguiçada, na qual algumas peças estão com defeito, prejudicando o funcionamento como um todo.

Quando as mulheres tem esta atitude patológica de fazer intrigas, maldizer, reclamar dos homens, da sociedade, etc., não conseguem perceber que este é somente um dos reflexos, porque não estão realmente focadas em seu desempenho profissional.

Poucas mulheres ocupam o cargo de chefia nas grandes empresas. São minoria e, para muitas profissionais, tudo continuará assim. Pesquisa realizada pela Universidade de Brasília mostra que 85% das representantes do sexo feminino preferem ser lideradas por homens (quando o assunto é trabalho, claro). O que os homens acham disso? 95% deles concordam com a escolha. (Emrich)

A conclusão a que esta reportagem chega é a de que as mulheres são muito competitivas, emotivas e até duronas, ou seja, engana-se quem pensa que as mulheres agem somente com doçura e delicadeza. É necessário perceber que, atualmente, a mulher está agindo muito mais no aspecto patológico do que realmente na sua essência.

Porém, o que a pessoa intrigante não percebe é que a máscara que usa - de pessoa boazinha -, um dia será revelada e outras pessoas enxergarão essa má intenção e a colocação de escanteio, ou, no caso de ambiente de trabalho poderão ser demitidas, sem nunca terem o *feedback* do porque saíram, de fato, devido a esta atitude. Assim, a pessoa perde o contato com a realidade, se emburrece, pois isso impede ou atrapalha seu desenvolvimento profissional, enveredando por um caminho ruim, muitas vezes sem volta.

Portanto, demonstra-se aqui que para lidar com esta problemática não basta identificar uma situação, ou, não ter mais contato com a pessoa que normalmente faz a intriga, pois neste caso, não estaríamos lidando com a questão e, sim, evitando tal consciência. Para realmente tratarmos desta questão torna-se necessário conscientizar a patologia e más intenções deste ato, que por vezes parece tão pequeno, mas, na verdade tem graves consequências.

1.1 COMO IDENTIFICAR A INTRIGA

Foram selecionados alguns perfis, típicos de mulheres intrigantes, para que pudéssemos identificar esta patologia. Por exemplo, em uma simples reclamação, sem aparentes segundas intenções, já se pode identificar o início de uma intriga. Isso porque, mesmo sem perceber, quem está reclamando, afinal de contas, sempre está reclamando de alguém.

Portanto, a exemplo disto, tem-se no ambiente de trabalho o perfil da mulher que está sempre reclamando, e acreditando que os chefes ou outros colegas de trabalho a perseguem, mas não enxerga que muitas vezes é ela própria quem está se sabotando, deixando a desejar profissionalmente, embora acredite ser muito competente. Seria a pessoa paranoica, que sempre se considera a vítima; que as pessoas são

ingratas; que não a consideram, e ainda, acima de tudo a perseguem.

Existe também um perfil, que seria o da mulher que fala de maneira muito doce, delicada, “boazinha”, aquela que fala “somente para ajudar”. Expressa pena, dó, compreensão sobre o erro do outro ao mesmo tempo em que o diminui. São típicas as frases: “Poxa, eu entendo ele, mas...”; “Eu não queria saber, mas...”, “Tadinho, né...”. Pode-se perceber que muitas mulheres se utilizam dessa maneira de se expressar para falar de homens, mulheres, colegas em geral. Na verdade, ela se utiliza de uma máscara e não expressa suas reais intenções.

Outro perfil é o daquela pessoa é conhecida como a fofqueira da empresa, que faz sempre muitas críticas dos colegas, fala da roupa e do cabelo de cada um, demonstrando muita inveja. Normalmente, é possível identificar que o nível da conversa é sempre o de julgamento de outras pessoas, o que pode levar e à certeza de que, se a pessoa fala de outras na sua presença, é bem provável que ela também julgue você pelas suas costas.

E, como é possível perceber que a intriga ocorre mais através das mulheres? Há exemplos no livro “Twisted Sisterhood” (algo como irmandade distorcida), da autora americana Kelly Valen, feito a partir de um questionário de 50 perguntas, respondido por mais de três mil entrevistadas, o qual revela que 90% delas percebem “correntes de maldade e negatividade emanando de outras mulheres” de maneira frequente. Além disso, 85% afirmaram ter sido vítimas de grandes golpes, que mudaram suas vidas e de outras colegas. E mais, 75% disseram ter sofrido com o comportamento de amigas íntimas ciumentas e competitivas.

“Falar mal e fazer fofoca são comportamentos comuns entre as mulheres, que desde meninas agem de tal forma, na escola, contra as colegas, comenta o psiquiatra Antônio Flávio Testa, professor da Universidade de Brasília. *“Isso acontece porque, diferentemente dos homens, que geralmente partem para a porrada, elas internalizam, remoem, permanecem magoadas”*. Mas o que move as mulheres a se comportar dessa forma? “Inveja, ciúme ou competição”, diz Testa. (REVISTA ISTOÉ, em “O lado perverso da relação entre as mulheres”)

Portanto, este também é um alerta trazido pela psicanalista Cláudia Pacheco em seu livro: que comecemos a prestar atenção neste aspecto:

Façam um teste vocês mesmos. Comecem a observar o que falam as mulheres (e o que vocês próprios falam) e coloquem o que dizem em dúvida, mesmo que elas pareçam muito seguras de si. Descobrirão um mundo incrível de mentiras, fantasias e calúnias que jamais imaginaram!” (Pacheco, 2003, p. 87).

2. COMO LIDAR COMA INTRIGA

Muitas vezes, em uma conversa, o assunto começa a seguir um caminho inapropriado, ou então, alguém deseja te contar algo que ninguém pode saber. Portanto, toda vez que ouvimos uma informação precisamos questionar: essa informação é verdadeira? Está sendo falado em sentido negativo da pessoa? Você gostaria que falassem o mesmo de você? O conteúdo agregará positivamente à empresa ou ao ambiente de trabalho? Provavelmente, se ninguém pode saber, não

deve ser coisa boa. Logo, a partir destes questionamentos, é possível detectar que não existe boa intenção e, sim, muita má intenção.

Pela inversão do ser humano, achamos que sempre falamos para ajudar o próximo. Mas o pensar é diferente do sentir e agir, na prática. Com isso, atuamos invertidamente e não usamos, muitas vezes, o crivo da razão. Portanto, é preciso conscientizar estes aspectos para conseguir lidar com este tipo de situação. Afinal, quando não se está de acordo com algo, porque não dizer a verdade? Porque não buscar esclarecer as dúvidas? A resposta é porque desejamos continuar nutrindo intrigas através de maus pensamentos, más palavras, denegrindo a imagem alheia. Estando atentos e conscientes pode-se perceber que há muita má intenção por detrás de um comentário aparentemente simples, sem malícia, feito somente “para ajudar”. Para a pessoa que tem esta atitude intrigante, é possível tentar mostrar que ela tem esta má intenção, a partir dos resultados e suas consequências porque, normalmente, sempre que segue a própria cabeça, está seguindo delírios, a fantasia. A intriga parte sempre de uma suposição, vem sempre de algo negativo, é sempre oculta, feita pelas costas, enquanto que o esclarecimento é a luz, consciência.

Como a Trilogia Analítica unifica os campos da ciência, filosofia e espiritualidade, não é possível deixar de tratar o aspecto espiritual. Afinal, o que mais está por detrás da intriga? Será somente a atitude do ser humano, especialmente das mulheres, ou também há influência espiritual? Encontram-se nos trechos a seguir as respostas.

A mulher lembra o demônio nessa conduta, pois ele é chamado de “o caluniador” que passa a eternidade tentando colocar Deus contra os seres humanos, e estes, uns contra os outros. Ambos, mulheres e demônios querem separar, ferir,

destruir a reputação, caluniar por prazer de ver a inveja realizada, não se contém. (Pacheco, 2003, p. 86)

[...] uma pessoa intrigante, geralmente é dominada por maus espíritos - vamos dizer que a conduta de intriga caracteriza a principal arma dos malignos para criar todas as confusões em qualquer ambiente. (Keppe, Jornal STOP No 93, 2017)

Podem ser encontradas, inclusive na bíblia, diversas citações:

Além do mais, aprendem também a viver ociosas, andando de casa em casa; e não somente ociosas, mas ainda tagarelas e intrigantes, falando o que não devem. Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não dêem ao adversário ocasião favorável de maledicência. Pois, com efeito, já algumas se desviaram, seguindo a Satanás. (1 Timóteo, 5. 13-15)

Evita, igualmente, os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Além disso, a linguagem deles corrói como câncer, entre os quais se incluem Himeneu e Fileto. (2 Timóteo 2. 16-17)

O homem perverso espalha contendas, e o difamador separa os maiores amigos. (Provérbios 16.28)

Sem lenha, o fogo se apaga; e, não havendo maldizente, cessa a contenda. (Provérbios 26.20)

Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor. (1 Coríntios 10.10)

Se não há a busca de esclarecer alguma questão ou até contribuir para aumentar a intriga, a maledicência, não quer dizer que somos vítimas do intrigante, ao contrário, temos a mesma má intenção, e, não queremos deixar essa atitude demoníaca.

Parece que falar mal dos outros dá um enorme prazer e não queremos renunciar a isso. Atitude muito ligada à inveja, por não querer ver o que é bom, belo e verdadeiro, e a intriga mostra-se como um claro ataque a isto.

Outra questão se refere a pessoas que se dedicam a difamar as outras, elas atacam, mas não conseguem atacar o trabalho delas. Por isso, quem está trabalhando não tem tempo para se exhibir e os resultados do seu trabalho serão evidentes, mais cedo ou mais tarde.

Além disto, é importante saber e perceber que a intriga e maledicência fazem mal à saúde mental daquele que a pratica, a pessoa se aliena passando a não se enxergar mais, não percebe a realidade, fica somente projetando no próximo, no exterior.

CONCLUSÃO

A mulher acredita colher vantagens por fazer fofocas, intrigas, acha que estaria atacando o próximo, à sua rival, porém, não percebe que isto se trata de uma inversão e que este ataque é contra si mesmo, contra sua própria essência.

Não percebe sua ligação com os demônios, que têm o intuito de acabar com o ser humano e tudo o que de bom existe. A mulher é mais sujeita a esta influência, pois está ligada ao campo do sentimento, com a transcendência. A mulher é o elo de criação entre o homem e o Criador, e representa o campo do sentimento, que é a base de tudo.

Com isto, sua ligação com os demônios, a mulher acaba por “minar” seus relacionamentos, criando um clima super desagradável no trabalho quando gera intrigas. No entanto, muitas vezes, fala de um modo suave, meigo, e as pessoas acabam acreditando. Isto, porém, não dura para sempre, e a máscara de boazinha acaba sendo percebida por boa parte, que muitas vezes, ao invés de denunciar esta atitude, acaba por somente se afastar ou fingir que concordam com o comentário feito a respeito.

Certamente, por Deus ter dado às mulheres maior habilidade com a fala, também reforça que as mulheres devem vigiar muito mais esse aspecto: “Da mesma sorte, quanto às mulheres, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo.” (1. Timóteo, 3.11). Portanto, para lidarmos com tal questão, devemos nos utilizar da conscientização das nossas patologias e más intenções, a fim de lidar com esta problemática e ter mais equilíbrio e, conseqüentemente, mais desenvolvimento e um ambiente de trabalho mais saudável.

“No momento em que a mulher conscientizar a sua inveja, momento em que aceitar a consci-

ência da inveja, ela deixará o homem para trás, pois estará mais próxima dos anjos e de Deus, e mais próxima da genuína verdade.” (Keppe, 1987, p. 210).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2016.
- EMRICH, GLYCIA. **Chefe homem ou chefe mulher?** Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/chefe-homem-ou-chefe-mulher/n1237491689718.html>> Acesso em 20 jun. 2017.
- KEPPE, N. R. **A Libertação dos Povos: A Patologia do Poder**. 1 ed. São Paulo: Proton Editora, 1987.
- KEPPE, N. R. Artigo Jornal STOP Nº 93: **Psicoterapia e Exorcismo**. São Paulo: Associação STOP A Destruição do Mundo, 2017.
- PACHECO, CLÁUDIA S. B. **As Mulheres no Divã**. 3 ed. São Paulo: Proton Editora, 2004.
- REVISTA ISTOÉ. O lado perverso da relação entre mulheres. Disponível em: < http://istoe.com.br/119862_O+LADO+PERVERSO+DA+RELACAO+ENTRE+MULHERES/> Acesso em 20 mai. 2017.
- TRIBUNA PR. **Rede de intrigas é prejudicial no trabalho**. Disponível em: < <http://www.tribunapr.com.br/arquivo/mulher/rede-de-intrigas-e-prejudicial-no-trabalho/>> Acesso em 15 jun. 2017.

O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO DE RAMON LLULL

RAMON LLULL'S INTERRELIGIOUS DIALOGUE

Maria Regina T. Weckwerth ¹

RESUMO

Judeus, cristãos e muçulmanos. Três culturas regidas por um só Deus e fundamentadas nos mesmos princípios divinos: Bondade, Grandeza, Eternidade, Poder, Sabedoria, Virtude, Verdade e Glória. Entretanto, três culturas que viveram, e vivem, sob o manto da intolerância, sem que nenhuma saiba realmente qual a melhor religião. Raimundo Lúlio, objeto deste artigo, surpreende o leitor no prólogo de sua obra, O livro do Gentil e dos três Sábios, ao dizer dos bens que adviriam se todos tivessem uma só fé e uma só Lei. Caminho seguido por toda sua existência buscando estabelecer o diálogo interreligioso.

Palavras Chave: Diálogo interreligioso, virtudes, Lei, Fé, Ars.

SUMMARY

Jews, Christians and Muslims. Three cultures guided by a single God and founded on the same divine principles: Goodness, Greatness, Eternity, Power, Wisdom, Virtue, Truth

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade São Marcos, nos anos setenta. Especializou-se em Gestão de Conflitos com orientação na Psicopatologia nos anos 2000. Aos 2018, cumpre e defende Mestrado em História Medieval da Península Ibérica, na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), passando a integrar o corpo docente da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco, em Cambuquira, MG, nas disciplinas de Artes e Teologia Trilógica.

and Glory. However, the three of them have always lived under the cloak of intolerance, not knowing which the best religion is. Raimundo Lúlio, the subject matter of the current scientific article, surprises the reader in the prologue of his book “The Book of the Gentile and the three Wise Men”, by mentioning the benefits they would have gained had they all had a single Faith and one and the same Law. That is the path he followed all his life in this search for a dialogue among religions.

Palavras Chave: Dialogue among religions, Virtue, Law, Faith, Ars.

PREÂMBULO

Vivemos na atualidade o que se poderia chamar o mundo da informação. Através das mídias disponíveis temos acesso aos acontecimentos do mundo inteiro; por meio da Internet assistimos, lemos e ouvimos o que acontece em qualquer lugar do planeta em tempo real; as notícias invadem nossa privacidade através das redes sociais em nossos celulares e computadores de formas cada vez mais ousadas e aperfeiçoadas, caracterizadas nas formas o mais convincentes quanto possam ser. Naturalmente, entre notícias, informes e novidades há que serem ponderadas as razões, fontes e circunstâncias nas quais se embasam tais informações. Quantas distorções da comunicação se alastram com tom de verdade, ou quantas “verdades” podem ser proferidas irresponsavelmente? Em que margens situam-se nossa fé [crer] e nossa razão?

Conforme descrito por Jaulent na introdução da obra de Raimundo Lúlio, fundamentamos nossa fé no conteúdo que nos é transmitido, mas nossa confiança nunca deveria ser cega. Portanto, há uma simbiose entre razão e fé, “o ato de fé não pode estar dissociado da razão a ponto desta abrir mão

de sua estrutura fundamental”. Doutrina que se aplica do mesmo modo, às crenças religiosas, nas quais “há um conteúdo revelado, que se recebe na fé, porque se acredita que Deus não pode nos enganar nem se enganar, e há um trabalho da razão – a teologia” (Lulio-2001-pag. 8). Para Raimundo Lúlio, o homem foi criado principalmente para entender e não para crer. O exercício da razão, implícito no ato de fé, é ação prioritária.

CONTEXTO HISTÓRICO

O estudo de Raimundo Lúlio, filósofo do século XIII, destaca-se por sua inserção num contexto histórico no qual, a par da reconquista do território peninsular, sob o domínio islâmico, desenvolve sua obra, cuja ideia central funda-se num permanente diálogo entre as religiões para que o mundo viva em paz. Considerando a história da Península Ibérica, palco exemplar de representação do conflito inter-religioso desde o século IV, nos anos 320, nas origens hispânicas quando surgem as primeiras manifestações *Adversus Iudaeos*. Concílios e Tratados inúmeros são mobilizados envolvendo a polémica antijudaica e a tensa convivência entre cristãos e hebreus. Cenário que assumirá cores intensas com a invasão muçulmana em 711, complicando ainda mais essa convivência. Com a reconquista, Toledo é conquistado por Afonso VI (1109), abrindo enorme progressão histórica na Hispânia Medieval, que por apelo “científico”, estabelece um convívio harmônico entre os três credos, mesmo coexistindo num território permanentemente em guerras, invasões, fome e peste, conforme Pardo (2004).

A conhecida Escola de Tradutores de Toledo viveu seu ápice no reinado de Afonso X, *o sábio* (1221-1284), cuja política de tolerância estabeleceu normas de convivência entre as três culturas, não esquecendo que se estabeleceram se-

gundo princípios rígidos e no qual o fator “igualdade” não se faz absolutamente presente. O “outro”, ainda que tolerado, não escapa à humilhação e baixo uma série de disposições legais que o relegam a condição de cidadão de segunda categoria. Em seus textos jurídicos, *Las siete partidas*, Afonso X faz lembrar o crime dos judeus:

“En otro tiempo los judíos solamente se llamaban Pueblo de Dios, y tenían grandes privilegios, los que perdieron después que le crucificaron, y desde entonces no pueden tener oficio ni dignidad con que pudiesen apremiar a los cristianos.”²

Segundo Luiz Araújo³, na corte Catalão-Aragonesa, as coisas não eram muito diferentes. Ramon de Peñafort, defensor da conversão forçada dos infiéis, não descarta o uso da força bruta se necessário, e o constrangimento do afastamento de cargos públicos e do direito de viver na cidade, confinando-os em bairros distantes. O rei de Aragão, Jaime I, *o conquistador* (1213-1276), adota a política de conversão obrigatória dos infiéis, submetendo-os pela força às pregações dos frades dominicanos.

Em 1229, Jaime I reconquista a pequena ilha de Maiorca, que se encontrava sob o poder muçulmano e três anos após a reconquista nasce Raimundo Lúlio, (1232), cujo relacionamento com as culturas judaica e muçulmana deram-lhe os ingredientes fundamentais para o desenvolvimento de sua obra.

Raimundo Lúlio, pertencente à nobreza, foi mordomo real e tutor do Infante Don Jaime II de Maiorca, filho de Jaime I. Casado, pai de dois filhos desfruta mundanamente da vida na corte até passar a ter visões sobrenaturais, que o levam a

aspirar um estado mais elevado. Torna-se amigo de Raimundo de Peñafort, mas, se encanta com o espírito de São Francisco que inspirou o século XIII com o amor a Deus e a toda a obra criada.

Lúlio aspira converter infiéis com as armas da verdade e da fé em harmonia. Aprende o árabe e se expressa nela falando e escrevendo. Empreende uma série de viagens, fazendo pregações em sua terra natal, ao Norte da África, na Síria e na Palestina. É mestre em Paris, percorre a Itália. Sua vida é ação e contemplação. Aprende sem cessar, escreve, predica e aborda com valentia os problemas da ciência e da alma. É o primeiro na história a compor tratados de Filosofia em língua vulgar. É criticado e denunciado pelo dominicano Nicolas Eymerich que condena suas obras por proposições heréticas. É acusado de compor obra alquimista e tem suas obras apontadas no Índice, até que os reis de Espanha, Carlos V e Filipe II, recorrem aos Pontífices fazendo-os ver a pureza de sua obra; Pio IX o declara Beato e não lhe cabe a menor sombra de heresia. Raimundo Lúlio queria converter judeus e muçulmanos ao cristianismo e durante toda sua vida perseguirá seu sonho de redenção dos infiéis, quer muçulmanos ou judeus, através do diálogo. Cabe ressaltar este aspecto, aliás, fundamental, na diretiva metodológica *luliana*.

RAIMUNDO LÚLIO (RAMON LLULL)

Consumirá sua vida em busca da defesa de sua ideia unionista e apologética. Surpreende o leitor no prólogo de sua obra “O Livro do gentil e dos três sábios” ao descrevê-la nestas palavras, conforme Jaulent:

“Pensai, senhores, disse o sábio a seus companheiros, quantos são os danos que se originam pelo

fato de os homens não seguirem uma só religião, e quantos são os bens que adviriam se todos tivessem uma só fé e uma só Lei” (Lulio-2001-pag. 13).

Defensor do diálogo fará uso de seu próprio método, bastante diferente de seus contemporâneos, cujo teor revela uma feição muito mais simpática e inspirada na experiência da própria vida e imersa no desejo de fazer triunfar a Verdade. Até então, o empenho missionário em direção da conversão ao cristianismo fundamentava-se em aspectos débeis na argumentação das outras religiões para condená-los; cada qual buscava nestas controvérsias provar a superioridade de sua fé, levando na maior parte das vezes ao confronto e até mesmo ao litígio. O século XIII é marcado por hostilidades abertas contra os judeus e os sarracenos. Em 1263 é travado o famoso Debate de Barcelona, no palácio real em presença do rei Jaime I, do dominicano Raimundo de Peñafort e numerosos prelados, entre o rabino Mosé ben Nahman de Girona, conhecido como Bonastruc de Porta e o judeu convertido Pau Crestià, de Montpellier. A partir deste debate as discussões com o infiel terão importantes consequências que se desdobrarão do plano estritamente teológico, mas envolvendo também o campo político-social.

A conversão de Lúlio ocorreu neste período, passou nove anos estudando intensamente e já possuía uma perspectiva dos métodos empregados pelos dominicanos, além de ser profundamente avesso às argumentações baseadas em verdades de fé. Suas exposições e debates pautavam-se no que ele denominava razões necessárias, inspirando-se em Santo Anselmo, as quais jamais poderiam ser rebatidas por qualquer texto revelado. Para ele, os argumentos de autoridade

variam conforme diversas opiniões, nas quais se multiplicam as palavras confundindo o entendimento.

Neste contexto cabe esclarecer a citada conversão de Llull, como se deu, se desenvolveu e gerou seu método, a *Ars* (Arte).

Em sua obra, ditada por ele aos monges cartuxos de Vauvert, no final de sua vida, em 1311, intitulada *Vita Coaetania*⁴, tinha por objetivo transmitir sua obra às gerações futuras; base autobiográfica da qual se valem os historiadores da atualidade como fonte de estudos.

Em torno do ano de 1263, quando Lúlio ainda contava com aproximadamente 30 anos, vivia os últimos momentos de sua vida mundana e descomprometida compondo trovas e canções para uma namorada, de fato um amor adúltero, quando teve pela primeira vez a visão de Jesus com os braços em cruz, suspenso diante de si. Espanta-se e se refugia em seu leito. Entretanto a visão se repete quatro e cinco vezes, quando então assevera e entende que a visão lhe convidava a abandonar o mundo para dedicar-se a servir a Deus. Entra em profundas reflexões, deliberando três coisas em seu pensamento: colocar sua vida para a honra e serviço de Jesus Cristo, fazer livros contra os erros dos infiéis e edificar mosteiros nos quais homens sábios estudassem e aprendessem a língua árabe para pregar e manifestar a verdade. Espelha-se em São Francisco e passa a peregrinar em romaria e dedicar-se intensamente aos estudos, compra um escravo mouro para aprender o árabe, que após longos anos de convivência blasfema contra Jesus. Este fato desencadeia uma luta infeliz entre Lúlio e o escravo que acaba por ser encarcerado. Lúlio afasta-se para ponderar o que fazer com o dito escravo, entretanto ao retornar encontra o escravo, morto, pendurado pela corda com que estava preso.

Após estes acontecimentos, sobe até o alto da montanha Randa, não muito distante de sua casa, onde permanece por oito dias e é inspirado por visão divina, da ordem e da forma de escrever o livro contra os erros dos infiéis. Desce a montanha e dirige-se à abadia e compõe um livro muito belo ao qual chamou *Ars Magna* (Arte Maior – base de todo o sistema filosófico e teológico), e depois *Arte Geral* (subtítulo da obra *Ars compendiosa inveniendi veritatem*), escrita cerca de 1270, em Maiorca. Sobe novamente ao monte Randa e edifica um eremitério, atualmente Oratório de Cura, em mãos dos franciscanos. Este será o início de um longo caminho de estudos, escritos e viagens a ser percorrido por Lúlio, nos seus mais de oitenta anos vividos.

O método fundamentado em sua *Ars*⁵ será desenvolvido segundo um intrincado mecanismo combinatório, através de discos sobrepostos, que se movem um sobre os outros para organizar o conhecimento. Por 36 anos, trabalha no aperfeiçoamento desta Arte escrevendo diversas versões para adaptá-la aos diferentes níveis de compreensão do público ao qual se destinava. Um sistema de argumentação que se baseia nas *relações necessárias* entre os princípios que constituem a realidade, virtudes divinas e virtudes criadas – bondade, magnitude, eternidade, poder, sabedoria, vontade, virtude, verdade e glória –, e os vícios [pecados capitais], segundo combinações e intensidades diferentes para tudo o que existe, desde Deus a mais ínfima realidade. Relações que nascem da conjugação entre sujeito e os predicados [verdadeiros] que lhe são inerentes, segundo um diálogo [argumentação] que respeita dez condições, também necessárias e nunca contrárias, o que implicaria o não-ser [falso]. O verbo *convir* é frequentemente utilizado em suas argumentações considerando que a ligação do homem com o sagrado, convém a Deus e aos homens.

Lúlio apresenta em seu método uma nova maneira de encarar a realidade, que por seu dinamismo íntimo e permanente realimentação, não é assimilada totalmente pelo homem que frequentemente a confunde com a ideia que se faz dela. A realidade está em constante expansão e mobilidade; é ativa, complexa e dinâmica enquanto o entendimento do ser humano necessita da imobilidade do objeto a ser compreendido. A ideia é extremamente limitada, no pensamento tudo se torna imóvel e eterno, e aqui Jaulent dá como exemplo a fotografia que congela um momento da realidade. Por sua diferente constituição - dinâmica a realidade e, estática a ideia - organizam dois universos separados que se unirão no breve instante em que o homem pensa. Nesse momento a realidade está de algum modo presente em nós e nós presentes nela.

Estamos presentes no mundo física e mentalmente, por mais que fuçamos: “existe em nós um conhecimento habitual [inerente], sempre em ato, que torna patente [evidente] a realidade do mundo [universal] e ao mesmo tempo nos torna mental e habitualmente presentes nele” (Lulio-2001-pag. 19). É nesta abertura que se apoia a teoria do conhecimento de Lúlio, isto é, nossas ideias são verdadeiras quando se conformam e se ajustam à realidade. “Sem a luz [consciência] permanente do contato com a realidade patente [evidente], não poderíamos julgar sobre a verdade ou falsidade das ideias, pois é ela que permite o confronto entre a realidade presente e patente em nós e o que nós pensamos a respeito” (Lulio-2001-pag. 19). Poder-se-ia dizer que em outra condição o julgamento resultaria delirante, idealizado ou em outros termos falso.

A Arte luliana tem como premissa, em sua teoria do conhecimento, a congruência que deve existir no ato de conhecer - a realidade do conhecedor e a realidade do conheci-

do. Para ele, a realidade da pessoa (um ser bom) define ou limita seu campo de conhecimento (pode amar o bem) ou só terá noção do mal quando odiar. A argumentação se dará em função daquilo que é conhecido pelo ser e não das ideias feitas pelo ser.

Para Lúlio o ser é dotado da capacidade ativa e produtiva. O ser constrói a realidade. Para tanto esclarece:

“o Ser de Deus é a fusão de todas as atividades ou perfeições possíveis, unificadas num Ato Puro de Ser, com atividade interna e externa. O ser das criaturas, recebido e mantido ao longo de sua existência por Deus, será uma combinação das mesmas atividades divinas, porém em grau finito.” (Lulio-2001-pag. 21)

Desta forma, semelhanças, concordâncias ou discordâncias existentes na criatura serão reflexos das existentes nas atividades divinas. De acordo com Jaulent:

“dirá que a bondade é a razão pela qual o que é bom faz, produz, e comunica o bem”.

O entendimento humano se dá a partir da realidade do Ser primeiro, Deus e a um conjunto de princípios ativos que Lúlio denominará Virtudes ou *Dignatatis Dei*, princípios ativos primitivos [originais] e absolutos: Bondade, Grandeza, Duração [eternidade], Poder, Sabedoria, Vontade, Verdade e Glória.

Com sua Arte (*Ars*) Lulio proverá os meios de argumentação para provar que Deus, nas três religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), é o mes-

mo. O método de argumentação consiste basicamente num processo de associações das conveniências, diferenças e oposições, necessariamente apresentadas nas Dignidades divinas com as conveniências, diferenças e oposições que os princípios apresentam nos seres criados. Considerando que os princípios primitivos são mais intensos, está implícito o que mais convém ao ser e, quando infinitos, necessariamente terão de ser, na medida em que tais Dignidades são identificadas, cada uma delas, com a Essência Divina. Conforme demonstrado por Lúlio:

“A eternidade é algo de bom: Boa coisa é a eternidade, pois o bem e o ser convêm à eternidade; e eternidade e ser à bondade. Se a eternidade fosse coisa má, o não-ser e a bondade estariam de acordo entre si contra o ser e a eternidade; e se isto fosse assim, os homens, as plantas e as feras desejariam não-ser, o que não acontece de modo algum, pois é uma realidade todos amarem ser e deixarem de amar o não-ser.” (Lulio-2001-pag.22)

Observamos assim que os argumentos aqui demonstrados fundamentam-se na realidade e no que acontece no mundo, diferentemente dos processos dedutivos amparados em ideias pré-concebidas.

O LIVRO DO GENTIL E DOS TRÊS SÁBIOS

Importante obra apologética fundamentada em seu método da Arte, ainda que menos esquemático do que expõe em sua obra Arte Breve⁶, Lúlio de início faz referência ao seu sistema lógico-demonstrativo com vocábulos conveni-

entes que melhor demonstrem sua ciência. Divide o livro em quatro, sendo o primeiro destinado a provar a existência de Deus e a ressurreição, o segundo livro é do judeu, o terceiro do cristão e o quarto do sarraceno, nos quais cada sábio representante de uma religião pretenderá provar sua crença valer mais que a dos outros.

Na sequência apresenta um gentil⁷, muito sábio em filosofia, refletindo sobre sua velhice, a morte e os bens deste mundo. Este desconhecia Deus, não acreditava na ressurreição ou qualquer coisa após a morte. Sofria com isto, lamentava-se e chorava a perda da vida mundana, a qual tanto amava, enchendo-se de terror com o pensamento da morte. Em meio a tais considerações parte em busca de um remédio para sua tristeza, pensando encontrar uma floresta com fontes e árvores carregadas de frutos que sustentassem sua vida.

Chegando a um grande bosque, encontra a fonte, belos pássaros, riacho e árvores e dóceis animais, entretanto, retornam seus pensamentos de morte, crescendo-lhe no coração a dor e a tristeza. Mergulhado nesses tristes pensamentos sai caminhando de um lugar para outro tentando distrair-se, mas com mais força lhe movem os pensamentos de morte. Com grande angústia e sem saber que conselho tomar ajoelha-se na terra, levanta as mãos e os olhos para o céu, beija a terra suplicando piedade. Parte novamente por uma trilha seguindo por ela.

Enquanto isso, três sábios - um judeu, um cristão e um sarraceno - encontram-se na saída da cidade, saúdam-se e saem caminhando em busca de um recreio para suas almas cansadas pelo estudo alcançando aquela mesma floresta por onde andava o gentil, uma bela pradaria, uma fonte aprazível e cinco árvores significadas com letras. Junto à fonte, uma bela mulher, nobremente vestida, cavalgando um belíssimo

cavalo se apresenta aos sábios que lhe perguntam o nome, das propriedades das cinco árvores e o significado das letras escritas em cada uma das flores. A dama responde ser a Inteligência e descreve os significados:

- “As flores da primeira árvore significam - Deus e suas virtudes incriadas essenciais, e estabelecem duas condições principais: reconhecer e atribuir a Deus a maior nobreza na essência, nas virtudes e nas obras; a segunda, que as flores (virtudes divinas), não sejam contrárias umas às outras, nem sejam menos do que as outras”.

- “Na segunda árvore vêm escritas em suas flores sete virtudes (divinas) da primeira árvore e, as sete virtudes criadas, pelas quais o bem aventurado alcance a felicidade eterna. Suas duas condições estabelecem que, as virtudes criadas sejam tanto ou mais nobres para demonstrar as virtudes incriadas e que ambas nunca sejam contrárias”.

- “A terceira árvore têm escritas em suas flores as sete virtudes divinas [incriadas] da primeira árvore e, os sete vícios, pecados mortais. Também apresenta duas condições: primeira, que as virtudes divinas não concordem com os vícios e a segunda: convém afirmar tudo aquilo que for contrário à maior significação anteriormente dita, e tudo quanto diminua a contrariedade entre as virtudes, Deus, e os vícios humanos, salvas as condições das outras árvores”.

- “Nas flores da quarta árvore estão significadas as sete virtudes criadas e suas duas condições são: nenhuma virtude seja contrária à outra e, em segundo lugar: aquilo que for mais conveniente seja maior e tenha maior mérito, seja verdadeiro; o contrário disto seja falso, salvando-se as condições das outras árvores”.

- “A quinta árvore traz em suas flores significadas, as virtudes criadas e os sete pecados mortais. Suas duas condi-

ções são: primeiro, que as virtudes nunca concordem com os vícios e, a segunda: que as virtudes mais contrárias aos vícios sejam as mais amáveis e os vícios mais contrários às virtudes sejam os mais odiosos”.

A síntese das dez condições resume-se a dois princípios:

- Primeiro: todas as dez condições concordem com um fim;

- Segundo: que não haja oposição a esse fim, ou seja, o de amar, conhecer, temer e servir a Deus.

Após ter dito estas palavras aos sábios, a mulher despede-se e os três sábios suspiram dizendo da grande bem aventurança dos homens estarem sob a luz de uma mesma Lei e de uma só crença, sem o rancor e a má vontade promovida pela diversidade e contrariedade de crenças e de seitas. Havendo um só Deus, Pai, Criador e Senhor de toda a existência haveria união entre os povos no caminho da salvação. Mediante isto, juntam-se os três sábios para discutir frente às razões demonstrativas e necessárias aquilo em que acreditavam. Neste momento viram a chegada do gentil que caminhava pela floresta, um homem cansado, magro e sofrido, coração palpitante e olhos cheios de lágrimas. Saúda os três sábios que lhe retribuem a saudação dizendo “que o Deus da glória, Pai e Senhor de tudo quanto existe e que havia criado todo o mundo, que ressuscitará os bons e os maus, lhe valesse, o consolasse e o ajudasse em seus trabalhos”.

Atento a tudo que o circunda o gentil maravilha-se das palavras ouvidas e de tudo o que vê. Questionado sobre o que se passava em seu coração pelos sábios, diz ter vindo de terras distantes, caminhando como saído da razão⁸ por aquela floresta. Conta-lhes de sua dor, sua descrença e de seu sentimento mediante a saudação recebida pelos sábios. Estes

movidos pela caridade e piedade decidem demonstrar ao gentil a existência de Deus, suas virtudes e a esperança de ressurreição, argumentando pelas flores das cinco árvores, para alegrar sua alma e levá-lo ao caminho da salvação.

Num primeiro livro os três sábios seguirão o raciocínio envolvendo as três realidades – as sete virtudes divinas, as sete virtudes criadas e os sete vícios - respeitando as dez condições e as três verdades: Deus existe; a representação das virtudes divinas significadas nas flores da primeira árvore; e a esperança da ressurreição.

Entusiasmado, o gentil agradece por ter sido libertado do erro em que se encontrava, ajoelha-se e adora fervorosamente a Deus. Pede instrução aos três sábios para pregar entre familiares, amigos e ao povo em geral de sua terra, que se encontravam no mesmo erro em que ele estivera até então. Contudo, ao descobrir que os três sábios respondem por leis e crenças diferentes, lamenta-se da nova situação:

“- Ah, senhores! Em quão grande alegria e esperança me havíeis colocado! Mas agora me fizestes retornar a muito maior ira e dor do que costumava estar, porque depois de minha morte não tinha temor de sustentar trabalhos infinitos. Mas agora estou certo de que, se não estiver no caminho verdadeiro, toda pena está já pronta para atormentar perenemente a minha alma depois de minha morte! Ah, senhores! E que ventura é esta que me havia tirado de tão grande erro em que estava a minha alma? E por que minha alma retornou a dores muito mais graves que as primeiras”. (Lulio-2001- pag. 26)

Diante da angustia do gentil, os três sábios decidem provar separadamente suas respectivas crenças, estabelecendo a regra de que somente o gentio poderia contestar ou fazer perguntas ao sábio que estivesse falando.

Nos livros II, III e IV serão mostradas ao gentil as verdades da fé de cada um dos sábios por ordem de antiguidade e conteúdo doutrinal, dos quais Lúlio mostra seu conhecimento sobre a Lei do povo judeu e a Lei islâmica.

Após as três exposições, o gentil dirige-se a Deus numa longa e ardente oração de gratidão, cujo conteúdo poderia ser aceito pelas três religiões.

Terminada a oração o gentil vê-se diante de dois companheiros que se encontravam no mesmo erro e pede aos sábios que permaneçam para conhecerem a religião que havia escolhido. Entretanto, os sábios preferem partir alegando ser este um assunto a ser discutido entre eles, pela força da razão e pela natureza do entendimento, e que não teriam mais assunto para discutir, nem verdade a descobrir se o gentil revelasse a Lei que mais ama.

Na conclusão de sua obra, Lúlio descreve um interessante diálogo entre os três sábios ao retornarem do bosque para a cidade, sem, no entanto, revelar a fé de cada um. Um dos sábios retoma a ideia defendida por Lúlio acerca de uma única fé, uma só Lei, uma única seita, uma única maneira de amar e honrar Deus e que todos fossem amantes e ajudantes uns dos outros e não houvesse diferenças nem contrariedades de fé, nem de costume, salientando que, por estas diferenças e contrariedades uns são inimigos dos outros, fazem guerras e se matam tornando-se cativos uns dos outros e, são impedidos de louvar e reverenciar a Deus.

Outro sábio, fala acerca dos muitos homens enraizados na fé por herança de pais e antepassados e que seria impos-

sível alguém afastá-los disso através de pregações, disputas ou qualquer outra coisa que lhes fosse dita querendo mostrar o erro. Desprezariam tudo o que lhes fosse dito, permaneceriam e morreriam na fé na qual foram criados.

E outro sábio responde dizendo:

“[...] é da natureza da verdade estar mais fortemente ligada a alma do que a falsidade. Na realidade a verdade concorda com o ser, e, a falsidade concorda com o não-ser. Por isso, se a falsidade fosse combatida continuamente pela verdade, e por muitos homens, necessariamente a verdade venceria a falsidade, sobretudo não tendo a falsidade nenhuma ajuda de Deus, nem pouca nem grande, e sendo a verdade sempre ajudada pela virtude divina, que é a verdade incriada, que criou a verdade criada para destruir a falsidade” (Lulio-2001-pags. 246-247).

Fazendo um parêntese, observar que o trecho ora citado demonstra claramente o método seguido por Lúlio ao longo de toda a obra, bem como de todas as outras. A sequência de argumentações lulianas, apoia-se sempre no *princípio da conveniência*, princípio que tem de ocorrer, ou ser; o que é inconveniente não pode ser. Tal aplicação supõe necessariamente o conhecimento do que é ou não é tendo-se em conta que para Lúlio as realidades são atos – comparar realidades é comparar atos, ou seja, ver até que ponto são congruentes. A filosofia luliana é a filosofia do Bem, assim, toda realidade manifesta-se na natureza como um bem (*ens bonum*), portanto é amável. Consequentemente, a carência de ser será odiável. A partir de tais pressupostos, podemos perceber que

o que é conveniente é sempre amável e o que não é conveniente é odiável, conforme descrito por Jaulent.

Concluindo a obra, ao chegarem ao ponto de partida, na cidade, os sábios despedem-se pedindo perdão um ao outro caso tivessem dito contra sua Lei alguma palavra vil. Perdoaram-se e um dos sábios sugeriu que todos os dias e uma vez por dia disputassem seguindo as instruções que a Dama Inteligência lhes havia mostrado e, que o debate durasse até que os três tivessem uma só fé e uma só Lei. “Porque a guerra, o trabalho e a malevolência, e o fazer dano e ultraje impedem que os homens concordem em uma crença.”

CONCLUSÃO

A obra sobre a qual se desenvolve o presente artigo, embora aqui muito resumido, retrata fundamentalmente o propósito sobre o qual Ramon Llull dedica toda sua existência, quer seja, a conversão do infiel, através do diálogo, o que contraria em todos os aspectos a conversão forçada, geradora de tão grandes males conforme nos atesta a história. Entretanto, ao contrário de apontar erros aos infiéis desenvolveu seu método, a “Arte”, buscando os pontos que unem as três religiões, um único Deus e os *princípios absolutos* que O definem, e, assim demonstrar a primazia da fé cristã e, de acordo com Pardo (2004-pag. 45), “demonstrar os elementos principais que as separam, quer seja, a Essência da Trindade e que Cristo é o Filho de Deus Encarnado”. Atesta assim sua postura frente às outras duas religiões: “Imponho este nome “infiéis” aos judeus e aos sarracenos, (ROL I:489)”.

A “Arte” de Ramon Llull, seu método, nasce da necessidade em desenvolver uma obra missionária inovadora, diferente das já existentes, fundamentada na verdade, que para ele representava a libertação do homem. Sem dúvida, esta é uma das originalidades do sistema luliano, conforme o autor:

“Concede (supostamente) aos infiéis a possibilidade de que estejam na verdade. Para todos os integrantes de uma discussão, a procura da verdade é muito importante para a consecução do verdadeiro diálogo, pois a verdade torna o homem livre. Esta procura da verdade faz com que Llull considere que o outro possa ter a verdade (e na mesma regra, que ele mesmo se encontre errado) [...], e continuando mediante regras de raciocínio aceites por todos, é possível mostrar-se o esplendor da Trindade do dogma cristão” (Pardo-2004-pág. 57).

Conforme salientado na introdução deste artigo, a razão é fundamental para Llull, na medida em que afirma que o homem foi feito para entender e não para crer. Entendimento que se estabelece nas relações necessárias entre os princípios da verdade fundamentadas na razão, e não segundo deduções [ideias] destes princípios. Para ele, conforme Pardo, a fé nos proporciona o acesso às realidades divinas superiores, entretanto devemos, sempre, com ajuda da razão intentar penetrar nos mistérios da fé e tentar entendê-los. Ampliando esse espaço, e mesmo considerando a fé, ainda que não só no âmbito religioso, haveríamos que, conforme levantado na introdução deste artigo, apreender que nessa intensa invasão de privacidades, geradas nos meios de comunicação tecnologizados, na qual estamos submersos por agitadas marés de informações construídas e ampliadas, entre ameaças de terror ou promessas de felicidade apoiadas na mentira, criadas e ou deduzidas, poderíamos questionar quantas “ideias” são germinadas na ausência do uso do pensamento, do sentimento e da ação, em síntese na ausência da consciência, da verdade. Vê-se aqui o homem distanciando-

se do que, talvez, Lúlio chamaria de um distanciamento ou negação das *relações necessárias*. Conforme Keppe, psicanalista e filósofo contemporâneo, “o homem escolheu o não-ser para tentar ser – como se ligado ao Ser Divino, estivesse eliminando a si próprio” (Keppe,1999-p.79), fato este gerador das inversões nas quais grande parte da humanidade está submersa, vivendo alienada da realidade e angustiadamente em busca de algo idealizado, portanto inexistente, quando tudo de que ele precisa está diante e dentro de si.

BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Luis - Costa – Raimundo Lúlio – www.mecd.gob.es/dctm/Revista de educação- Site visitado 11/09/2016.
- KEPPE, Norberto R. – Metafísica Trilógica – A Libertação do Ser, Vol. I; 2ª ed. - Proton Editora- São Paulo, 1999.
- Las Siete Partidas del Sabio rey D. Alonso, Extractadas por El Licenciado D. Ignacio Velasco Perez, y una sociedade de Abogados del ilustre Colegio de esta Corte – Imprenta de los señores de Jordan e hijos, editores, 1843 - pp.648-650.
- LÚLIO, Raimundo – O livro do gentio e dos três sábios (1274-1276); JAULENT, Esteve: Introdução, tradução e notas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LLULL, Ramon – Vida Coetânia. Tradução: COSTA, Ricardo; Revisão: FIDORA, Alexander (Johan Wolfgang Goethe – Universität, Frankfurt am Main); Supervisão: REBOIRAS, Fernando Dominguez (Raimundus-Llullus, Albert-Ludwigs-Universität). Site: www.ricardocosta.com.br visitado em 22/10/2016.

PARDO, Pastor Jordi - Diálogo Interreligioso real ou aparente durante a Idade Média. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2227031.pdf> - Palestra Centro de Cultura Judaica - 2004- Site visitado 11/09/2016

SORIA, José Manuel Nieto (Director) – La Monarquía como conflicto em la Corona Castellano-Leonesa (c. 1230-1504):
OBRADÓ, Maria del Pilar Rábade: Cap. 6 – Judeoconvertidos y monarquía: un problema de opinión pública. Impreso em España por: ELECE, Industria gráfica.

O VULTO DE CRISTO ENTRE HISTÓRIA, POLÍTICA E TEOLOGIA

THE SHROUD OF CHRIST BETWEEN HISTORY, POLITICS AND THEOLOGY

Aurélio Lima Correia ¹

RESUMO

Neste artigo, tomando como objeto de estudo as representações do vulto de Cristo no Cristianismo dos primeiros séculos, e acompanhando diacronica e sincronicamente sua evolução, procuraremos detectar as tensões teológicas, ideológicas, religiosas e políticas, que estão por trás da elaboração da imagem de Cristo, seguindo, para tanto, os testemunhos literários do período imperial romano e as manifestações iconográficas do mesmo período.

Assim como toda obra literária dá testemunho das ideias, escolhas, interesses, grau de cultura de seu autor, da sua liberdade e de seus vários e possíveis condicionamentos, também uma obra de arte porta consigo a impressão de uma particular personalidade e da sua irrepetível visão e inter-

Bacharel em Sagrada Teologia pela Unisal / Pio XI, São Paulo, Brasil (2003). Bacharel em Letras Clássicas e Cristãs pela Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, Itália (2012). Mestrado em Letras Clássicas e Cristãs pela Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, Itália (2014). Especialista em Literatura Cristã Antiga, Composição Latina e Didática das Línguas Clássicas. Docente qualificado para o ensino monolíngue de Língua Latina (Latim-Latim). Atualmente, é diretor e professor no Studium Paulopolitanum, onde leciona Letras Clássicas, Vernáculos e Humanidades. Leciona História da Teologia, Grego Antigo e Latim, na Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos (São Paulo / Brasil).

pretação das coisas; esta reflete também a cultura, os gostos, as tendências (ideológicas, políticas e literárias) da época; pode representar as situações históricas na qual nasce e da realidade dos fatos políticos, sociais e econômicos de seu tempo. Colocando-os de maneira sincrônica, essas tensões podem revelar e esclarecer alguns aspectos da história do mundo tar-do-antigo que constituíram a base para a formação do mundo imagético da Alta Idade Média, condensado no vulto de Cristo.

Palavras Chaves: Imagem de Cristo. Obra de arte. Primeiros séculos. Tensões teológicas, ideológicas, religiosas e políticas. Mundo imagético da alta Idade Média.

ABSTRACT

In this article, taking as object of study the representations of the image of Christ in the Christianity of the first centuries, and accompanying diachronically and synchronously its evolution, we will try to detect the theological, ideological, religious and political tensions, which are behind the elaboration of the image of Christ, following, to this end, the literary testimonies of the Roman imperial period and the iconographic manifestations of the same period.

Just as every literary work bears witness to the ideas, choices, interests, degree of culture of its author, its release and its various and possible conditionings, also a work of art carries with it the impression of a particular personality and its unrepeatability and interpretation of things; it also reflects the culture, tastes, (ideological, political and literary) trends of the time; it can represent the historical actions in which it is born and the reality of the political, social and economic facts of its time. By placing them as a synchronic way, these tensions can reveal and clarify aspects of the history of the late-ancient world that constituted the basis

for the formation of the imagery world of the High Middle Ages, condensed into the figure of Christ.

Palavras Chaves: Image of Christ. Work of art. First centuries. Theological, ideological, religious and political tensions. Imagery world of the high Middle Ages.

2. FONTES LITERÁRIAS

2.1. TESTEMUNHOS LITERÁRIOS PROVENIENTES DO MUNDO CLÁSSICO

A única fonte literária proveniente do mundo clássico latino sobre a existência de um retrato de Cristo é um passo da *Historia Augusta* no qual se recorda que o Imperador Alexandre Severo possuía um larário no qual, entre outros, havia os simulacros de Abraão e Cristo:

Antequam de bellis eius et expeditionibus et victoriis loquar, de vita cotidiana et domestica pauca disseram. Usus vivendi eidem hic fuit: primum, si facultas esset, id est si non cum uxore cubuisset, matutinis horis in larario suo, in quo et divos principes sed optimos electos et animas sanctiores, in quis Apollonium et, quantum scriptor suorum temporum dicit, Christum, Abraham et Orpheum et huiuscemodi ceteros habebat ac maiorum effigies, rem divinam faciebat.¹

O testemunho acima citado vai analisado com certa reserva: o texto foi redigido no IV século e pode ser a expressão do clima religioso da época do autor da biografia de Alexandre Seve-

¹LAMPRIIDIUS, Alexander Severus 29, 1-2, in *Scriptores Historiae Augustae*, Loeb Classical Library, vol. II, Harvard 1924, p. 234.

ro, ou de uma concepção idealista da historiografia imperial, ou mesmo resultado da intervenção de segunda mão no texto original. Além disso, a menção não faz referência ao aspecto fisionômico de Cristo e, neste caso, poderia tratar-se de uma confusão com outra personalidade retratada. Mas a menção não deixa de ser interessante por suscitar a possibilidade de estabelecer algumas hipóteses e questões: mesmo se a menção à imagem de Cristo não seja factível historicamente, não deixa de refletir o clima religioso e filosófico da época da dinastia dos Severos; de fato, durante o principado de Alexandre, o Cristianismo gozou de relativa paz e liberdade que, em contrapartida foi negada aos pagãos remanescentes durante o principado de Teodósio (a *vita* de Alexandre Severo foi escrita durante um período de intolerância imperial em relação ao paganismo, daí que a menção ao simulacro de Cristo presente no larário de Alexandre Severo, ao lado dos simulacros de Abraão e Orfeu poderia ter como escopo uma crítica velada à política imperial contemporânea). Uma epígrafe encontrada em Salona e datada, segundo Marta Sordi², em torno da época do principado de Alexandre Severo corrobora um passo da História Augusta no qual relata que o Imperador Alexandre Severo *clamabat saepius, quod a quibusdam sive iudaeis sive christianis audierat et tenebat, idque per praeconem, cum aliquem emendaret, dici iubebat: "Quod tibi fieri non vis, alteri ne feceris. Quam sententiam usque adeo dilexit, ut et in palatio et in publicis operibus perscribi iuberet."*³.

²Cf. M. SORDI, *A proposito di un'iscrizione di Salona*, "Rivista di Filologia e di Istruzione Classica" 39 (1961), pp. 301-308. Segue a epígrafe, descoberta em 1954 e publicada pela primeira vez por B. Gabricevic (cf. Atti del III Congresso Internazionale di Epigrafia Greca e Latina, Roma 1959, pp. 77ss): [...] Si qu[is ex]asciare voluerit habe[at ir]ata numina. Quitquit [pag]ani sive iudei sive crissi[ani] colunt colent et deos manis. Unus quisque quot sibi fi[e]ri non vu[ult] facere non debet.

³LAMPRIIDIUS, *op.cit.* 51, 7s., p. 282. Outros passos da mesma biografia insinuam a simpatia imperial em relação aos cristãos. Para uma exposição mais detalhada do argumento cf. E. DAL COVOLO, *I Severi e il cristianesimo: ricerche sull'ambiente storico-istituzionale delle origini cristiane tra il secondo e il terzo secolo*, Roma 1989, pp. 85-102.

Destarte, a postura tolerante do imperador em relação ao Cristianismo, insinuada pelo autor da biografia de Alexandre Severo, é corroborada por uma fonte externa e independente (epígrafe de Salona). Deste modo, a menção ao simulacro de Cristo no larário de Alexandre Severo não seria absolutamente inadmissível historicamente. Embora a sua historicidade não possa ser totalmente comprovada (aliás, a prática de confeccionar e usar a imagem de Cristo - no caso uma imagem de finalidade devocional e não-decorativa - não é atestada em âmbito cristão além do espaço funerário), entretanto a menção em questão indica que o simulacro de Cristo não possuía uma valência neutra, muito pelo contrário: seja possivelmente na época de Alexandre, seja certamente na de Teodósio, a imagem de Cristo portava um discurso ideológico intrínseco que ia muito além do âmbito cristão e da finalidade religiosa, e este passo da História Augusta nos adverte a prestar atenção a estes aspectos que subjazem na iconologia de Cristo, pois não somente a tipologia mas o *locus* onde o vulto de Cristo esteja localizado pode conter uma mensagem que ao olhar do pesquisador moderno pode passar despercebida, mas clara e cristalina aos que viveram em seu contexto original. A sua valência política a apologética, neste caso particular, são incontestáveis, além do que não podemos olvidar jamais que, no âmbito da cultura romana antiga, as imagens tinham como finalidade a comunicação de uma mensagem, seja um rústico grafito, seja uma obra de arte refinada.⁴

2.2 TESTEMUNHOS LITERÁRIOS PROVENIENTES DO MUNDO CRISTÃO

As fontes literárias provenientes de âmbito cristão devem ser classificadas segundo dois critérios: a) critério interno: Le-

⁴P. ZANKER, *Un'arte per l'impero. Funzione e intenzione delle immagini nel mondo romano*, Milano 2002, p. 9-36.

tras Canônicas e não-canônicas (Bíblia e demais escritos cristãos); critério externo: escritos pré-constantinianos e pós-constantinianos (isto é antes e depois de 313, data do Edito de Milão e início de uma nova relação da Igreja com o Império).

2.2.1. LITERATURA CANÔNICA

Da literatura canônica (entenda-se Antigo e Novo Testamento) não podemos, obviamente, encontrar testemunhos diretos sobre o vulto de Cristo, mas os epítetos atribuídos a Jesus e a narrativa de suas *res gestae* podem nos revelar algo sobre o seu h!qoj, isto é, sobre a sua condição existencial reproduzida iconologicamente na arte paleocristã.

2.2.1.1. EVANGELHOS

Dentre os vários títulos atribuídos ao Cristo (Xristo/j – Cristo – é já um título em si!), os Evangelhos lhe atribuem o epíteto “mestre” (Dida/skaloj)⁵, tradução grega do termo hebraico transliterado “r9abbi/” e “r9abbouni/” (“meu mestre”), cuja raiz “**óá**” significa “muito”, “grande”, “grande em conhecimento”, daí “mestre”. O termo, em Língua Latina, foi traduzido como “magister” e “praeceptor”. Como uma espécie de “satélites lexicais” do termo “Dida/skaloj” encontramos também o verbo “dida/skein⁶” (ensinar) e o substantivo “didaxh/”⁷ (doutrina, ensinamento).

⁵ Mt 8, 19: d., aokolouqh/sw soi: magister, sequar te; 12, 38: d., qe/lomen shmei=on iodei=n: magister, volumus a te signum videre; 19, 16: d. aogaqe/, ti/ aogaqo/n poihs/sw;; magister bone, quid boni faciam? (cf. também Mc 10, 17 e Lc 18, 18; 22, 16: d.

⁶ Cf. A. SCHMOLLER, *Handkonkordanz zum griechischen Neuen Testament*, Stuttgart 2002, p.120s.

⁷ IDEM, *Ibidem*, p. 121.

Um aspecto que não é designado por um termo explícito, mas que toma grande parte das narrativas evangélicas é a “taumaturgia”, isto é, os relatos de milagres e prodígios operados por Cristo. Este será um tema muito explorado na iconografia paleocristã, principalmente na composição artística funerária onde aparece a figura de Cristo operando prodígios através de um bastão, a *virga virtutis*, elemento que possui, aliás, bivalência semântica na arte paleocristã: indica não somente a taumaturgia, mas também a docência⁸.

Não poderíamos encerrar este item sem mencionar a temática evangélica do “Bom Pastor”. Na tradição sinótica o termo “poimh/n” aparece diretamente referindo-se ao Cristo apenas uma única vez Mt 26, 31⁹, e mesmo assim trata-se de uma citação que alude a um passo de Zc 13, 7. Parece que o termo “pastor” empregado ao Cristo baseia-se, sobretudo, no passo de Jo 10, 7-21 onde se desenvolve a temática do Cristo “Bom Pastor”. De fato, somente neste lugar da Escritura é que aparece o epíteto “poimh/n” coligado ao adjetivo “kalo/j”¹⁰. O aspecto bucólico do tema propiciará o seu emprego na arte cristã posterior, dado que este tema era muito caro ao gosto da época.

2.2.1.2. APOCALIPSE

O livro do Apocalipse é, do ponto de vista do mundo imagético do cristianismo primitivo, uma verdadeira “mina” onde podemos encontrar uma gama imensa de imagens e metáforas como um complexo código que visa interpretar, na ótica interna de sua composição, realidades do passado, do presente e do

⁸ Cf. P. FILACCHIONE, *Da filosofo a Maestro: alcune osservazioni sulla iconologia della virga virtutis, tra paganesimo e cristianesimo*, in atti del Convegno *Docere et Discere: la figura del maestro nella formazione scolastica del mondo antico pagano e cristiano*, Roma, 8-9 aprile 2011, Roma 2012.

⁹ Cf. Mt 26, 31: Pata/zw to\n poime/na, kai\ diaskorpisqh/sontai ta\ pro/bata th=j poi/mnhj.

¹⁰ Cf. Jo 10, 11: oEgw eiomi o9 poimh\n o9 kalo/j.

futuro. Dada a natureza do livro, em relação ao Cristo será de se esperar um contato metafórico e mitológico.

Dentre as várias metáforas com as quais o autor visa referir-se ao Cristo, a mais característica da obra será aquela do “aorni/on” (cordeiro). Basta uma breve leitura do verbete em uma concordância do Novo Testamento para dar-se conta do emprego deste termo e da sua abundância no livro em questão.¹¹ A carga teológica do símbolo o coloca no âmbito semântico do binômio “sacrifício-martírio”, bem como da teologia sacramental (Eucaristia e Páscoa). O “cordeiro” é uma faceta do vulto de Cristo que vai além da mera descrição física e temporal. Trata-se de um símbolo altamente sofisticado que concentra, em si, vários significados em um único significante.

Atenção especial, entretanto, merece o capítulo 12, o qual possui um caráter fortemente mítico¹² e, por essa razão, importantíssimo do ponto de vista imagético. Dois mitos de origem “pagã” parecem subjazer na narrativa de Ap 12, 1-6 e 12, 7ss. No primeiro caso (Ap 12, 1-6), o texto parece aludir à representação mítica de uma rainha do céu astral, cujo filho é protegido pelo próprio Deus contra os ataques de um dragão. No segundo caso (Ap 12, 7ss), a cena de combate entre Miguel e o dragão inicia uma nova temática, independente daquela anterior. Temos aqui a reelaboração de dois mitos: o do nascimento, perseguição e vitória do deus solar, e do mito do combate e derrota do caos-dragão. Mesmo que não haja relação direta com este passo da Escritura, a representação de Cristo como divindade solar¹³ e o uso esporádico da imagem de Hércules portando um javali, um cervo ou um dragão como imagem de salvação¹⁴ estão no denominador comum do sistema iconológico do cristianismo primitivo.

¹¹ Cf. A. SCHMOLLER, *Op. cit.*, p. 64

¹² Cf. H. CONZELMAN – A. LINDEMANN, *Guide pour l'étude du Nouveau Testament*, Genève 1999, p. 419.

¹³ Cf. figura 3

¹⁴ Cf. J. VAN LAARHOVEN, *Storia dell'arte Cristiana*, Milano 1999, p. 26.

2.2.2 LITERATURA NÃO-CANÔNICA

Da literatura não-canônica, reflexo do lento processo de maturação da mensagem cristã em ambiente greco-romano, podemos obter alguns testemunhos explícitos sobre o desenvolvimento de um sistema iconológico que se afirmou no seio da comunidade cristã de maneira não tão tranquila e isenta de dificuldades como pode parecer ao não-especialista.¹⁵ De fato, o Cristianismo, derivado do judaísmo palestinese, naturalmente herdou deste a proibição mosaica de representação do divino, e mesmo da figura humana. Após a primeira geração de cristãos, em área linguística grega, apologistas como Atenágoras¹⁶ e Justino¹⁷ combateram fortemente as práticas cultuais idolátricas do paganismo. Em ambiente latino, a polêmica anti-idolátrica foi sustentada, por exemplo, por Tertuliano¹⁸, Cipriano¹⁹ e Minúcio Felix²⁰. Porém, interessantes são dois testemunhos provenientes da mesma literatura cristã antiga, um de proveniência grega, outro latina, que vão em sentido paralelo, para não dizer oposto. Um é o caso de Clemente de Alexandria: se bem que condene fortemente a prática idolátrica²¹, o mesmo concedia que a comunidade cristã pudesse se servir de imagens de caráter simbólico para adornar seus selos (pomba, âncora, pescador)²². Tertuliano, já um rigoroso montanista quando da redação do *De pudicitia*, menciona o fato de que os católicos (“psíquicos”) representam a imagem

¹⁵ Cf. F. BISCONTI, *Letteratura patristica ed iconografia paleocristiana*, in A. QUACQUARELLI, *Complementi interdisciplinare di Patrologia*, Roma 1989, p. 367.

¹⁶ W. R. SCHIEDEL, *Athenagoras. Legatio and De Resurrectione*, Oxford 1977, p. 35

¹⁷ JUSTINO, *Apologia* I, 1, 9.

¹⁸ TERTULIANO, *De idolatria* 1,1.

¹⁹ CIPRIANO DE CARTAGO, *Ad Demetrianum* 3 (CSEL 3, 1, 353)

²⁰ MINÚCIO FELIX, *Octavius* 32 (CSEL 2, 2, 45)

²¹ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Protrepticon* 4, 46-63 (SC 2, 106-127)

²² ID., *Paedagogus* 3, 11, 59-60 (SC 158, 123)

do “Bom Pastor” em seus cálices, e o faz sem uma grande re-provação explícita.²³

Além dos testemunhos acima citados a favor do uso de imagens, podemos invocar o comportamento prático de duas comunidades cristãs antigas: Roma e Dura Europos. Em Roma, em suas catacumbas, desenvolveu-se um rico sistema iconográfico entre o final do século II e início do III. Em Dura Europos foi descoberta uma *domus ecclesia* ornamentada por afrescos que, com certeza, pertencem a um período anterior ao ano de 256, ano em que a cidade foi destruída.

Os testemunhos citados até aqui, temporalmente, são anteriores a 313. Uma fonte muito importante para o nosso argumento e de época posterior ao Edito de Milão é fornecida por Eusébio de Cesaréia: trata-se da autópsia de uma representação da cena evangélica que narra a cura da hemorroíssa²⁴. O juízo de Eusébio é claramente negativo e atribui o fato aos costumes inveterados dos pagãos convertidos ao cristianismo. A sua aversão absoluta pela representação de um simulacro de Cristo é clara e cristalina no veto que impõe ao desejo da irmã do Imperador Constantino em possuir um exemplar da imagem de Cristo, alegando que não é possível representar o invisível, dado que a imagem de Cristo era já divinizada e não passível de representação²⁵. Por outro lado, o mesmo Eusébio parece elogiar a prática iniciada por Constantino de embelezar lugares públicos de Constantinopla com cenas cristãs, tais como o “Bom Pastor” e “Daniel entre leões”²⁶. Estas duas posturas testemunhadas pelo mesmo autor refletem o fato de que no cristianismo primitivo não existia o fenômeno da “iconofobia”, mas “idolofobia”, deixando aberta a possibilidade de um ulterior desenvolvimento da arte sacra sem fins diretamente cultuais.

²³ TERTULIANO, *De pudicitia* 7, 1 (CCL 2, 230)

²⁴ EUSEBIO DE CESARÉIA, *Historia Ecclesiastica* 7, 18, 2-4 (SC 41, 192)

²⁵ EUSEBIO DE CESARÉIA, *Epistula ad Constantiam* (PG 20, 1545-1550).

²⁶ Id., *Vita Constantini* 7, 18 (SC 41, 192)

3. FONTES ICONOGRÁFICAS

Passaremos a analisar o repertório de algumas imagens que se relacionem com o vulto de Cristo, dando ênfase ao ambiente da *Roma Christiana* que particularmente foi objeto de estudo *in loco*, principalmente durante a visita de estudo realizada ao Museo Pio Cristiano do Vaticano sob a orientação da Professora Dra. Penelope Filacchione²⁷. Com o emprego do termo “vulto”, obviamente, não queremos dar a entender que somente a “face de Cristo” entra em questão nesta pesquisa, mas o conjunto que compõe, em suas múltiplas facetas, a mensagem querida pelo comitente da imagem que condensa, em si, aspectos políticos e ideológicos da época, caso contrário, nossa pesquisa seria reduzida a um único aspecto, aquele estético-fisionômico do Cristo, e as conclusões seriam também, por sua vez, reduzidas.

O contexto “espiritual”, fator também condicionante da expressão artística paleocristã, é aquele individuado por alguns estudiosos como “Age of Spirituality”²⁸, que vai do final do século II ao final da Idade Antiga, isto é, à desagregação fatal do Império Romano Ocidental, época marcada pela angustia e pela ansiedade que levou ao confronto de diversas posições ideológicas, religiosas e sociais, tendo como “válvula de escape” os diversos mistérios, seitas e correntes filosóficas que visavam oferecer um porto tranquilo para sanar esse clima de angustia e ansiedade generalizadas. O cristianismo, em sua manifestação artística, encontrará nas paredes de seus cemitérios e sobre a frente de seus sepulcros o veículo perfeito de expressão de sua esperança e de sua crença, condicionadas pela tensão cultural contínua que sofreu, primeiro como ideologia de um grupo minoritário, depois como fenômeno espiritual de uma maioria triunfante e, por sua vez, detentora das mesmas forças tanatológicas desencadeadas pelos antigos algozes.

²⁷ https://www.comune.roma.it/resources/cms/documents/Filacchione_Penelope_12.04.2017.pdf

²⁸ AA.VV., *Age of Spirituality*, New York 1979.

3.1. CRISTO PEIXE

Neste período, das origens ao séc.III, a imagem de Cristo não é representada por um tipo fisionômico, mas sobretudo por símbolos que, criptograficamente, remetem ao seu significado. Talvez a razão esteja no fato de ainda restar na mentalidade cristã das origens o costume judaico-palestinense de não representar imagens sacras. Um exemplo de imagem “criptográfica” de Cristo é o “peixe” (em grego IXQUS²⁹), símbolo já presente no Novo Testamento e ligado ao milagre da multiplicação dos pães³⁰ e a uma aparição do Cristo resuscitado.³¹ Em ambos os casos o peixe sempre está coligado com o pão, símbolos da Eucaristia e consequentemente de Cristo. Haja vista ao fato que já no exemplo abaixo podemos notar duas características da arte paleocristã: a representação de um mundo simples (ou simplicado) e uma tendência à recapitulação de uma realidade em poucos elementos (it.: tendenza riassuntiva)



Peixe e pão eucarístico (início do III século).
Roma: Catacumba de S. Calixto.

²⁹ IXQUS também é um acrônimo que significa: Jesus (I) Cristo (X) de Deus (Q) Filho (U) Salvador (S)

³⁰ Cf. Mt 14, 19

³¹ Cf. Jo 21, 9

3.2. CRISTO BOM PASTOR

Também muito recorrente e ligado tanto ao simbolismo bíblico quanto àquele clássico e pagão é o tema do “Bom Pastor”. Como já analisamos no que se refere à literatura cristã, o tema já era explorado pelos cristãos africanos na confecção de vasos litúrgicos (cf. TERTULIANO, *De pud.* 10, 12). Em âmbito pagão, o pastor com um vitelo ou um aríete sobre os ombros, já presente na arte grega arcaica (Moskophoros³² e Hermes Crióforo, respectivamente), entra no mundo romano significando a *humanitas*, e também compendiando o lugar comum do *locus*



da esquerda para a direita:
Moskophoros (sec. VI a.C., Atenas); Pastor (sec. III d.C., Roma) ;
“Bom Pastor” (sec. III d.C., Roma)

³² Moscóforo, isto é, “portador de vitelo” (mo/sxo), gr.: vitelo), é uma escultura grega da idade arcaica (primeira metade do séc. VI a.C.?) encontrada na Acrópole de Atenas no século XIX. Trata-se de um ex-voto oferecido por um certo “Rhombos” à deusa Atenas. Sobre a iconologia desta imagem há uma dupla explicação: o vitelo poderia representar o “prêmio” recebido em ocasião de um concurso, ou o objeto do sacrifício a ser oferecido à deusa. Na iconografia cristã o vitelo é substituído pelo cordeiro, que pode ser entendido tanto como o fiel, tanto como o “Cordeiro”, isto é, o Cristo, e nesta acepção simbolizaria o sacrifício cristão. Cf. L. CHARBONNEAU-LASSAY, *Il Bestiario di Cristo*, vol.1, Roma 1994, p. 209.

amoenus, explorado já na poesia latina (p. ex. a poesia virgiliana), um lugar bucólico onde reina a paz e a tranquilidade.³³ Aliás, este tema também vai de encontro com a imagem bíblica de *paradisum* e com a polêmica anti-urbana levantada pelo cristianismo e outras correntes místicas³⁴



à esquerda: “Bom Pastor”, segunda metade do séc. III, Catacumba de Priscila, Roma; à direita: Hermes Crióforo, cópia romana de original grego do séc. V a.C.

3.3. CRISTO CORDEIRO

Ainda um tema de inspiração bíblica, mas conjugado com um elemento externo: o Cordeiro que abençoa os pães, uma clara alusão ao Cristo a partir de uma imagem recorrente no livro do Apocalipse e das narrativas evangélicas sobre a multi-

³³ F. BISCONTI, *Letteratura Patristica ed iconografia paleocristiana*, p. 370

³⁴ Reflexo dessa tendência anti-urbana no cristianismo do sec. III encontramos, por exemplo, em ARNOBIO, *Adversus Nationes* 7, 51a0 referirce a Roma como “in humani generis perniciem nata”. Cf. F. BISCONTI, *Op. cit.*, p. 372

plicação dos pães. Muito interessante é a solução para conjugar estes dois elementos que pertencem a gêneros literários distintos: opta-se por acrescentar um terceiro símbolo, a *virga*, instrumento cuja simbologia era muito conhecido no mundo greco-romano, significando seja a taumaturgia, seja a docência.



Cordeiro que abençoa os pães (ca. metade do século III, Catacumba de Commodilla, Roma)

3.4. CRISTO COMO DIVINDADE SOLAR (HÉLIOS - SOL INVICTUS - APOLO)

Um outro símbolo tomado do contexto ideológico e religioso da época em questão e assimilado ao Cristo é aquele do Cristo-Hélios, isto é, representado como divindade solar. Como já aludido, esta temática encontra respaldo na simbologia apocalíptica e se insere no contexto das religiões de culto solar. A imagem abaixo retrata um mosaico encontrada na Necrópole Vaticana e representaria o Cristo como uma divindade solar, vestido como Apolo-Hélios /Sol Invictus guiando um carro.



Cristo representado como Hélios (Sol) que ascende aos céus em um carro (em torno de 250 d.C., Mausoléu dos Julios, Necropole Vaticana)

Esta temática aparece quase contemporaneamente nesta moeda que figura o Imperador Marco Aurelio Probo representado como *Sol Invictus* guiando uma quadriga:



moeda do imperador Marco Aurelio Probo (ca. 280). Na moeda há uma inscrição de dedicação ao Sol Invicto. O Imperador é figurado portando uma coroa radiata, atributo da divindade solar.

Contudo, o mosaico da Necrópole Vaticana, segundo a já mencionada “tendência recapitulativa” própria da arte figurativa da época, poderia muito bem aludir, iconograficamente, à outra divindade solar, Apolo (o deus da benéfica luz, o sol que saí do seio da noite, Latona, e como divindade lucífera combate contra os inimigos “tenebrosos”, Tiyos e Python)³⁵ cujo diadema em forma de disco solar ou auréola é parte integrante do aspecto iconográfico desta divindade, como podemos ver abaixo comparando o mosaico vaticano com a representação do deus em duas áreas geográficas diferentes, ocidente e oriente:



à esquerda: Apolo, mosaico romano do séc. II;
 ao centro: Cristo Hélios/Sol Invictus/Apolo, Roma, séc. III;
 à direita: Apolo, Paphos, séc. II-III ca.

A referência a Apolo também é corroborada por um trecho do *Carmen Saeculare* de Horácio o qual atesta que Apolo se serve de um “carro” para mostrar (promis) e esconder (celas) o dia.

*alme Sol, curru nitido diem qui
 promis et celas aliusque et idem
 nasceris, possis nihil urbe Roma
 visere maius.*³⁶

³⁵ Cf. F. RAMORINO, *Mitologia Classica illustrata*, Milano 2008, p. 48.

³⁶ Q. HORATIUS FLACCUS, *Carmen Saeculare* 9-12 (texto latino: <http://www.thelatinlibrary.com/horace/carmsaec.shtml>)

Além desse aspecto de divindade solar, a jovialidade e beleza, características apolíneas por excelência, também aparecem na retratística simbólica do Cristo, principalmente nos sarcófagos onde o Cristo, quase sempre durante o séculos III e IV, é figurado como uma divindade jovem, não portando barba. Abaixo podemos comparar o vulto apolíneo de Cristo em dois sarcófagos distintos:



Sarcófago Dogmático, Roma, séc. IV

Acima temos a descrição de três cenas evangélicas: o milagre das bodas de Caná, ao centro o milagre da multiplicação dos pães e à direita a cena da ressurreição de Lázaro. Abaixo, à esquerda, a representação da coroação de Cristo pelo soldado romano, e à direita a cena da *Traditio Legis*, cena altamente ideológica, que representa a transmissão do mandato de pregar o Evangelho aos Apóstolos, geralmente a Pedro, portanto uma cena iconográfica típica da tradição romana.

Sarcófago de
Junio Basso,
Roma, séc. IV



3.5. CRISTO ORFEU

Um mito que encontrou amplo espaço na arte paleocristã no que se refere à representação de Cristo foi aquele de Orfeu. A temática da descida aos infernos se coliga perfeitamente ao ambiente funerário cristão e encontra ponto de contato com o artigo da fé que clara a descida de Cristo à mansão dos mortos. Além disso, outro ponto de contato explorado, principalmente por Clemente de Alexandria, foi o confronto entre Orfeu e o Logos, capaz de amansar os seres humanos comparados a bestas cruéis e ferozes como a serpente, o leão, o porco e o lobo através do “canto novo”:³⁷

esquerda:
Cristo-Orfeo,
séc. IV,
Catacumba dos
Santos Pedro e
Marcelino,
Roma; direita:
Orfeo, mosaico
romano de
época imperial,
Palermo, Museu
Arqueológico)



³⁷ Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Protrepticon* 1, 3 (SC 2, 55ss.)

3.6. CRISTO FILÓSOFO, DOCENTE E TAUMATURGO

Recorrente também, principalmente em sarcófagos, é a conjugação de três elementos resumidos em uma única imagem: a figura do mestre, do filósofo e do taumaturgo, três temas distintos recapitulados através de um símbolo: a virga. Tanto o mestre quanto o taumaturgo e o filósofo envergam este símbolo, muito eloquente aos contemporâneos, cristãos e pagãos.

Abaixo, podemos comparar o simbolismo da virga em três situações distintas: a figura à esquerda, um mosaico pompeiano que retrata a Academia de Platão, mostra um dos filósofos demonstrando algo aos demais fazendo uso de um bastão. Ao centro, a estátua de Esculápio custodiada no Museu Capitolino de Roma: a virga é o instrumento que simboliza os poderes taumatúrgicos do deus; geralmente uma serpente é representada em torno da virga e representa a força vital que se rejuvenesce (alusão à troca de pele efetuada por este réptil); além da restituição da saúde, o mito de Asclépio está coligado com a ressurreição dos mortos, dado que em uma versão do mito, Asclépio foi fulminado por Zeus pelo fato de subverter a ordem da natureza ao querer ressuscitar um morto.³⁸ À direita temos uma das cenas do assim chamado “Sarcófago Dogmático”, datado em torno do século IV e custodiado no Museu Vaticano; a cena representa o milagre das bodas de Caná.³⁹ Nenhum relato bíblico relata que o Cristo tenha se servido de uma virga para operar milagres, mas a força semântica da mesma e a sua riqueza simbólica serviram para criar a ideia de movimento em direção ao objeto ou pessoa que deveria sofrer a intervenção divina.

Mas a virga, no caso do “Sarcófago Dogmático”, ainda presta-se ao significado do magistério. De fato, a virga representa a autoridade de ensinar que o próprio Cristo detinha, e na conti-

³⁸ Cf. F. RAMORINO, *Mitologia Classica illustrata*, p. 149-151.

³⁹ Cf. Jo 2, 1-12.

nuação da narrativa esculpida no sarcófago, o Cristo a transmite a Pedro que se torna, assim, detentor desta autoridade magisterial.



da esquerda para a direita:
Academia de Platão (mosaico pompeiano); Esculápio (Museu Capitolino, Roma); Milagre das Bodas de Caná (Sarcófago Dogmático, sec. IV, Museu Vaticano)



Sarcófago Dogmático

A partir do século III a imagem clássica do filósofo se transforma. De uma concepção de filósofo inserido na sociedade e em suas problemáticas, emerge a ideia de filósofo como uma espécie de “super-homem” espiritual-religioso, apartado do materialismo urbano, asceta, divinizado, envolto em uma aura de

santidade e mistério.⁴⁰ O cristianismo, já nos seus primórdios, contemplando-se como a expressão última e definitiva da Sabedoria, assimila também esta mudança ideológica operada no seio da comunidade intelectual de seu tempo e adota em seu universo iconográfico a figura do filósofo para retratar o Cristo. Vale lembrar também que estamos nos inícios daquele movimento cristão cujas forças centrífugas ameaçaram a existência mesma da Igreja institucional, já reconhecida e favorecida pelo Império. Estamos nos referindo ao monaquismo, cujos principais expoentes consideravam-no como a filosofia por excelência, ou melhor a *vera philosophia*.⁴¹

Neste contexto, a imagem atualizada do filósofo serviu para expressar, conscientemente ou não, esta mensagem. O Cristo, o Logos, a Sabedoria Encarnada, retratado como filósofo moderno, serviu para redimensionar a relação entre o cristianismo e a filosofia pagã: este, já triunfante, quer a vitória final sobre a intelectualidade pagã, e declara a sua intenção retratando o Cristo como o Filósofo.



da esquerda para a direita:
retrato de um filósofo ancião (Afrodisia, Museu); busto de filósofo
(Istambul, Museu); Cristo (detalhe de afresco da Catacumba de
Commodilla, final do IV século, Roma)

⁴⁰ P. ZANKER, *Dai Filosofi ai santi e al ritratto di Cristo* in VV.AA., *Aurea Roma: dalla città pagana alla città cristiana*, Roma 2001, p. 407.

⁴¹ G. PENCO, *Il monachesimo fra spiritualità e cultura*, Milano 1991, p. 72.

Acima temos ao centro e à esquerda dois retratos de filósofos provenientes da Ásia Menor. À direita o retrato de Cristo, muito semelhante ao cânone dos filósofos do século IV: barba, cabelos longos, expressão enfática em direção ao alto.⁴² O aspecto divino é realçado no retrato de Cristo através de seu aspecto translúcido, fazendo com que a imagem do Cristo pareça estar destacada de seu pano-de-fundo, parecendo quase como um “fantasma”. Este aspecto é totalmente diferente daqueles analisados anteriormente. A diferença marcante está principalmente em retratá-lo portando a barba, uma verdadeira inovação iconográfica e iconológica (de fato se faz necessário o simbolismo de matiz apocalíptica - as letras gregas Α Ω⁴³ - que funciona como uma espécie de desambiguador e indica que aquele retrato é do Cristo) que se perpetuar-se-á e fixar-se-á no imaginário posterior, se bem que exemplos de Cristo imberbe serão ainda encontrados durante a alta Idade Média. Na mesma Roma do século IV encontraremos no Mausoléu de Constância um Cristo imberbe, mas é uma tipologia cujo destino foi selado pela nova corrente ideológica do cristianismo triunfante.

4. CONCLUSÃO

Todo este discurso visa a enquadrar corretamente as imagens do vulto de Cristo em sua intenção primordial. Não podemos também transcurar o fato de que após a expansão da religião cristã pela bacia do Mediterrâneo, a maioria daqueles que professavam a fé eram provenientes de âmbito cultural greco-romano e a questão do uso, função e intenção das imagens nesta cultura não eram as mesmas se comparadas com os usos e

⁴² P. ZANKER, *Dai Filosofi ai santi e al ritratto di Cristo* in VV.AA., *Aurea Roma: dalla città pagana alla città cristiana*, Roma 2001, p. 408s.

⁴³ Cf Ap 1, 8: οEgw/ eiomi to\ a1lfa kai\ to\ w}, le/gei ku/rioj o9 qeo\j, o(w@n kai\ o(h}n kai\ o(e)rxo/menoi, o9 pantokra/twr. Cf. também Ap 21, 6; 22, 13.

costumes de ambiente cultural semítico. No mundo romano, a comunicação era também mediada pelas imagens, chegando a um tal grau de abstração e sofisticação que a mensagem ia além do conteúdo temático, e às vezes nem possuía relação direta com o mesmo conteúdo⁴⁴. Daí que o uso de imagens dentro do âmbito cristão, naturalmente, tenderia a se desenvolver, apesar dos vetos contidos na Sagrada Escritura.

Ademais, podemos constatar como o conteúdo iconográfico pagão foi assimilado pelo cristianismo e reinterpretado à luz da nova crença. A maioria das imagens analisadas, de fato, possui imediatamente pouco contato com a tradição bíblica.

A partir desta visão de conjunto, ao confrontarmos fontes literárias e iconográficas, podemos reavaliar o problema da tensão relativa às imagens de uso cristão: não se trata de um conflito entre condenação e justificação de ícones religiosos, mas um decidido repúdio do culto dos mesmos.⁴⁵

Antes de 313, ou seja, da *Pax Ecclesiae*, o espaço mais propício para o desenvolvimento de um verdadeiro repertório comunicativo do cristianismo primitivo foi o âmbito funerário, até porque um espaço de culto público não existia antes de tal data. Este repertório iconográfico, pelo seu caráter imediatista, dada a sua tendência recapitulativa e à sobriedade, revela a sua natureza didática e catequética, constituindo uma verdadeira *Biblia pauperum*, “um indispensável auxílio didático num tempo em

⁴⁴ Cf. P. ZANKER, *Un'arte per l'impero. Funzione e intenzione delle immagini nel mondo romano*, p. 9s.

⁴⁵ ID., *Arte e Artigianato nella cultura figurativa paleocristiana. Altre equivalenze tra letteratura patristica e iconografia paleocristiana* in A. QUACQUARELLI, *Res Christiana. Temi interdisciplinare di Patrologia*, Roma 1999, p. 25.

que os recursos eram pouco sofisticados e extremamente simples se apresentava a organização das escolas de catecumenato”.⁴⁶

A análise deste repertório cultural do cristianismo das origens também desvela uma certa tensão polêmica com o mundo circundante: a temática do Cristo-Hélios parece ser uma verdadeira afronta ao aparato imperial, uma vez que parece desafiar a imagem pública do Imperador e de seu culto. Uma certa tensão também pode ser percebida no confronto entre a imagem do Cristo taumaturgo e o culto de Asclépio: retratando o Cristo com as feições de Asclépio, a mensagem é clara e cristalina sobre quem é, realmente, o benfeitor da humanidade por excelência.

Um aspecto interessante que podemos constatar neste confronto entre literatura e iconografia é a grande recorrência do símbolo do “Bom Pastor”, mais presente em imagens que na literatura. O fato pode ser explicado pelo fato da temática figurativa da tardo-antiguidade ser regida pelo gosto visual e literário de matéria bucólica que, iconologicamente, representava o “além” como um lugar sereno e ideal do *otium* campestre. Deste modo, a figura do “Bom Pastor” seria a mais próxima da Escritura (e portanto da pregação antiga, talvez um tema muito recorrente em âmbito funerário.⁴⁷) e disponível amplamente nas oficinas de confecção de sarcófagos que, entre outras, se adaptaria melhor ao habitat idílico-pastoral comum a pagãos e cristãos e poderia justificar, assim, o fenômeno da discrepância de recorrência do tema em questão na literatura e na arte figurativa paleocristã.

⁴⁶ F. BISCONTI, *Letteratura Patristica ed iconografia paleocristiana*, p. 377s.

⁴⁷ Aqui seria interessante investigar neste tipo de gênero literário o uso e a recorrência do Sl 22 (*Dominus pascit me et nihil mihi deerit*)

Finalmente, a última torre a ser tomada pelo cristianismo, o mundo dos filósofos, foi expugnado pela propagação da ideologia do cristianismo como revelação última e definitiva da verdade. O conceito de Cristo Filósofo, propagandeado pelos afrescos e mosaicos cristãos, seguido mais tarde pela iconografia do Cristo Imperador dominarão o cenário iconográfico da Idade Média.

1. BIBLIOGRAFIA

- ARNOBIUS, *Adversus Nationes* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- CYPRIANUS CARTHAGINIENSIS, *Ad Demetrianum*, ed. M. Simonetti, CCL IIIa, Turnholt 1976.
- CLEMENS ALEXANDRINUS, *Paedagogus* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- , *Protrepticon* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- EUSEBIUS CAESARENSIS, *Epistula ad Constantiam* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- , *Historia Ecclesiastica* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- , *Vita Constantini* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- IUSTINUS ROMANUS, *I Apologia* (http://www.undicesimaora.net/biblioteca/padri/Giustino_I.pdf).
- LAMPRIIDIUS, *Alexander Severus in Scriptores Historiae Augustae*, Loeb Classical Lybrary, vol. II, Harvard 1924.

- MINUCIUS FELIX, *Octavius* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*, 26a ed., Stuttgart 1983.
- TERTULIANUS, *De idolatria* (<http://www.monasterovirtuale.it/home/la-patristica/tertulliano-de-idolatria.html>).
- , *De pudicitia* (<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>).
- W. R. SCHIEDEL, *Athenagoras. Legatio and De Resurrectione*, Oxford 1977.

2. ESTUDOS

- CHARBONNEAU-LASSAY, *Il Bestiario di Cristo*, vol.1, Roma 1994.
- CONZELMAN H. – LINDEMANN A., *Guide pour l'étude du Nouveau Testament*, Genève 1999.
- DAL COVOLO E., *Il cristianesimo: ricerche sull'ambiente storico-istituzionale delle origini cristiane tra il secondo e il terzo secolo*, Roma 1989.
- FILACCHIONE P., *Da filosofo a Maestro: alcune osservazioni sulla iconologia della virga virtutis, tra paganesimo e cristianesimo*, in atti del Convegno *Docere et Discere: la figura del maestro nella formazione scolastica del mondo antico pagano e cristiano*, Roma, 8-9 aprile 2011, Roma 2012.
- PENCO G., *Il monachesimo fra spiritualità e cultura*, Milano 1991.
- PRAG J. – NEAVE R., *Making faces: using forensic and archeological evidence*, London 1999.

- QUACQUARELLI A., *Complementi interdisciplinare di Patrologia*, Roma 1989.
- , *Res Christiana. Temi interdisciplinare di Patrologia*, Roma 1999.
- RAMORINO F., *Mitologia Classica illustrata*, Milano 2008.
- SCHMOLLER A., *Handkonkordanz zum griechischen Neuen Testament*, Stuttgart 2002.
- SORDI M. , *A proposito di un'iscrizione di Salona*, "Rivista di Filologia e di Istruzione Classica" 39 (1961).
- VAN LAARHOVEN J., *Storia dell'arte Cristiana*, Milano 1999.
- VV.AA., *Age of Spirituality*, New York 1979.
- VV.AA., *Aurea Roma: dalla città pagana alla città cristiana*, Roma 2001. 25
- WILKINSON C., *Forensic Facial Reconstruction*, Cambridge 2004.
- ZANKER P., *Un'arte per l'impero. Funzione e intenzione delle immagini nel mondo romano*, Milano 2002.

MORRE NA ITÁLIA
O PROF. ANTONIO MERCÚRIO,
CRIADOR DA UNIVERSIDADE SOPHIA DE ROMA

Admirador e difusor do método psicanalítico de Keppe e Pacheco na Europa, foi o primeiro contato estabelecido entre a Sociedade de Psicanálise Integral e a Itália.



1981, Roma: Prof. Antonio Mercúrio recebe de Keppe e Pacheco o diploma de Membro Honorário da Sociedade de Psicanálise Integral

O prof. Antonio Mercúrio – renomado fundador da Universidade Sophia de Roma, e primeiro contato estabelecido entre a Sociedade de Psicanálise Integral e a Itália (1981) - faleceu dia 6 de dezembro de 2022, deixando um legado científico-cultural que deitou raízes em toda a Europa.

Admirador e difusor da ciência psicanalítica de Keppe e Pacheco, conheceu sua obra através de uma apostila por eles apresentada no IV Congresso Europeu de Psicologia Humanística em Genebra (julho de 1980). O prof. Mercúrio convidou então ambos a proferirem palestras e workshops para cerca de 300 alunos de sua organização(1981).

UNIVERSIDADE DE PSICOTERAPIA

A universidade que o prof. Antonio Mercúrio fundou era uma universidade de psicoterapia, que difundiu-se por outras cidades italianas, Genebra e Bruxelas, atingindo depois muitos centros culturais europeus.

As palestras ministradas por Keppe e Pacheco a convite do prof. italiano ocorreram nas sedes do Instituto de Psicoterapia Existencial (I.P.A.) e do Instituto de Antropologia Psicanalítica e Existencial (I.A.P.E).

Dra. Pacheco reporta que a Psicanálise Integral foi muito bem recebida pelos coordenadores das atividades da S.U.R., alunos e ex-alunos, que eram todos analistas em atividade ou em formação, e o que mais os impressionou foi o Método Dialético de Conscientização criado por Keppe.

Segundo ela, durante o workshop em Roma, dia 25 de março de 1981, o prof. Mercúrio declarou aos assistentes:

“A diferença (entre a forma de psicoterapia deles e a de Keppe) é que a Psicanálise Integral

tem o método dialético para fazer o paciente melhorar com rapidez. Nós sabemos que o paciente é o responsável pelo próprio mal. Mas qual é o nosso método para ele perceber isso? (...) Este ponto (do método keppeano) é de radical importância e é por isso que eu o destaquei”.

ENTREVISTA

Na ocasião, Dra. Cláudia entrevistou o prof. Mercúrio, entrevista que pode ser vista na internet. ¹

Prof. Mercúrio: Gosto muito da ideia de base de sua corrente terapêutica e eu concordo com seu método de trabalhar na psicoterapia.

Dra. Cláudia: O que pensa do método, por que lhe agrada?

Prof. Mercúrio: Porque tem uma capacidade de fazer conscientizar – seu termo favorito – o grau de violência que o homem pode fazer a si mesmo. Ele próprio, sozinho, sem precisar pensar sempre na violência que recebe dos outros, e esquecer a que faz a si próprio, esquecer como o ser humano pode distorcer sua verdade, a verdade objetiva e viver na mentira. Sinto que seu método é muito eficaz em obter essa verdade, essa consciência.

BIBLIOGRAFIA

Revista de Psicanálise Integral, Ano IV, nº 7, 1981, p. 11-18

http://www.dailymotion.com/video/xu7c43_lecture-of-keppe-and-pacheco-rome-1981_tech

FACULDADES TRILÓGICAS KEPPE & PACHECO E NOSSA SENHORA DE TODOS OS POVOS

As Faculdades Trilógicas têm suas raízes em 1970, com a fundação da Sociedade de Psicanálise Integral pelo Psicanalista Norberto R. Keppe, com a participação de sua assistente, a também psicanalista Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco.

Em 1980, dado ao aprofundamento e abertura no campo da Psicanálise, Psicossomática e Psicossociopatologia, passaram a chamar a essa, no campo científico interdisciplinar, de Trilogia Analítica.

Desde então, os membros da nova Escola de Keppe e Pacheco, aplicam a ciência trilógica a uma variada gama de áreas humanas, científicas, tecnológicas e artísticas.

A Ciência da Trilogia Analítica foi difundida nas Américas (Norte, Central e Sul), além de Europa, inclusive chegando à Rússia e ainda ao Oriente, na China.

Dentre tantas descobertas científicas da Trilogia Analítica, a Nova Física da Metafísica Desinvertida possibilitou a Tecnologia Keppe Motor, desenvolvendo motores de alta eficiência energética.

Os professores formados e capacitados em Psicossocioterapia, poderão treinar seus alunos a enfrentar os conflitos psicossociais cada dia mais crescentes na sociedade atual.

- TEOLOGIA – SENTIMENTO
- CIÊNCIA – AÇÃO e
- FILOSOFIA – PENSAMENTO

O estudo unificado da Teologia, Filosofia e Ciência proporcionará aos alunos se conscientizarem dos entraves (patologia) ao uso de sua riqueza interior, em grande parte inativa. Através da desinversão de

valores“psicossociais, os alunos das Faculdades Trilógicas trabalharão para a preservação do mundo em harmonia com as leis da natureza e da sua própria essência.

PÓS-GRADUAÇÕES

1) NOVA FÍSICA E TECNOLOGIA DE MOTORES RESSONANTES (KEPPE MOTORS):

Este Curso oferece, a todos os interessados, a oportunidade de conhecer a mais nova Tecnologia de motores elétricos aplicada a produtos de eficiência energética, através do princípio de ressonância eletromagnetomecânica: a Tecnologia Keppe Motor, patenteada em diversos países. Atingindo níveis de eficiência de até 90 por cento, o Keppe Motor é uma tecnologia premiada no Brasil e internacionalmente, conhecida e procurada por engenheiros e técnicos de diversas áreas que desejam inovar ou obter soluções mais eficientes, simples e de menor custo em eficiência energética motriz.

2) GESTÃO DE CONFLITOS – PSICOSSOCIOPATOLOGIA:

Fornecer os instrumentos para o aluno atuar na gestão de conflitos em sua vida pessoal e profissional, onde exige-se cada vez mais equilíbrio para lidar com adversidades e conflitos interpessoais. A partir do conhecimento de si e da sociedade, este curso é composto por aulas teóricas e práticas e oficinas terapêuticas de autoconhecimento (Gestão de Conflitos), visando a conscientização das causas mais profundas, psicossociais, muitas ainda inconscientes, que geram os atritos e problemas individuais e sociais.

3) TERAPIA EM SALA DE AULA: EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO:

O curso une a Psicanálise Integral (Trilogia Analítica) com a Pedagogia de forma única e inovadora. Apresenta propostas práticas aplicadas com resultados no ambiente escolar, por meio da conscientização. Forne-

ce recursos para o educador realizar o trabalho com maior satisfação e equilíbrio interno diante das situações de conflitos, stress e angústias dos envolvidos, com aprofundamento na vida psíquica.

4) PSICOSSOMÁTICA INTEGRAL – A MEDICINA ENERGÉTICA:

O curso visa desenvolver as competências para compreender cientificamente a origem emocional das doenças e como utilizar a medicina psicoenergética para corrigir a estrutura doentia do ser humano e da sociedade.

5) O DIVINO NAS ARTES – RESTAURANDO O EQUILÍBRIO PSICOSSOCIAL:

Este curso traz uma nova e transformadora visão da vida, através das Artes, por meio do método inovador de ensino do psicanalista Norberto Keppe, que coloca o aluno em contato com os princípios artísticos universais existentes, necessários para o crescimento do indivíduo e o desenvolvimento sustentável da sociedade.

6) POST GRADUATION IN ENGLISH: KEPPE’S SOCIOTHERAPY:

Conducted in English, this course prepares social change agents to help solve conflicts, develop leadership strategies and manage people, businesses and sustainable environments.

7) ENGLISH COMMUNICATION MANAGEMENT:

Para os que buscam desenvolver suas habilidades de comunicação, a partir do conhecimento das causas das dificuldades internas (psicológicas e emocionais) que impedem seu progresso.

As Faculdades Trilógicas também aplicam estes conceitos inovadores nos seguintes cursos de Graduação:

**GRADUAÇÕES PRESENCIAIS – FACULDADE TRILÓGICA
KEPPE & PACHECO**

1) GESTÃO AMBIENTAL (SUPERIOR TECNOLÓGICO):

O gestor ambiental pode atuar na gestão de programas de conscientização da população e de empresas, por meio da educação ambiental e da propagação da importância da conservação da natureza. Pode prestar consultorias em negócios ambientais e desenvolver projetos de preservação ambiental, nos setores: público (como servidor ou prestador de serviço) ou privado. O curso também desenvolve o empreendedorismo e prepara o gestor para atuar em ESCOs – Empresas de Serviços de Conservação de Energia.

2) ARTES VISUAIS (BACHARELADO):

Curso transdisciplinar, em que os alunos aprenderão múltiplas artes: desenho, aquarela, pintura em azulejos, literatura, teatro, cinema, artes gráficas, fotografia, música, produção de vídeos, empreendedorismo, entre outras.

**GRADUAÇÕES EAD – FACULDADE TRILÓGICA NOSSA SENHORA
DE TODOS OS POVOS**

1) TEOLOGIA TERAPÊUTICA (BACHARELADO):

Única graduação de teologia trilógica, não confessional, que unifica a Ciência, Filosofia e a Teologia. Aprenda como utilizar a psicoterapia na prática do teólogo. A PSIQUE (alma) é um dos grandes objetivos deste bacharelado. Entenda porque a sociedade humana está dia a dia mais afastada do seu Criador com suas dramáticas consequências.

2) PEDAGOGIA TRILÓGICA (LICENCIATURA):

através da conscientização da Psico-sócio-patologia e da Metafísica (estudo do SER), proporciona uma visão integral do ser humano, em seu sentimento, pensamento e ação, capacitando professores para conduzir seus alunos à realização boa, bela e verdadeira, e para a formação de cidadãos universais.

FACULDADE TRILÓGICA KEPPE & PACHECO

Sede - Av. Nossa Senhora Aparecida, 59
37420-000 – Cambuquira – MG
Tel. (35) 3251-3800 / Whatsapp (35) 98872 3470
www.keppepacheco.edu.br
contato@keppepacheco.edu.br
[facebook.com/keppepacheco.lc](https://www.facebook.com/keppepacheco.lc)
<https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>
Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

FACULDADE TRILÓGICA

NOSSA SENHORA DE TODOS OS POVOS

Sede - Av. Rebouças, 3115
05401-400 – São Paulo – SP
Tel. (11) 3032-4105 / Whatsapp (11) 93752-7604
www.fatrinossasenhora.edu.br
contato@fatrinossasenhora.edu.br
[facebook.com/keppepacheco.lc](https://www.facebook.com/keppepacheco.lc)
<https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>
Linkedin: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc

CENTRO DE LÍNGUAS DAS FACULDADES TRILÓGICAS

Avenida Rebouças 3887 – São Paulo – SP
Tel. (011) 3814-0130 / Whatsapp (11) 98429-9890
central3@keppepacheco.edu.br
contato@keppepacheco.edu.br
www.millenniumlinguas.com.br
Facebook: facebook.com/keppepacheco.lc
Instagram: <https://www.instagram.com/keppepacheco.lc/>
LinkedIn: [linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center](https://www.linkedin.com/company/keppe-pacheco-language-center)
Twitter: https://twitter.com/keppepacheco_lc



PRESENCIAL

Instituto de Ciência e Tecnologia

KEPPE & PACHECO

Mantenedor das

FACULDADES TRILÓGICAS



EAD

SOBRE A PROTON EDITORA

A Proton Editora foi fundada em 1976 por Norberto R. Keppe e Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco, com a finalidade de publicar as obras da Sociedade de Psicanálise Integral, posteriormente denominada de Trilogia Analítica.

Após 46 anos de existência, e publicando obras em 9 idiomas, a Proton dispõe de mais de três mil publicações, entre livros, revistas científicas, periódicos, CDs, DVDs, materiais didáticos e tecnológicos.

O primeiro livro publicado foi *Psicanálise da Sociedade*, de Keppe, obra pioneira e única de aplicação dos conceitos psicanalíticos nos fenômenos da sociedade.

A mudança de nome para Sociedade Internacional de Trilogia Analítica – SITA – mostra que o trabalho dos psicanalistas, em 1980, já ultrapassava os limites da ciência psicanalítica tradicional, para abraçar outros campos inerentemente unidos à dimensão humana e social, à filosofia e à teologia, como base de todas as ciências.

Posteriormente, com a expansão do trabalho dos psicanalistas e de seus assistentes e alunos, foi formado o Instituto Educacional Keppe & Pacheco, cujos estudos levaram a aplicações da ciência trilógica nos campos da psicoterapia, medicina e odontologia psicossomáticas, economia, psicoterapia, sociopatologia, artes, espiritualidade, filosofia, metafísica, educação, história, entre títulos entre livros, revistas científicas, periódicos, CDs, DVDs, material didático e tecnológico. O desenvolvimento das pesquisas no campo da Física culminou, baseado no livro *A Nova Física da Metafísica Desinvertida*, na Tecnologia do Keppe Motor.

E o desenvolvimento na área educacional levou à fundação da Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco, em 2017 (Ensino presencial) e da Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos, em 2021 (EAD - Ensino à Distância).

Hoje, a Proton é a Editora Oficial das Faculdades Trilógicas!



Diretor Presidente

Norberto R. Keppe

Diretora Fundadora

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco

Diretor Editorial

Marc André da Rocha Keppe

Supervisora Administrativa

Mara Lúcia Szankowski

Supervisor de Redação

Maria Regina Teixeira Weckwerth

Supervisora Científica

Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco

Correspondentes Internacionais

Alemanha: Thomas Eisinger

Canadá: Will Lajeneusse, Richard Jones

Colômbia: Cláudia Marcela Ruíz, Carlos Moccagatta, Constanza Villalobos Acosta, Francisco Prieto, Julieta Villarreal Villalobos, Pablo Marín

Espanha: Javier Llopis Gomila

EUA: Gilbert Gambucci, Leonard Burg, Susan Berkley

Finlândia: Anja Piirto, Markky Lyyra, Marja Torppo, Paivi Tiura, Sari Koivukangas, Sirka Koivuneva

França: Frédéric Esteve, Julien Colombar, Pryska Ducoeurjoly

Ingraterra: Ramon Jimmi

Itália: Fábio Biliotti, Fabrício Biliotti

Portugal: Gisela Carla Alcaide, Maria de Lurdes Alcaide, Maria de Lourdes Pelicano, Oscar Segurado, Suely Maria Keppe Simula

Rússia: Fatima Norell

Suécia: Anna Karin Björnsdotter Lindquist, Kerstin Arvidsson, Vicky Johansson

Distribuição

Sociedade Internacional de Trilogia Analítica - SITA

Faculdade Trilógica Keppe & Pacheco

Proton Editora e Tecnologia Ltda.

Índice

A Glorificação - *Norberto R. Keppe*

A Receita da Felicidade - *Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco*

A Filosofia Existencialista na poesia de César Vallejo - *Rocio del Pilar Lozano Torres*

O Processo de Ensino e Aprendizagem à Luz da Trilogia Analítica - *Denilson Teixeira, Simone Furtado, Eunice Guimarães de Souza, Iara Dantas*

Sair ou Ampliar a Zona de Conforto, uma nova Perspectiva à Luz da Trilogia Analítica - *Isabel Macarenco, Márcia R. F. Sgrinhelli*

Como Identificar e Lidar com a Intriga Feminina no Ambiente de Trabalho - *Jéssica Áurea Dias*

O Diálogo Interreligioso de Ramon Llull - *Maria Regina T. Weckwerth*

O Vulto de Cristo entre História, Política e Teologia - *Aurélio Lima Correia*

Morre na Itália, o Prof. Antonio Mercúrio, criador da Universidade Sophia de Roma

Sobre as Faculdades Trilógicas

Sobre a Proton Editora



FACULDADES
TRILÓGICAS



SITA

SOCIEDADE INTERNACIONAL
DE TRILOGIA ANALÍTICA



STOP
A DESTRUIÇÃO
DO MUNDO



81.02.4205